



VIOLÊNCIA CONTRA IDOSOS

Denúncias crescem 26,5% na PB

Foram registradas 1.266 ocorrências de janeiro a maio deste ano; órgãos oferecem apoio às vítimas. **Página 3**

Poder Público garante amparo à população LGBTQIAPNb+

Ações de saúde, formação e empregabilidade são alguns dos serviços disponibilizados à comunidade.

Página 7

Projetos sociais oferecem comida mais barata aos paraibanos

Além dos restaurantes populares, ações do MST e de empresas privadas reduzem insegurança alimentar.

Página 17

Mundial de Clubes tem estreias hoje

Botafogo enfrenta o Seattle Sounders, enquanto o Palmeiras joga contra o Porto, em partidas nos EUA.

Página 21

Lei agiliza combate a desastres

Em casos de calamidades, norma reduz a burocracia para doações e o envio de recursos.

Página 20

■ “Quanto a mim, sem persistência por um curso, pela perseguição a uma carreira cuja graduação dependesse de força de vontade e disciplina, terminei suportado pelo jornalismo”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

Ciclistas relatam desrespeito e poucas ciclovias em bairros

Quem utiliza a bicicleta como meio de transporte no dia a dia lamenta a insegurança no trânsito.

Página 5



Foto: Julio Cezar Peres



Foto: Leonardo Ariel

Período junino celebra as qualidades do milho

Popularidade e versatilidade do cereal crescem significativamente durante os festejos realizados no Nordeste, mas seu consumo pode ser observado durante todo o ano em diversos locais do país.

Página 8

JUNHO VERMELHO

MÊS DE INCENTIVO À DOAÇÃO DE SANGUE

O bem corre em suas veias



Três documentários nacionais entram, hoje, no catálogo da Netflix



Foto: Divulgação

O pianista Nelson Freire é o personagem de uma das obras que estreiam no serviço de streaming. Projeto foi dirigido por João Moreira Salles e lançado em 2003.

Página 9

Editais somam mais de 600 vagas no NE

Secult-PB, Uneal e Prefeitura de Bom Jardim abrem oportunidades de emprego em diversas áreas. Remunerações chegam a R\$ 8,6 mil.

Página 16

EM 2025

Violência contra os idosos aumenta 26,5% na Paraíba

Foram 1.266 denúncias em cinco meses, contra 1.001 no mesmo período de 2024

João Pedro Ramalho
joapramalhom@gmail.com

Embora representem 15,8% da população brasileira — e 15,9% dos residentes paraibanos —, os idosos são um dos grupos sociais que mais demandam cuidados do Poder Público. Para alertar sobre a necessidade de proteção a esses indivíduos, celebra-se, hoje, o Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa. Na Paraíba, a temática ganha relevância quando levadas em conta as informações do Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos, que reúne as denúncias feitas pelo Disque 100. Segundo o monitoramento, conduzido pelo Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), foram registradas 1.266 denúncias de violência contra pessoas com 60 anos ou mais, nos cinco primeiros meses de 2025. O número é 26,5% maior que o observado no mesmo período do ano passado, quando houve 1.001 ocorrências do tipo.

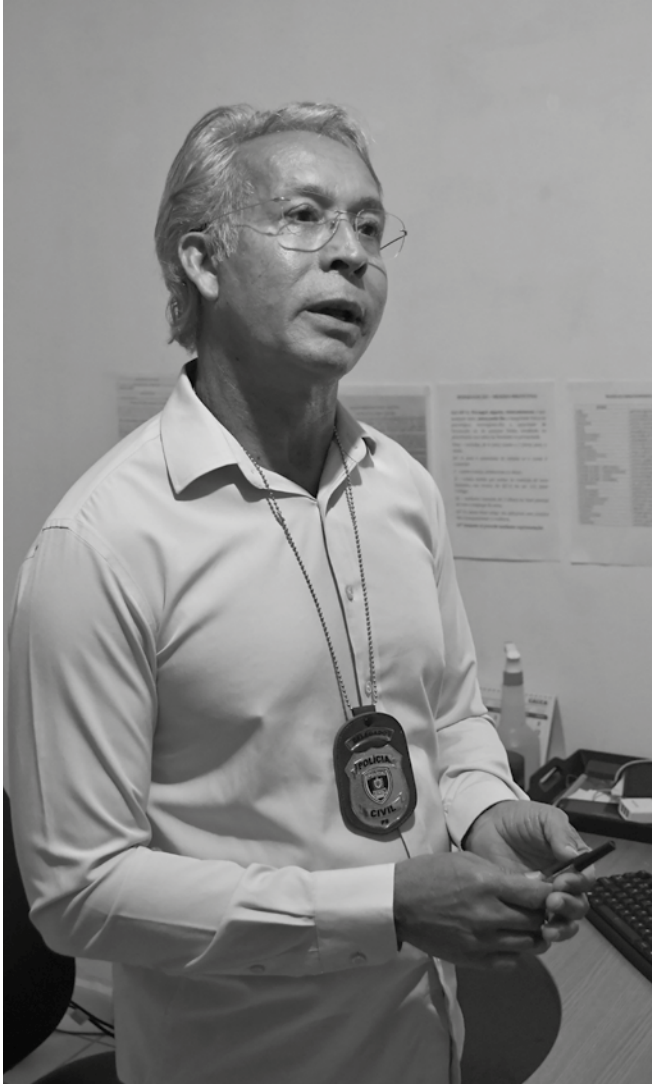
Para Francisco Marinho, titular da Delegacia Especializada de Atendimento ao Idoso (Deati) de João Pessoa, o aumento das denúncias está ligado à maior conscientização sobre a gravidade das violências. Mas não só isso: ele acredita que a sociedade está, de fato, mais hostil com os idosos. “O volume de ocorrências é muito grande aqui na delegacia. Nós temos alguns casos, por exemplo, de famílias que disputam o idoso por causa do salário dele. São pessoas que estão interessadas em administrar o idoso, não dentro

do contexto do amor e do cuidado, mas pelo dinheiro”, relata o delegado.

A violência patrimonial, aliás, é apontada como uma das formas mais frequentes de violação aos direitos dos idosos, segundo a 64ª promotora de Justiça de João Pessoa, Anita Bethania Silva da Rocha, que atua na defesa da cidadania e dos direitos fundamentais. Ela avalia que essa população é mais suscetível a influências de familiares mal intencionados, especialmente quando as vítimas têm saúde fragilizada. O prejuízo, porém, não se restringe aos valores subtraídos da conta bancária, desembocando em casos de negligência. “O abuso financeiro, na maioria das vezes, leva a maus-tratos porque, a partir do momento que o dinheiro do idoso é desvirtuado para outra finalidade, essa pessoa sofre uma carência, seja de alimentos, seja de medicamentos”, declara a integrante do Ministério Público da Paraíba (MPPB).

Atendimento

A predominância dos casos de violência cometidos por parentes dos idosos levou a uma modificação nas diretrizes de atuação da Deati. “Tudo que envolva vínculo familiar [e estiver previsto] no Estatuto do Idoso, como negligência e abandono, pode ser encaminhado para cá. Mas, por exemplo, se houver uma fraude por telefone, feita por uma quadrilha e que não envolva a família, vai para a delegacia do bairro”, orienta Francisco. Ainda segundo o delegado, além de receber e investigar as denúncias, sua equipe



Fotos: Leonardo Ártel

Francisco Marinho é titular da Deati de João Pessoa

atua na fiscalização de instituições de longa permanência, junto a órgãos como o MPPB e o Centro de Referência de Assistência Social (Cras) e no acompanhamento posterior das vítimas, com a finalidade de garantir a integridade dessas pessoas. Os interessados em registrar ocorrências podem procurar a Deati na Rua Ave-lino Cunha, 230, no bairro de Tambiá.

Já o MPPB trabalha tanto de forma preventiva — com campanhas educativas e palestras, por exemplo — como de modo repressivo. De acordo com a 64ª promotora de

Justiça de João Pessoa, as denúncias podem chegar pelo Disque 100 ou presencialmente, na sede da Promotoria de Justiça de Defesa dos Direitos do Cidadão, localizada na Avenida Almirante Barroso, 162, no Centro. “A denúncia tem que ter o nome e o endereço do idoso, para que a gente possa dar início a uma investigação e, consequentemente, adotar as providências cabíveis. Ela também tem que discorrer que tipo de violência o idoso está sofrendo: se são maus-tratos, se é violência patrimonial, se é violência física”, complementa Anita.

Núcleo na Defensoria Pública oferece apoio

Outro órgão que atua na proteção dos cidadãos com 60 anos ou mais é a Defensoria Pública do Estado da Paraíba (DPE-PB), por meio do Núcleo Especial de Defesa e Promoção dos Direitos das Pessoas Idosas e com Deficiência (Neped). Entre as demandas frequentemente acompanhadas pelo Neped, estão as ações de curatela, internações compulsórias, anulações de contratos fraudulentos ou de endividamento máximo, ações de obrigação de fazer ou de não fazer e audiências extrajudiciais de mediação e conciliação. E a procura por esses serviços também cresceu, no intervalo de um ano. De janeiro a maio de 2025, foram realizados 421 atendimentos, número 40,3% maior que o registrado nos cinco meses iniciais de 2024, quando houve 300 atendimentos.

O Neped é coordenado pela defensora pública Risalba Cavalcanti de Lima e conta com uma equipe formada por um assessor jurídico, uma psicóloga e uma assistente social. Para a coordenadora, o atendimento humanizado é um diferencial do órgão, que recebe mui-



Defensora Risalba Cavalcanti é coordenadora do Neped

tos idosos ao mesmo tempo, embora o espaço seja pequeno. “Muitas vezes, ele [Ianco Cordeiro, assessor jurídico] bota tanta gente aqui dentro da sala que eu digo: ‘Doutor Ianco, o que é isso?’. E ele responde: ‘Não posso deixá-los do lado de fora’. Porque eles gostam de aglomeração, acho que pela falta de carinho e de respeito”, comenta.

Uma das pessoas que buscou a Defensoria após sofrer violência patrimonial foi Maria Lúcia Venâncio, de 61 anos. Depois de 20 anos em um relacionamento, o companheiro deixou a casa, no bairro Mandacaru, e mu-

dou-se para São Paulo. Agora, os filhos dele entraram na Justiça para expulsá-la da residência. O problema é que a maior parte da renda da idosa vem do aluguel de quatro quitinetes, construídas nos fundos do terreno. Com esse dinheiro e com o valor recebido pelo Bolsa Família, dona Venâncio ainda cuida da filha, que é uma pessoa com deficiência. Sem direito ao teto e à relação com os inquilinos, a situação financeira ficará mais difícil. “Eu fiz benefícios e ajeitei a casa, para ela não cair em cima de mim, mas, agora, não tenho para onde ir. Eu só que-

ro justiça”, lamenta.

O caso da moradora do Mandacaru ilustra os problemas enfrentados por idosos que perdem o cuidado de seus familiares. A coordenadora do Neped acredita que a única maneira de modificar esse cenário é por meio da educação. “Aqui, é comum a gente fazer uma visita e encontrar o idoso em cima de uma cama, todo urinado, e seus filhos não estão nem aí. Pegam o dinheiro, fazem compras, vão beber e os deixam jogados. Por isso, é preciso orientar os jovens, para que eles saibam que vão envelhecer também, se envelhecerem. Porque essa geração de agora é agressiva e não tem respeito. Eles têm que ter valores e saber que vieram de um pai e de uma mãe, e que não podem entregá-los ao relento”, defende Risalba.

Quem precisa da ajuda da Defensoria pode procurar o Neped presencialmente. O endereço é a Rua Deputado Barreto Sobrinho, 148, no bairro Tambiá. Também é possível entrar em contato pelo telefone 98654-2853, que funciona como WhatsApp institucional.

UN Informe

DA REDAÇÃO

CHAMADA NORDESTE, DA SUDENE, COMEÇA A RECEBER PROPOSTAS PARA INVESTIMENTO DE R\$ 10 BILHÕES

Lançada pelo presidente Lula no fim de maio, a Chamada Nordeste prevê o apoio a projetos de infraestrutura, serviços públicos e empreendimentos produtivos alinhados aos eixos e missões do programa Nova Indústria Brasil (NIB). A submissão de propostas vem sendo feita desde sexta-feira (13) e vai até o dia 15 de setembro, e o resultado será divulgado até 28 de novembro. A Chamada Nordeste é uma iniciativa do Comitê Regional de Instituições Financeiras Federais da Sudene. A ação vai injetar R\$ 10 bilhões no Nordeste, reunindo todas as instituições financeiras federais atuantes na Região — Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Banco do Nordeste do Brasil (BNB), Banco do Brasil (BB) e Caixa Econômica Federal (Caixa), além da Financiadora de Projetos (Finep), do Consórcio de Governadores do Nordeste e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste. O edital está disponível nos sites das instituições. O superintendente da Sudene, Danilo Cabral (foto), enfatiza que a iniciativa conta com um expressivo volume de recursos financeiros e que “a parceria formada em torno dela mostra que a Sudene está no rumo certo, cumprindo seu papel de pensar em soluções e mobilizar quem tem condição de tirar do papel os projetos que realmente fazem diferença na vida das pessoas e no desenvolvimento do Nordeste”.

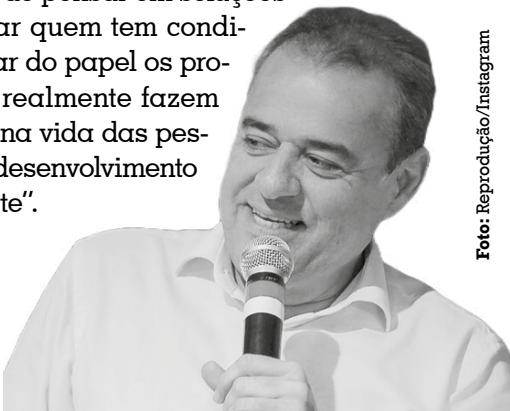


Foto: Reprodução/Instagram

CORREGEDORES ELEITORAIS (1)

O vice-presidente do TRE-PB e corregedor regional eleitoral da Paraíba, desembargador Márcio Murilo, destacou, durante evento em Gravatá (PE), o trabalho dos corregedores nas eleições. “Eleição não é só apuração de votos. Envolve também o pós-eleição, em que o corregedor atua como relator nato, o controle de transferência de eleitores, o cancelamento de títulos e a mobilização para o alistamento de jovens”, salientou.

CORREGEDORES ELEITORAIS (2)

Márcio Murilo disse, ainda, que “é fundamental que os corregedores estejam atualizados com as constantes mudanças na legislação eleitoral, para que possam não apenas aplicar corretamente as normas, mas também fazer a ponte com os juízes e jurisdicionados”. Ele esteve acompanhado do juiz auxiliar da Corregedoria, Rodrigo Marques Silva Lima, e do secretário André Vieira Queiroz.

MINHA CASA, MINHA VIDA

O Ministério das Cidades autorizou, na última sexta-feira (13), a contratação de 7.936 novas moradias do Minha Casa, Minha Vida Rural. A informação foi publicada no Diário Oficial da União. Para a região Nordeste, foram destinadas 2.611 novas moradias, sendo 196 na Paraíba. A linha de atendimento é voltada a famílias residentes em áreas rurais com renda bruta familiar anual de até R\$ 120 mil.

ABONO SALARIAL

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) inicia, amanhã, o pagamento do quarto lote do Abono Salarial, que beneficiará 4.323.102 trabalhadores nascidos em julho e agosto, com um total de R\$ 5,1 bilhões em recursos. Em 2025, o MTE destinou R\$ 30,7 bilhões para o pagamento do benefício a cerca de 25,8 milhões de trabalhadores com direito ao abono salarial.

SEMANA DO REGISTRO CIVIL

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ), por meio do Programa Fazendo Justiça, parabenizou o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap-PB), pelo apoio à 3ª Semana Nacional do Registro Civil – Registre-se!, realizada de 12 a 16 de maio de 2025. O objetivo da ação foi emitir documentos civis para pessoas privadas de liberdade.

ARRAIAL JUNINO MARCA OS 18 ANOS DO CENTRO CULTURAL DO BNB EM SOUSA

O Centro Cultural do BNB em Sousa completa 18 anos no próximo dia 25 e, para comemorar a data, realizará uma edição especial do Arraial do CCBNB. A festa acontecerá no período de 18 a 21. Considerado a principal “vitrine” para artistas de diversas linguagens da região, o Centro Cultural é um elo entre a produção local e o circuito artístico nacional, em pleno Sertão paraibano.

Gregória Benário

Diretora-executiva da Jucep

“Qualquer investidor se sente seguro para poder investir aqui na Paraíba”



Gestora destaca trabalhos de modernização do órgão, agora que o estado tem despertado cada vez mais atenção nacional

Bárbara Wanderley
babaiwanderley@gmail.com

A Junta Comercial do Estado da Paraíba (Jucep) tem a missão de promover o registro público de empresas na Paraíba, além de inscrever os leiloeiros e tradutores oficiais no estado. Sob a diretoria-executiva de Gregória Benário, a Jucep, que completa 132 anos de existência em 2025, vem se modernizando e registrando cada vez mais empresas novas no estado. Gregória Benário, que também exerce mandato como presidente da Federação Nacional das Juntas Comerciais (Fenaju), conversou com a reportagem de **A União** sobre os trabalhos de modernização e integração da Jucep, agora que a Paraíba tem recebido cada vez mais investidores.

Entrevista

■ Neste ano a Jucep completa 132 anos. Qual é a avaliação que você faz dessa trajetória tão longa?

É uma avaliação muito positiva. A Junta Comercial trabalha com registro de empresa é onde se inicia a vida de uma empresa, e esse processo, que era totalmente manual, que precisava vir até o órgão para poder apresentar os documentos, em qualquer parte do estado, hoje é totalmente digital. Então, visualizar esse caminho de forma rápida, querendo ou não, acompanhando não só as gerações, mas a dinâmica da contemporaneidade, é muito importante. Mostra que a junta comercial está não só antenada, mas com esse olhar voltado para as necessidades sociais do momento. Então, é extremamente positivo.

■ Hoje é possível abrir empresa em 24 horas. Como foi possível alcançar esse nível de eficiência e o que isso representa para o ambiente de negócio aqui na Paraíba?

A gente já nem fala mais em 24 horas. A gente já fala em menos; 24 horas é o cenário nacional. E a leitura que a gente faz é justamente isso. Na Junta Comercial, o registro ocorre em duas horas. Isso é um feito muito positivo, e isso mostra também o investimento que ocorre em equipamento, que ocorre em capacitação dos servidores, e nesse sentido a gente comemora, tem uma leitura de vitória nesse aspecto. O entendimento que os próprios servidores da casa, o entendimento que o próprio gestor, o governador João Azevêdo, teve esse olhar voltado para tornar um espaço tecnológico, tornar um espaço totalmente digital e favorecendo essa atuação de abertura.

■ Qual é o impacto concreto dessa transformação digital para os empreendedores?

É que qualquer investidor, em qualquer parte do mundo, se sente seguro para poder investir aqui na Paraíba. Isso é positivo. O maior exemplo que a gente vê é o Polo Turístico, que conseguiu em

tempo recorde ter o investimento de empresários internacionais, passando pela Junta Comercial sem nem precisar estar na Paraíba para dar entrada para que essa filial ou nova empresa seja aberta. A gente também tem essa leitura de que, se há uma celeridade neste aspecto para abertura de empresa, e se há investimento no estado, consequentemente há geração de emprego e renda. Isso é o ponto central que a gente tem como leitura. Gerando emprego, a gente vai ter um desenvolvimento não só econômico, mas um desenvolvimento social para as pessoas. Então as pessoas vão ter a formação, o emprego formal, essa oportunidade de ampliar neste aspecto. Isso é uma vitória. A Junta já também não vem pensando apenas em registrar a empresa, mas a Junta Comercial da Paraíba já vem em diálogo, com a Secretaria de Planejamento também, que vem também acompanhando esse cenário de que, se a Junta consegue ser célere, transparente, então um órgão de licenciamento também pode ser. Porque não basta uma empresa ter um CNPJ; a empresa precisa também ter autorização para o seu funcionamento. Neste sentido, a gente está buscando integrar essa o sistema, tornar um balcão único.

■ A Jucep também está passando por uma reforma no ambiente físico. Qual a importância de modernizar esses espaços presenciais? Ainda tem atendimento presencial na Jucep?

Tem, tem atendimento presencial na Junta. Por que a reforma? Primeiro, a casa que está há mais de 70 anos, pertencente a Junta Comercial é uma casa que está no Centro da cidade. E isso é muito simbólico, é uma casa que tem história da própria cidade de João Pessoa. Então, é natural que precise de reformas no âmbito estrutural, reformas, inclusive, para dar um melhor espaço de condições de trabalho. Se tem um servidor que tem um espaço modernizado, então ele vai trabalhar também com mais qualida-

de, prazer e é natural que a gente realize essas reformas, para a própria atuação e aparência da Junta Comercial. E tem também o atendimento presencial. A gente tem o teleatendimento, que é o mais usado, que são as consultas de processos, dos andamentos, das análises, mas também, se porventura um usuário, um contador ou um empresário queira vir até a Junta, tirar alguma dúvida, está aberto. E é importante também entender que a Junta Comercial não trabalha apenas o registro de empresa. A Junta Comercial também é responsável pela matrícula, pelo registro dos leiloeiros oficiais, algo que é pouco dito, mas, para ser um leiloeiro oficial, precisa estar registrado devidamente na Junta Comercial, assim como os tradutores oficiais. Isso é importante e também passa pelo atendimento presencial.

■ A Jucep também lançou o ranking municipal de ambiente de negócios. Qual é o objetivo dessa iniciativa e que tipo de impacto esse ranking pode ter nos municípios?

O estado é completo quando todos os municípios estão integrados entre si. E o que é essa integração? Aqui na Junta, a gente também trabalha na questão da viabilidade. Não basta a empresa dizer que quer abrir uma padaria ou um posto de gasolina. Tem que saber se é viável naquele local, naquele terreno, naquele espaço ou naquele município. E isso passa pelo município, assim também como os alvarás. A gente vem adotando uma política de conscientização, uma política de atuação, para que os municípios possam estar também modernizados neste sentido. Já temos 201 municípios que estão integrados à estrutura Redesim, um sistema único. Faltam apenas 22, mas, desses 22, oito já estão em fase de implementação. Então, nesses dias, a gente vai ter o estado todo, todos os municípios, com esse olhar dos gestores voltados para a celeridade das análises, dos processos e também a busca da modernização. E aí o ranking que a gente vem adotando é o ranking que a gente considera saudável, que é a boa disputa entre os municípios, de mostrar que também o município está apto, o órgão público, o gestor está apto a entender que os empresários podem investir naquele município.

■ Quais são os critérios para o município chegar além do todo daquele ranking?

É justamente essa celeridade, é o tempo, assim como tem em cada estado. Hoje os estados participam de um ranking que é realizado pela Receita Federal. Nos estados é realizado pela Junta Co-

mercial aqui no estado da Paraíba. E tem, sim, os critérios. Passa pela modernização: se há automatização de viabilidade para localização; se há esse investimento no município para tornar esse ambiente tecnológico de capacitação dos servidores para que torne célere, rápido, mas com segurança. A gente tem esse olhar voltado para a segurança também, tanto das prefeituras como também dos empresários.

■ No primeiro trimestre deste ano, a Paraíba registrou mais de 19 mil empresas, um número bastante expressivo. A que você atribuiu isso?

A gente vem verificando, desde o período da pandemia, que já veio crescimento. A pandemia impulsionou esse crescimento da abertura de empresas, principalmente microempresas, a formalização. Mas a gente está vendo que o estado da Paraíba como um todo vem em uma atuação muito positiva neste aspecto. E a abertura de empresas é apenas consequência de estudo. Para nós, ter um salto de mais de 19 mil empresas abertas mostra que os empresários estão se sentindo seguros para investir aqui na Paraíba. E a segurança, também nesse sentido de abertura e resposta imediata, traz algo muito importante. O governador João Azevêdo vem mostrando essa atuação muito boa, de dizer: “Vamos investir na Junta Comercial, mas vamos investir também para que os investidores vejam que a Paraíba está totalmente aberta para essa situação”.

■ Você também foi eleita a presidente da Fenaju. O que essa conquista representa aqui para a Paraíba?

É a conquista da Paraíba. A primeira mulher paraibana a estar dirigindo a Federação Nacional das Juntas Comerciais e representando todos os estados do país. E isso é mérito não só da Junta Comercial da Paraíba, do trabalho desenvolvido. Isso mostra que, a partir do momento que, o governador João Azevêdo passa a ter esse olhar sensível de atuação para que a Junta seja modernizada, totalmente tecnológica, mas passa também a ter um olhar nacional de avanço no estado. Então, os demais estados, por meio de eleição, elegeram uma mulher presidente, que isso também é muito simbólico, uma mulher presidente paraibana, nordestina, porque mostra também que o Nordeste está nesse radar de crescimento, mostra que o Nordeste também sabe discutir política de desenvolvimento econômico, e mulher também sabe discutir política de desenvolvimento econômico, para o país. Então, isso é extremamente positivo e importante, e a Paraí-

ba passa a estar no centro da discussão nacional para isso.

■ Quais são as metas prioritárias na Fenaju?

O primeiro ponto é manter o pacto federativo, garantir a autonomia de cada junta comercial, de responsabilidade de cada estado. Isso é o ponto central. E dizer que as juntas comerciais não estão apenas numa discussão de coleta de informações, elas não estão apenas numa discussão de coleta de dados, mas esses dados primários são fonte de informação, inclusive, para políticas que vão no espaço econômico, no espaço social. E aí, neste sentido, é o ponto central de atuação, fortalecimento de cada estado do nosso país e fortalecimento, inclusive, de entender que a federação pode, sim, e deve estar nesse centro de discussão.

■ A Jucep tem investido em soluções de inteligência artificial. O que está sendo planejado?

Isto mesmo. A utilização da inteligência artificial vem ajudar primeiro o servidor. O entendimento é de que o servidor possa utilizar a sua mente, o seu conhecimento técnico, para o mérito da questão, para os assuntos que envolvem direito empresarial. E que as questões mais corriqueiras, como análise de nome, como a questão se é o mesmo endereço, se é o mesmo CNPJ de registro, isso fica para o robô, para a inteligência artificial. Então a inteligência artificial vem auxiliar neste sentido como também facilitar o teleatendimento. Para nós, isso é muito bom, porque, se a gente está discutindo 17 horas no âmbito global e duas horas dentro da Junta Comercial, com uma inteligência artificial, a gente vai falar em minutos, 30 minutos, e trazer essa qualidade laboral para os trabalhadores. Isso a gente entende que é utilizar ferramentas da tecnologia a favor do trabalho de cada um.

■ Quais são os próximos passos no futuro próximo da Jucep?

Estamos na expectativa para a inauguração da reforma da sede, totalmente estruturada, totalmente renovada, correspondendo inclusive a esse olhar mais modernizado. E a expectativa é que a gente tenha um balcão único estadual, totalmente integrado, totalmente informatizado, entre os 223 municípios, e também os órgãos de licenciamento, como o Corpo de Bombeiros, a Agevisa [Agência Estadual de Vigilância Sanitária], Sudema [Superintendência de Administração do Meio Ambiente], OAB [Ordem dos Advogados do Brasil], que já estão integrados, mas que a gente consiga modernizar cada vez mais.

BICICLETAS

João Pessoa destaca-se em ciclovias

Ciclistas relatam enfrentar, no dia a dia, insegurança, falta de estrutura nos bairros e desrespeito no trânsito

Samantha Pimentel
samanthanniao@gmail.com

Seja para fugir do grande fluxo de trânsito, pela busca por um meio de transporte mais sustentável e econômico ou como opção para melhorar a saúde e a qualidade de vida, o uso de bicicletas tem aumentado bastante. Diante desse cenário, a estrutura de mobilidade urbana também precisa se adequar, especialmente nas grandes cidades, com a implantação de ciclovias e ciclofaixas. Em João Pessoa, são 121,8 km dessas pistas, segundo a Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana (Semob-JP), a maior parte na orla marítima. Os ciclistas relatam a falta desses circuitos em bairros e periferias do município, além da insegurança, falta de manutenção e desrespeito por parte de motoristas e pedestres.

Segundo a Associação Brasileira do Setor de Bicicletas (Aliança Bike), a capital paraibana é a 12ª do país com a maior malha cicloviária em relação à população, com 12,59 km por 100 mil habitantes. Quanto ao índice de acidentes, um levantamento realizado pelo Departamento de Trânsito da Paraíba (Detran-PB) apontou que 437 ocorrências no estado envolveram ciclistas em 2024, uma média de 1,2 acidente por dia.

O motorista por aplicativo, Wagner Belo Rocha, que também é ciclista, conta que nunca teve contratempos no trânsito nem se envolveu em acidentes com as *bikes*. “Já tive problemas com motociclistas, bateram três vezes em mim, mas com ciclistas nunca”, comenta. Ele ainda diz que, como ciclista, sofre com o desrespeito de motoristas e pedestres quando transita nas vias para bicicletas. “Eu, por diversas vezes, pedalei na orla, e o pessoal estava caminhando ou correndo na ciclofaixa. Ou seja, tem uma calçada enorme para caminhar, mas vão para a faixa dos ciclistas. Quando pedi para liberar o espaço, me xingaram, mandaram para todo canto”, lamenta Wagner, atribuindo a eventos como esse a culpa de muitos acidentes.

Tamires Carolina de Oliveira trabalha, desde 2022, fazendo entregas de bicicleta pelo iFood, em João Pessoa. Ela conta que, inicialmente, circulava mais próximo de Cruz das Armas, bairro onde mora, mas hoje transita também em outras áreas do município. “Daqui para lá, não existe ciclovias e tem muitos carros e motos que não respeitam, querem que a gente ande bem no cantinho, e, se derem um toque no guidom, a gente já cai. Todo dia tem essas questões”, afirma.

Sobre a utilização dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), Tamires diz que, no início, não usava, mas, depois que ganharam os itens do aplicativo, ela passou a usar, porém parou novamente. “Ultimamente não estou usando, porque também sua muito, e, às vezes, a gente vai entrar num shopping e o segurança manda tirar”, relata. Para a

entregadora, a rotina de trabalho com o uso da bicicleta seria melhor se houvesse mais ciclovias e ciclofaixas. “A gente ia ficar um pouco mais seguro”, destaca, comentando também que, mesmo nos lugares onde elas existem, muitas pessoas não respeitam, estacionando veículos no local ou usando o espaço para caminhar, e que isso precisa de fiscalização.

Outro ciclista, Damião Toscano, conta que anda de bicicleta por João Pessoa há mais de 30 anos e reclama que falta segurança. “Costumo combinar passeios em grupos, porque acho mais seguro. Quando tem mais gente, os carros até passam com mais cuidado, com medo de bater, e até mesmo a possibilidade de assaltos é menor”, comenta. Quanto ao espaço para as *bikes*, ele diz que falta ampliação das ciclovias “Quase não temos nos bairros, só mais em pontos turísticos. Falta a interligação dos bairros para o Centro e do Centro para as praias. A prefeitura precisava investir nisso aí”, pontua e diz também que falta manutenção nas ciclovias existentes, pois muitas delas já estão com buracos e desníveis.

Segundo a Semob-JP, a instituição é responsável pela manutenção da sinalização



Apesar dos mais de 120 km de pistas exclusivas para bikes, as vias concentram-se nas áreas nobres da cidade, sobretudo na orla

(vertical e horizontal). A manutenção física e estrutural desses espaços, por sua vez, deve ser feita pela Secretaria de Infraestrutura (Seinfra-JP). Quanto à ampliação da malha viária, a informação é que ela passa por uma revisão de infraestrutura e obras para ampliar e conectar todo traçado cicloviário proposto. “O Plano de Mobilidade Urbana (Planmob) considerou a bicicleta como transporte fundamental para a integração

com os outros modais e como alternativa viável para a melhoria da mobilidade no município de João Pessoa. Nesse cenário, a prefeitura pretende inserir a cidade de João Pessoa no rol das capitais brasileiras que mais fazem uso desse modal, expandindo a rede de mobilidade urbana e conectando pessoas a novas oportunidades”, afirma a nota enviada pela Superintendência.

Normas

De acordo com o Código de Trânsito Brasileiro (CTB), os condutores de automóveis precisam manter uma distância mínima de 1,5 m do ciclista, que deve trafegar na mesma mão da via, e nunca em sentido contrário. A coordenadora da Educação para o Trânsito do Detran-PB, Ariana Nogueira, explica que “os ciclistas devem se colocar no trânsito como qualquer outro participante desse espaço”, orientando que é importante se fazer ser visto, pois andar no lugar errado dificulta a visualização, o que pode resultar em sinistros.

Ariana ainda aconselha os ciclistas, de modo geral, a não transitar pelas calçadas e a uti-



Os EPIs são obrigatórios, mas, muitas vezes, percebemos que só os ciclistas esportivos usam

Ariana Nogueira

lizar dos EPIs. “O uso desses equipamentos é obrigatório, mas, muitas vezes, percebemos que apenas os ciclistas esportivos os utilizam. No entanto, aqueles que se deslocam para o trabalho também devem usar capacete — assim como os mo-

tociclistas são obrigados a usá-lo. Ainda assim, há uma certa permissividade na fiscalização, do ponto de vista da própria legislação”, destaca.

A coordenadora também ressalta a necessidade de que as pessoas se eduquem melhor para o trânsito, pensando na segurança coletiva e no bem comum, assumindo suas responsabilidades individuais, e comenta que a capital paraibana precisa avançar em termos de políticas públicas para o ciclista. “Ainda existe uma necessidade de melhoramento da urbanização e mobilidade humana do trânsito, e a gente tem usado esse conceito de humano, afinal ele é feito por pessoas e para pessoas. Então, dentro das cidades, precisamos criar uma mobilidade para garantir a segurança de todos”, conclui.

Em relação ao uso de ciclovias e ciclofaixas, o espaço é exclusivamente das bicicletas. Por isso, motos, carros ou qualquer outro veículo e pedestres são proibidos de trafegar nessas vias. Além do risco de provocar acidentes, o descumprimento da norma é considerado infração grave, de acordo com o CTB.



Tamires Oliveira, entregadora, fala dos perigos que passa

Maria Beatriz Oliveira
obbeatriz394@gmail.com

Embora a bicicleta seja um meio de transporte econômico e benéfico para a saúde, o trânsito pode ser um desafio para os ciclistas. Compartilhar as vias com caminhões, carros e motos que frequentemente invadem o espaço destinado às bicicletas exige atenção constante.

Felipe Oliveira, educador físico, que usa a bicicleta para visitar amigos e ir aos parques públicos de Campina Grande para se exercitar, frequentemente enfrenta essa realidade. Ele relata que seus trajetos exigem atenção redobrada e, por vezes, ele precisa escolher caminhos mais longos para evitar situações de risco.

“Nunca saio à noite porque o perigo fica ainda maior, mesmo com as luzes de segurança instaladas na bicicleta. Também, muitas vezes, evito

usar as avenidas mais movimentadas, mesmo que tenham ciclofaixa, porque muitos motoristas não respeitam e invadem para fazer ultrapassagens”, contou Felipe.

Os trajetos de Felipe revelam uma realidade comum para ciclistas: cerca de metade do percurso feito pelo educador físico conta com infraestrutura como ciclofaixas ou ciclovias, porém a outra parte do percurso não oferece essa segurança. Mesmo onde há espaço exclusivo para bicicletas, ele observa que acontece o uso indevido por motoristas, que estacionam seus veículos nessas áreas. Destaca também a falta de manutenção, exemplificando com sua experiência na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB): “Quando eu estava estudando na UEPB, queria ir de bicicleta, porque era bem próximo de casa, mas a ciclofaixa até lá está completamente tomada pelo matagal

do acostamento, então ficava inviável”.

Ações

A malha cicloviária de Campina Grande aumentou nos últimos anos, chegando a mais de 100 km de vias exclusivas para bicicletas. “Fazemos questão de implementar mais ciclovias e ciclofaixas para garantir a segurança dos ciclistas. O trabalho que temos feito agora também é de interligação dessas ciclovias, para que a gente possa dar tranquilidade na travessia das avenidas, além da restauração de algumas já existentes. Mas, na Avenida Plínio Lemos, por exemplo, no bairro Malvinas, estamos construindo uma ciclovias extensa para a população. Na Félix Araújo, que abrange os bairros Alto Branco, Jardim Tavares, Santo Antônio, José Pinheiro e Monte Castelo, estamos atuando da mesma forma”, detalhou Vítor Ribeiro, superin-



Na Rainha da Borborema, falta continuidade nas ciclofaixas

tendente de trânsito de Campina Grande.

Ribeiro enfatizou que, além da infraestrutura, o trabalho de conscientização é fundamental, tanto para motoristas quanto para ciclistas. “Quando invadimos o espaço do outro, acabamos perdendo o direito”, pontuou. Ele defende que, com o respeito mútuo aos espaços — de motos, carros, ônibus e bicicletas —, o transi-

to vai se tornar “cada vez mais humanizado”.

A Superintendência de Trânsito e Transporte Público (SITTP) também investe em campanhas para incentivar a responsabilidade individual, lembrando que “é importante que cada um faça a sua parte”, inclusive os ciclistas, utilizando ciclovias, ciclofaixas e EPIs como capacete, cotoveleira e joelheira.

MUDANÇA NO PADRÃO

Crescem casos de câncer em jovens

Estudo mostra que incidência da doença entre pessoas com menos de 50 anos aumentou 79% em três décadas

Samantha Pimentel
samanthauniao@gmail.com

A administradora Nayara Aires dos Santos descobriu um câncer do tipo Linfoma não Hodgkin em 2020, aos 27 anos. Na época, ela levava uma vida saudável e só teve o diagnóstico após alguns sintomas que levaram à suspeita de Covid-19. Já a jornalista Márcia Marques teve seu diagnóstico no ano passado, aos 39 anos, e também não tinha nenhum sinal que a levasse a suspeitar da doença. Ela foi diagnosticada com um tumor do tipo melanoma, um câncer de pele, que se manifestou internamente sem qualquer indício externo, uma condição rara.

Os dois casos ilustram o aumento da incidência de câncer em adultos com menos de 50 anos. Um estudo recente publicado no BMJ Oncology revelou que, em todo o mundo, os casos cresceram 79% de 1990 a 2019, com mortes relacionadas à doença, no mesmo grupo, aumentando em 28%. O estudo analisou 29 tipos de câncer em 204 países. Na Paraíba, segundo dados da Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB), em 2022, ocorreram 293 internações em razão de tumores em pessoas de 20 a 49 anos. Em 2024, esse número foi de 6.606, um aumento de mais de 2.000%.

Nayara conta que, no auge da pandemia da Covid-19, começou a ter muita tosse, além de outros sintomas, como dor no lado esquerdo das costas, dormência no braço esquerdo e coração acelerado. Os médicos descartaram problemas cardíacos e suspeitaram do coronavírus. Ela fez o teste para a doença respiratória, mas o diagnóstico foi outro. “Essa tosse aconteceu porque o tumor estava no mediastino, que é bem no meio do peito, e pressionava os pulmões, o que dava falta de ar, por isso eu tossia”. Um dos médicos pediu um exame de raios X do tórax antes mesmo do re-



Foto: Arquivo pessoal

Nayara Aires comemora a vida com um ensaio fotográfico

sultado do PCR para Covid-19, no exame apareceu uma massa no peito. “Então, veio a tomografia e foi quando descobri o tumor. O pneumologista fez uma cirurgia para biópsia e histoquímico, no entanto na tomografia já sabia que era um câncer, porque o médico me falou que um tumor de 16,5 cm nunca é benigno, era muito grande, então imediatamente ele já disse que era um linfoma”, lembra.

A administradora tem dois casos de câncer na família, um avô e uma tia, no entanto, segundo os médicos, o fator congênito não foi o fator decisivo para o linfoma, os especialistas disseram que ela deu azar na roleta da vida. Nayara informa que, na época em que descobriu a doença, mantinha uma rotina saudável. “Tinha uma boa alimentação, fazia exercícios cinco vezes na semana, fazia trilha e andava 18 km. Eu até falo

para as pessoas, e soa engraçado, que eu tinha muita saúde fora o câncer”, comenta. Isso, segundo ela, foi essencial para encarar o tratamento de uma forma melhor. “Tenho certeza de que se eu fosse, por exemplo, uma pessoa sedentária, teria sido mais difícil, porque meu corpo não teria aguentado”, ressalta.

Durante o tratamento, ela fez sessões de quimioterapia, imunoterapia e radioterapia, além da cirurgia. Hoje, com 32 anos, faz acompanhamentos periódicos para averiguar se não há presença de células cancerígenas em seu organismo e está em remissão há mais de quatro anos, fato que comemora a cada ciclo, sempre com um ensaio fotográfico. “No fim do ano, completo cinco anos que finalizei o tratamento e tenho alta”, afirma.

Mesmo sempre buscando encarar todo o processo com resiliência e uma certa

leveza, Nayara confessa que o diagnóstico foi chocante. “Você está sentindo isso e, do nada, é um câncer, um tumor de 16 cm no seu peito. Então, eu fiquei muito chocada na hora. Mas eu recebi muita força da minha família, amigos e também dos médicos e das pessoas que me ajudaram a ter o diagnóstico”, destaca ela, dizendo que vivenciava cada fase do processo como mais uma etapa a ser vencida. “Eu sempre encarei o tratamento do câncer como um plano de ação. Como sou administradora, pensava: ‘Quais as fases vou ter que viver para enfrentar isso?’. Então, todas as vezes que eu fazia quimioterapia, para mim, era sempre uma etapa a menos, um passo a mais para a minha cura”, explica. Ao mesmo tempo, Nayara diz que agradecia sempre a Deus pela vida que já tinha tido até então e que, se fosse chegada a hora de morrer, estaria em paz.

A jornalista Márcia Marques conta que, ao receber o seu diagnóstico de câncer, “o primeiro impacto foi um susto enorme, um medo de morrer, uma dor, e também um desespero”. Ela diz que descobriu o tumor devido a uma dor recorrente nas costas. “Era muito localizada, uma dorzinha fina, que me incomodava mas nada grave. Eu atribuía muito a uma lesão muscular, falta de exercício físico, má postura. Certa vez, minha irmã resolveu fazer uma massagem no ponto onde doía, fez com muita força e acabou machucando ainda mais, após isso começou a ficar uma dor insuportável”, relata. Em função das fortes dores, a jornalista procurou o hospital. A fim de descobrir as causas da dor, os médicos solicitaram uma tomografia. “Foi quando descobri um tumor de aproximadamente 10 cm na glândula adrenal direita, localizada acima do rim”.

Márcia diz que tinha um diagnóstico de hipertensão desde 2018, porém, mesmo

após vários exames cardíacos e de sangue, não encontrava o motivo do problema. “Os médicos disseram que seria um caso de hipertensão hereditária ou mesmo emocional, já que eu estava numa fase de transição da minha vida”, conta. Após o câncer, ela descobriu que a glândula adrenal é uma das responsáveis por controlar a pressão, desse modo, provavelmente, o surgimento do tumor afetou os níveis da sua pressão arterial. Em maio do ano passado, ela retirou o tumor pela via cirúrgica. O tratamento de radioterapia e de quimioterapia não foram indicados para o seu caso e a imunoterapia teve seu pedido negado pela Justiça, para que fosse oferecida pelo Sistema Único de Saúde (SUS).

“Então, o caminho é fa-

zer um acompanhamento semestral, por dois anos, e depois de forma anual, por mais dois anos. São quatro anos até que a médica possa me confirmar uma cura”, explica a jornalista, dizendo que não se achava imune à doença e que, na família dela, há casos de parentes que tiveram câncer. “Eu também negligenciei muito os exames de rotina. Eu me cuidava fazendo exercícios, boa alimentação... mas negligenciei o acompanhamento, até mesmo os ginecológicos. Eu priorizava meus filhos, meu marido, e o meu [acompanhamento] ia deixando para depois”, reflete a jornalista, concluindo que, depois da pandemia e do diagnóstico, sua alegria de viver ficou ainda mais intensa.



Foto: Arquivo pessoal

Jornalista Márcia Marques momentos antes da cirurgia

Sedentarismo e má alimentação são alguns fatores de risco

Segundo o médico oncologista Igor Duarte, que atua no Hospital São Vicente de Paulo, em João Pessoa, a incidência de câncer em pessoas com menos de 50 anos de idade tem sido cada vez maior em sua rotina, sobretudo nos últimos anos. “É muito provável que isso possua uma correlação direta com a exposição a fatores ambientais, muito mais do que a fatores genéticos hereditários”, afirma. Nesse cenário, ele destaca hábitos como o tabagismo e o consumo de bebidas alcoólicas. “O sedentarismo e a obesidade, principalmente. A sociedade como um todo tem ficado cada vez mais sedentária, tem caminhado menos durante o dia, resolvido suas situações sem esforço físico”, explica.

O oncologista ainda comenta que, mesmo com o crescimento, nos últimos anos, de ações de incentivo e conscientização sobre a necessidade da prática de exercícios físicos, o efeito disso só deve ser sentido daqui a al-

gum tempo. Outros fatores que influenciam o aumento do índice de câncer em adultos mais jovens seriam o consumo de ultraprocessados e de gordura animal em grande quantidade. “Alimentos enlatados, embutidos, principalmente com muito sal, são fatores de risco associados ao surgimento de câncer. Existe uma polêmica em relação a questão do açúcar, se ele é um alimento para o câncer. Na realidade, não é bem assim, o açúcar é um alimento para qualquer célula do nosso organismo, e a célula maligna não deixa de ser uma delas. O que acontece é que o consumo de açúcar, em grande quantidade, e de carboidratos refinados, sobretudo, traz uma tendência maior à obesidade, que, por sua vez, é um fator de risco”, ressalta. A exposição ao sol, sobretudo com as elevações de temperatura globais, também contribui para aumentar a incidência da doença.

“Existem algumas causas



Foto: Arquivo pessoal

Também deve-se evitar o uso de hormônios e reposições hormonais feitas de maneira aleatória

Igor Duarte

virais, como o vírus da hepatite B, da hepatite C, o HPV (Papilomavírus Humano), que também estão relacionados ao

câncer. Então, a soma desses fatores muito provavelmente vai explicar o aumento da incidência de câncer [em pessoas] abaixo dos 50 anos de idade”, conclui o médico.

Os tipos mais comuns da doença, mundialmente falando, segundo o especialista, são os de pele do tipo não melanoma, que geralmente são tumores de menor risco; além de casos de cânceres de mama, próstata, colón e reto. “Os tumores do intestino grosso. Os cânceres de pulmão de uma maneira geral também são bastante prevalentes. Um pouco menos do que os que já citei, há os cânceres de estômago e os cânceres de colo do útero, o último mesmo podendo ser evitado com a vacina contra o HPV”, afirma Igor.

Quanto à prevenção, o oncologista explica que há situações como as cargas genética e hereditária que não podem ser evitados, além do próprio processo de envelhecimento, que eleva os riscos. O que

pode ser feito é reduzir os fatores controláveis. Por isso, é essencial fugir do sedentarismo, da obesidade e ter uma alimentação mais saudável, evitando processados, embutidos e conservas, priorizando o consumo de alimentos frescos, ricos em fibra, e muitas frutas e verduras. Além disso, é necessário ter uma boa hidratação e não fumar em hipótese nenhuma. “Inclui-se também os cigarros eletrônicos e o consumo de álcool, por mais que seja socialmente aceito. Em parte dos casos um consumo muito esporádico talvez não traga um risco incremental de surgimento de câncer, mas, em princípio, conforme a recomendação da Organização Mundial de Saúde [OMS], não existe uma taxa de consumo segura. São, realmente, substâncias carcinogênicas, fatores de risco para diversos tipos de câncer”, explica.

Além disso, a exposição ao sol deve ser reduzida e, quando realizada, é essencial o uso

de protetor solar. “Também deve-se evitar o uso de hormônios e reposições hormonais feitas de maneira aleatória. Ela pode e deve ser feita quando bem orientada e definida por um médico especialista na área. Essa é uma prática que a gente tem visto muito nos últimos anos, o uso indiscriminado dos hormônios, isso é extremamente preocupante, a gente não sabe qual vai ser o reflexo disso para a oncologia nas próximas décadas”, alerta Igor Duarte.

■ **Cânceres de pele não melanoma, de mama, próstata, colón, reto e pulmão são tipos muito comuns da doença**

POPULAÇÃO LGBTQIAPNB+

Portas abertas para a comunidade

Espaços geridos pelo Poder Público oferecem atenção e acolhimento para garantir dignidade às minorias

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

No mês em que o Brasil pinta ruas e perfis nas redes sociais com as cores do arco-íris, os dados seguem sombrios: de 2014 a 2023, o país viu crescer, em mais de 1.000%, os casos de violência contra a população LGBTQIAPNB+, segundo o Atlas da Violência 2025. Embora o número de assassinatos tenha caído 16% em 2024, o Brasil permanece, pelo 16º ano consecutivo, como o país que mais mata pessoas trans e travestis em todo o mundo.

Diante do cenário nacional alarmante, a Paraíba mostra que o Poder Público pode e deve ser um aliado na promoção da dignidade humana. No mês do Orgulho LGBT, mais do que bandeiras coloridas e celebrações, o estado destaca-se como um dos que oferece uma rede pública estruturada de amparo, proteção e promoção de cidadania para essa população.

Situada em uma charmosa casa amarela no Centro de João Pessoa, a Coordena-

doria Municipal de Promoção da Cidadania LGBT e da Igualdade Racial vai além de um equipamento público: é um refúgio de escuta, acolhimento e garantia de direitos. Fundada pela Lei Municipal nº 12.400, de 2012, e funcionando desde 2015, a Casa Amarela, como também é conhecida, atua como ponte entre o Poder Público e segmentos historicamente marginalizados, como as comunidades LGBTQIAPNB+, negra, quilombola, cigana e de praticantes de religiões de matriz africana.

“Aqui, promovemos cidadania por meio de serviços essenciais. Tudo voltado para a inclusão e o respeito à diversidade”, explica Geraldo Filho, coordenador de Promoção à Cidadania LGBT e de Igualdade Racial desde 2021. Ele destaca que, apesar do foco no público LGBTQIAPNB+, o atendimento é aberto a qualquer pessoa que busque os serviços fornecidos no local.

Além do cuidado individual, a coordenadoria promove ações de empregabilidade, tendo ofertado, recentemente,

100 vagas exclusivas para pessoas trans, em parceria com a Secretaria Municipal do Trabalho. Também faz campanhas de prevenção às Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), dis-

tribui materiais educativos e fomenta a formação profissional, com cursos de Inglês, Libras e Gastronomia.

No próximo dia 27, inclusive, a Casa realizará a Caravana do Cuidar. O evento levará

os serviços da coordenadoria até uma comunidade periférica no bairro de Muçumagro, com atendimento psicológico, assessoria jurídica, testagem de ISTs, emissão de documentos e oficinas de capacitação.

“A saúde é nosso foco principal. Ter acesso a um endocrinologista ou psicólogo pode ser uma questão de dignidade para muitas pessoas trans e LGBTs que enfrentam barreiras históricas”, frisa Geraldo.



Foto: Evandro Pereira

Situada no Centro de João Pessoa, a Casa Amarela promove assistência psicológica, capacitações e ações de empregabilidade

Serviços alimentam confiança e esperança

Um exemplo concreto da atuação da Casa Amarela é a história de Luna Viana, mulher trans de 18 anos, que encontra no espaço uma segunda chance de existir com dignidade. Emocionada, ela relata o que sentiu ao cruzar os portões da coordenadoria pela primeira vez. “Eu cheguei retraída, com muito medo. Mas, desde o primeiro momento, senti-me acolhida. A advogada me ouviu com atenção. Thamara me viu, aproximou-se e, desde então, estou fazendo acompanhamento psicológico com ela”, conta Luna, referindo-se à psicóloga Thamara Bernardino, que lidera o setor de Psicologia Clínica. Carro-chefe da Casa Amarela, o departamento vem beneficiando, só neste ano, 40 pessoas, sendo responsável por até quatro atendimentos por dia, com o apoio de dois profissionais

voluntários e seis estagiários, vindos de instituições como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Uninassau.

“A gente recebe um público que, muitas vezes, chega numa situação de muita dor emocional. Então, nosso cuidado é para que o atendimento seja o mais humanizado e acolhedor possível”, afirma Thamara. O processo terapêutico começa com uma escuta ativa e não robotizada, respeitando o tempo e as singularidades de cada indivíduo. “Não há uma fórmula. Cada pessoa carrega sua história, e nosso papel é acolher isso com compromisso”, ressalta.

Além de tratar o sofrimento psíquico, a psicóloga salienta que muitos usuários do local buscam autoconhecimento, fortalecimento da autoestima e desenvolvimento pessoal.

“O que mais identificamos não é a dificuldade de autoaceitação, mas a dor de não ser aceito pelo outro — especialmente pela família, que deveria ser o primeiro núcleo de apoio”, lamenta a profissional.

Para Luna, o acompanhamento psicológico é essencial, e o diferencial da Casa está na dedicação da equipe. “Estou na minha sétima sessão com Thamara. O compromisso dela comigo é incrível. Eu tinha medo de entrar num lugar em que fosse só mais um número, mas lá isso não acontece. Ela me trata com respeito e profissionalismo”, garante a jovem, revelando, ainda, que a coordenadoria a ajudou no processo de retificação de seus documentos e tem sido peça-chave para sua inserção no mercado de trabalho.

“Graças ao cadastro na coordenadoria, consegui

participar de várias seleções de emprego. Fiz cursos, fortaleci-me e, hoje, sou uma pessoa mais esperançosa”, comemora. Testemunhos como o de Luna multiplicam-se na Casa, como conclui Thamara: “Há relatos de transformação: pessoas que chegam com baixa autoestima e saem fortalecidas, empoderadas, reconhecendo seu valor e suas potencialidades”.

Atendimento

O acesso aos serviços da coordenadoria pode ser feito presencialmente ou pelo aplicativo João Pessoa na Palma da Mão, mas Geraldo reforça a importância de se visitar o espaço para uma triagem completa e a inclusão na lista de transmissão da Casa, pela qual são divulgadas ações como eventos e campanhas.

Governo mantém rede contra a LGBTfobia

Além do exemplo da Casa Amarela, mantida pela Prefeitura de João Pessoa, o Governo da Paraíba oferece uma rede de enfrentamento da LGBTfobia, coordenada pela Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh). “Essa rede é essencial. Trabalhamos com centros de referência, como os Espaços LGBT de João Pessoa e de Campina Grande, que contam com equipes multidisciplinares e oferecem desde orientação jurídica até cursos profissionalizantes e apoio psicológico”, detalha a titular da Semdh, Lídia Moura. Criados para combater a discriminação e promover os direitos da comunidade LGBTQIAPNB+, esses centros atuam em articulação com escolas, movimentos sociais e outros órgãos públicos, compondo a Rede Estadual de Atenção à População LGBTQIAPNB+ e Enfrentamento à LGBTfobia (Realp).

Na capital, há, ainda, a Casa de Acolhida Cris Nagô. Voltado para pessoas de 18 a 59 anos em situação de rua, abandono familiar ou violência, o local é o primeiro do país mantido, exclusivamente, com recursos do Tesouro Estadual. “É uma casa que oferece dignidade e cidadania e, acima de tudo, que enxerga, acolhe, ouve e cuida de vidas que historicamente foram invisibilizadas”, resume Lídia. Com uma equipe formada por profissionais de enfermagem, psicologia, assistência social, assessoria jurídica e pedagógica, a unidade oferece não apenas abrigo, mas também inserção em políticas de educação e de trabalho.

“É importante citar, ainda, o Projeto Entrelace, que visa conscientizar a população sobre a Lei Maria da Penha, fortalecer as redes de proteção às mulheres e realizar formações sobre letramento racial e LGBTQIAPNB+”, finaliza a secretária.

Endereços e Contatos

- **Espaço LGBT em João Pessoa**
Rua Princesa Isabel, nº 164, Centro
(83) 3214-7188 | 99119-0157 (WhatsApp)
centrolgbtpb@gmail.com
- **Espaço LGBT em Campina Grande**
Rua Pedro I, nº 558, São José
(83) 3342-6873 | 99163-3465 (WhatsApp)
espacolgbtcg@gmail.com
- **Casa de Acolhida Cris Nagô**
Rua Evaldo Wanderley, nº 884, Tambauzinho, João Pessoa
- **Casa Amarela**
Parque Solon de Lucena, nº 216, Centro, João Pessoa
(83) 3213-5289/5290 | 98730-6036
sedes@joaopessoa.pb.gov.br



Setor de acompanhamento psicológico da Casa reúne profissionais voluntários e estagiários



Há relatos de transformação: pessoas que chegam com baixa autoestima e saem fortalecidas, reconhecendo seu valor e suas potencialidades

Thamara Bernardino

SABOR E IDENTIDADE

Milho é saúde, cultura e tradição

Protagonista da culinária típica de São João, cereal tem alto valor nutricional e grande importância socioeconômica

Camila Monteiro
milabmonteiro@gmail.com

Responsável por uma parte expressiva da dieta de muitos brasileiros, o milho tem seu protagonismo reconhecido por um dia nacional próprio, 24 de maio. Mas é no período junino que o cereal é mais celebrado; a festa de São João, uma das mais importantes da Paraíba e de todo o Nordeste, comemora, justamente, a boa colheita do alimento. As qualidades do milho vão além do sabor. Rico em nutrientes, como minerais e antioxidantes, ele é um aliado para a visão e a boa atividade do sistema gastrointestinal. “O milho é uma importante fonte de fibras, essenciais para o funcionamento do intestino, e possui vitamina A e vitamina E, indispensáveis para a saúde dos olhos e da pele”, informa a nutricionista Clenise Dantas.

A versatilidade do cereal permite que ele seja preparado e consumido de diversas maneiras, sem comprometer seus benefícios. “Consumir o milho da forma mais natural possível, como cozido ou assado, é uma ótima opção, que merece destaque especial por preservar o máximo de suas propriedades nutricionais. A pipoca também é uma excelente escolha: quando preparada com cuidado e sem exagero de gordura, oferece fibras e antioxidantes”, explica a nutricionista Germana Agra, revelando uma curiosidade: “Duas xícaras de pipoca es-

tourada correspondem a cerca de 50% das nossas necessidades diárias de fibras — ou seja, é um superalimento”. Clenise chama atenção para o caráter inclusivo do milho, já que, em suas variadas formas — como o fubá mimoso —, permite que pessoas com restrições alimentares o consumam em substituição a outros itens. “O fubá mimoso é um fubá fino, muito utilizado por quem tem intolerância ou alergia a farinha de trigo”, conta a especialista. O floco de milho, por sua vez, é a base para uma das comidas mais representativas da cultura e da identidade alimentar nordestina: o cuscuz. Como afirma Fábio Cunha, professor de Gastronomia, o “flocão” nada mais é do que o milho triturado e pré-cozido, em formato de flocos secos, prontos para hidratação e cozimento. Mas não é só o cuscuz que pode ser feito a partir desse produto. “O ‘flocão’ também pode ser usado no preparo de bolos, tortas salgadas, farofas e até como empanamento para frituras, trazendo uma crocância deliciosa e diferente. É um ingrediente que permite muita criatividade na cozinha, tanto nas receitas mais tradicionais quanto nas mais contemporâneas”, comenta Fábio. Toda essa diversidade reflete, ainda, a variedade de tipos de milho disponíveis, produzidos para atender a necessidades específicas. O milho verde, querido dos pratos típicos de São João, preci-



Fotos: Leonardo Ariel

A versatilidade do alimento permite que ele seja preparado e consumido de maneiras variadas, como mostram as receitas regionais

sa ser colhido antes de amadurecer por completo. “É ele que vai para as pamonhas, bolos, curau, canjica, essas delícias que todo brasileiro ama, especialmente nas festas juninas. Ele é mais doce, mais macio e supersversátil na cozinha”, frisa o professor. Mas também há, por exemplo, categorias de grãos duros, usados como base de ração animal, além da fabricação de óleo, etanol e amido, entre outros derivados.

Pequenos produtores
De fato, o impacto econômico do cereal não pode ser

subestimado. Como destaca Tereza de Carvalho, extensionista social da Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária (Empaer), o milho é um ingrediente relevante para o sustento de muitos pequenos produtores do estado, especialmente durante as festividades juninas, com a alta demanda por comidas regionais. “Há uma grande participação familiar, principalmente com o envolvimento das mulheres na fabricação e na comercialização dos subprodutos do milho nos eventos festivos, com geração de emprego e renda

para as famílias”, pontua Tereza, lembrando que o cereal ainda é explorado no artesanato popular: “As palhas de milho são amplamente utilizadas na confecção de diversos produtos, como bonecas, santos, flores, cestos, esteiras e bolsas, entre outros objetos decorativos”. Ciente desse papel socioeconômico, a Empaer mantém o Programa Estadual de Distribuição de Sementes, que já beneficiou, neste semestre, 28 mil agricultores familiares, entregando-lhes 286 mil quilos de sementes de milho e propiciando plantios que to-

talizam 10 mil hectares. Além disso, Tereza ressalta que a empresa presta assistência técnica às famílias adeptas da agricultura de subsistência que utilizam as chamadas sementes crioulas. Também conhecidas como “sementes da paixão”, elas são identificadas como uma importante herança cultural, por serem preservadas e cultivadas por gerações de pequenos agricultores, assim como apresentam características genéticas que favorecem a adaptabilidade e a diversificação da produção, garantindo, ainda, segurança alimentar.

Popularidade do ingrediente vai muito além do Nordeste

Para além da culinária nordestina, a popularidade e a versatilidade do milho pode ser observada em todo o Brasil, como atestou Fábio Cunha, professor de Gastronomia, em uma viagem pelos quatro cantos do país. “Aqui no Nordeste, por exemplo, o milho verde reina absoluto nas pamonhas doces, que carregam aquela

herança da doçaria de engenho e das tradições do império do açúcar. Em João Pessoa, tem destaque o xerém, uma espécie de mingau de milho cozido com carne de porco, linguiças e embutidos. Já no Centro-Oeste, em estados como Goiás e Mato Grosso do Sul, as pamonhas costumam ser salgadas, recheadas com queijo, linguiça,

pimenta-de-cheiro... Uma verdadeira refeição”, relata. Ainda no Mato Grosso do Sul, o especialista cita que há um prato chamado sopa paraguaia, que de sopa não tem nada; é, na verdade, uma torta preparada com fubá — farinha fina de milho —, cebola e queijo. “Temos também a chipa guasú, uma torta de milho verde com queijo, cremo-

sa, de origem guarani, muito presente nos lares sul-mato-grossenses”, salienta. No Centro-Oeste, é possível encontrar até suco de milho; cozido com açúcar até engrossar e servido com canela, ele parece um “chocolate quente” do cereal. “Tem ainda o acaçá, uma comida de santo das religiões afro-brasileiras, feita com milho e leite de

coco, cozido e enrolado em folha de bananeira, um preparo ancestral, sagrado, que representa muito da nossa identidade”, completa Fábio. Além das receitas variadas, alguns dos mesmos pratos têm nomenclaturas diferentes, de acordo com a região. No Sudeste, por exemplo, canjica refere-se ao alimento que, para os nor-

destinos, chama-se munguzá — o milho branco, preparado e servido com leite de coco, canela e cravo. Isso também ocorre com o angú, feito com fubá; preparado de formas diversas, é um prato típico na Paraíba, na Bahia e em Minas Gerais. Já no Sul, uma variedade feita com flocos maiores é conhecida como polenta.

Base da dieta dos guaranis, cereal foi incorporado por europeus

A poetisa Cora Coralina, no início de “Oração do Milho”, define-o como forte, rústico e de linhagem humilde. “Sou apenas o alimento forte e substancial dos que trabalham a terra, onde não vingam o trigo nobre. Sou de origem obscura e de ascendência po-

bre, alimento dos rústicos e animais do jugo”, diz o poema, que conceitua muito bem o cereal. Oriundo do México, o milho foi a base da alimentação dos indígenas da América do Sul, mas já era utilizado como fonte de nutrição da civilização asteca.

“Eles desenvolveram uma gastronomia toda centrada em ingredientes nativos, e o milho era um deles, com valor simbólico, espiritual e de sustento”, observa o professor Fábio Cunha. Conforme o especialista, o item alimentício era tão importante para a cultura

dos astecas que havia até lendas sobre o seu surgimento. Uma delas falava que o deus da vida, da energia e da vegetação, Quetzalcóatl, saiu à procura de uma comida que pudesse ofertar para os demais deuses. No caminho, viu uma formiga carregando um grão de milho. Interessado em obter uma amostra, ele o pediu ao inseto, que concordou em levá-lo até o monte Nosso Sustento, onde havia muitas plantações de milho, com uma condição: Quetzalcóatl teria de virar formiga também. Assim, a entidade divina subteu-se a esse sacrifício, para que o milho fosse revelado como alimento sagrado. De acordo com Fábio, quando os portugueses chegaram ao Brasil, encontraram o milho como o único cereal da dieta dos indígenas locais, principalmente dos guaranis, e passaram a utilizar o cereal em sua culinária. “Os indige-

nas brasileiros já consumiam o milho em mingaus e assado na brasa, de forma prática, simples e direta. E os colonizadores aprenderam, com eles, essas maneiras de preparo. Curiosamente, o milho vai para a Europa e volta transformado. Na Itália, por exemplo, virou a polenta, que retornou ao Brasil como uma receita estrangeira, feita com um ingrediente que nasceu aqui. Ou seja, é um ciclo curioso, quase uma viagem de ida e volta gastronômica”, aponta o especialista. Como alimento versátil, nutritivo, simples de ser preparado e saboroso, o milho merece ser enaltecido em nossa cultura, como defende a nutricionista Germana Agra. “Precisamos lembrar que alimento também é afeto, memória, tradição. Comer é mais do que nutrir o corpo: é também celebrar a cultura e viver experiências. Valorizar o milho é reco-

nhecer sua riqueza nutricional e emocional, escolhendo sempre formas de preparo que juntem saúde e prazer”, conclui.

“
Precisamos lembrar que alimento também é afeto e memória. Valorizar o milho é reconhecer sua riqueza nutricional e emocional



Abraçado, no Brasil, em iguarias como pamonha e canjica, item tem origem no México

“Edifício Master” (2002), de Eduardo Coutinho, mostra a vida de moradores de um populoso condomínio de Copacabana

CINEMA

Encontro com o Brasil na Netflix

Três importantes documentários nacionais entram hoje para o catálogo do serviço de streaming

Fotos: Divulgação

Esmejoano Lincol
esmejoanolincol@hotmail.com

“Tem problema a gente estar filmando?”, pergunta uma das produtoras do documentário *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho, lançado em 2002. “Não, o problema é de quem vai assistir, porque eu acordei agora e essa é a minha cara”, retruca, irônica, Daniela, uma das personagens mais lembradas desse longa-metragem. Os tipos curiosos catalogados pelo diretor nesse filme integram, a partir de hoje, o catálogo da Netflix junto de outros dois títulos do gênero — *Babilônia 2000* (2001), também realizado por Coutinho, e *Nelson Freire* (2003), de João Moreira Salles. As três obras também podem ser vistas no Globoplay.

Edifício Master foi rodado no imóvel homônimo, situado no bairro de Copacabana, capital fluminense — à época, havia 237 apartamentos divididos em 12 andares. A equipe do documentário instalou-se no prédio durante a produção, de maneira a facilitar o acesso aos moradores selecionados — 37 no total. Eles compartilham sua rotina e suas histórias de maneira espontânea para as

lentes de Coutinho. Algumas cenas foram rodadas sem a utilização de luz artificial, mesmo que isso deixasse os entrevistados na penumbra.

Além de Daniela, tipo introspectivo que conversa com Coutinho, destacam-se, na projeção, outros personagens. Alessandra, que foi mãe adolescente e trabalha como garota de programa; Cristina, moça que muda contra a vontade para o Master, após travar conflito com o pai; José Carlos, “discriminado” pelos antigos vizinhos por morar, hoje, num bairro da cobiçada Zona Sul; e Henrique, homem que proporciona uma das sequências mais emocionantes do filme, entoando a canção “My way” de Frank Sinatra.

Beth Formaggini, realizadora mineira que trabalhou por alguns anos com Coutinho, detalha para *A União* os métodos do colega. Ele não participava da primeira etapa — a seleção, a entrevista prévia com os atores sociais no filme e o preenchimento de formulários de dados.

“Ele não queria desperdiçar o frescor do primeiro encontro, que seria guardado para as filmagens com a equipe profissional. Senão, correria o risco de ter uma conversa requeitada. Assistia aos “testes de elenco” em vídeo na sua sala do Centro de Criação de

Imagem Popular [Cecip], anotando tudo num caderninho”, recorda.

A segunda estreia, *Babilônia 2000*, foi rodada em 31 de dezembro de 1999, no Morro da Babilônia, também no Rio de Janeiro. O momento era emblemático: a um mês do “fim do mundo”, segundo as lendas que circulavam na época, e a um ano da virada do século.

As filmagens aconteceram durante a manhã e a tarde daquele dia e abordam os preparativos para o Réveillon. Uma das falas mais reveladoras foi a de Josimar, morador e filho do ator Jorge dos Santos, que trabalhou em *Orfeu Negro*, longa-metragem de Marcel Camus, vencedor do Oscar em 1960: seu irmão foi assassinado por um policial.

Comentando sobre esse outro filme, Beth confidencia os seus personagens prediletos, que ocupavam, no morro, as comunidades da Babilônia e da Mangueira: Dona Djanira e a sua intimidade com o presidente Juscelino Kubitschek; Fátima, a mulher que canta Janis Joplin; e Roseli, que pergunta, em tom desconcertante: “Ah, você quer pobreza mesmo?”.

“Nesses locais, as pessoas se comunicavam mais abertamente. No Master foi mais difícil pra equipe encontrar pessoas dispostas a falar. Era um prédio de classe média e ele

mesmo tinha filmado mais no campo e nas periferias das cidades”, assevera.

Nelson Freire acompanha a trajetória do pianista mineiro, falecido em 2021. Além do registro das apresentações, dentro e fora do Brasil, o diretor capta as queixas do artista em relação à sua solidão, acalantada desde a infância — ele nasceu muito depois dos demais irmãos, que estavam em colégios internos nos seus primeiros anos de vida.

Torna pública, ainda, a admiração dele pela instrumentista Guiomar Novaes, inspiração da juventude de Freire, e a amizade deste com a argentina Martha Argerich, também pianista.

O documentário foi rodado com equipamento de filmagem mais simples, de maneira a não perturbar a rotina do músico dentro ou fora dos palcos, ao longo de dois anos. Em entrevista à *Folha de S. Paulo* quando da morte de Freire, Moreira Salles assinala que conseguiu a “permissão implícita” do entrevistado a partir da simbiose dele com a equipe: “Começamos filmando à distância. Só com o tempo, aproximamos a câmera, o que, no caso, equivalia a dizer ‘agora somos amigos’. O Nelson era assim. Se existia afeto, tudo ia bem. Se não existia, ele se fechava”.

O pianista Nelson Freire é o personagem do documentário que leva seu nome, dirigido por João Moreira Salles e lançado em 2003

“Babilônia 2000” (2001), de Eduardo Coutinho, traz a expectativa e a realidade de moradores do Morro da Babilônia na virada do ano 2000

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | Colaborador

Florestan Fernandes

Florestan Fernandes nasceu na cidade de São Paulo, em 1920. Foi um dos grandes intérpretes da história do Brasil. Um caso incomum entre nossos intelectuais. Nasceu pobre. Sua mãe era uma empregada doméstica de origem portuguesa. Cresceu na casa dos patrões. O nome Florestan foi uma homenagem de sua mãe a um dos empregados da família para a qual trabalhava. Os patrões, no entanto, achavam que esse nome não combinava com uma pessoa de uma classe social baixa e, por isso, o chamavam de Vicente.

Florestan Fernandes trabalhou como garçom e engraxate antes de entrar para a universidade. Na faculdade de Sociologia da USP, ocupou-se em estudar a classe trabalhadora. Sua tese de doutorado, no entanto, tratou da organização social dos tupinambás e a função da guerra. Outro tema importante na produção científica de Florestan é a questão racial no Brasil. A entrada nesse campo de pesquisa deu-se por intermédio do seu professor Roger Bastide, que o convidou para fazer um estudo, junto com a Unesco, sobre o tema. Florestan apresentaria um trabalho que vai contra as ideias de Gilberto Freyre sobre as relações raciais harmônicas e democráticas que, supostamente, existiriam no país.

No livro *Revolução Burguesa do Brasil*, talvez o seu trabalho mais importante, ele mobiliza conceitos weberianos e os articulam com o marxismo. A intenção é compreender o que foi o Golpe de 1964 e suas consequências para a reorganização das classes dominantes. Qual seria o

caráter da burguesia brasileira que deu o Golpe em 1964? Qual o tipo de liberalismo brasileiro? O que significou a independência brasileira?

Fernandes estabelece diálogo com diferentes autores, tais como Nelson Werneck Sodré, Alberto Passos Guimarães e Luís Carlos Prestes, os quais diziam que uma revolução burguesa não teria se realizado no Brasil. Uma sacada interessante de Florestan foi observar que o capitalismo, que se instalou no Brasil, tem caráter dependente. Ao contrário do que pensavam aqueles outros autores, a revolução burguesa no Brasil era uma realidade. Florestan ensergava um dogmatismo de caráter europeu nas teses contrárias. Afinal, elas baseavam-se numa noção histórica que apagava nossas singularidades. Somos um país que não passou pelo feudalismo. Nós não “evoluímos” de uma sociedade feudal.

É certo que as revoluções burguesas que aconteceram nos EUA e na Europa produziram importantes transformações estruturais que levaram à reforma agrária e ao estabelecimento de projetos nacionais. Pensar o capitalismo dentro dessa chave de leitura é fundamental para entendermos como se deu a revolução burguesa no Brasil.

Florestan construiu os instrumentos teóricos para analisar o capitalismo dependente. Segundo ele, as grandes reformas estruturantes do capital (reforma agrária, educacional), que dariam sustentação a um capitalismo nacional e moderno, só seriam

possíveis caso passassem pela classe trabalhadora, devido ao caráter autoritário e dependente da burguesia nacional.

A revolução burguesa no Brasil tem como principal característica o capitalismo dependente. Ela ocorreu já na fase monopolista e imperialista do capitalismo global. Uma revolução burguesa clássica como a francesa seria incompatível com nossa especificidade histórica. A burguesia brasileira é uma “extensão” do capital internacional.

Aqui, como em qualquer lugar que passou por uma revolução burguesa, as formas sociais de produção capitalista tornaram-se dominantes. Porém, sem que se operasse reformas estruturais profundas. De modo distinto da Revolução Francesa que provocou uma ruptura radical, no Brasil, a revolução foi um processo. Houve no país uma generalização das formas sociais capitalistas, mas a burguesia não empreendeu reformas estruturais substanciais.

A revolução burguesa no Brasil, portanto, não se realizou da mesma maneira que as revoluções do centro do capitalismo. Com o Golpe de 1964, encerrou-se o processo revolucionário. Nesse evento, iria se revelar de maneira incontestável a face antinacional, autoritária e antipopular da burguesia brasileira. Por isso, o Golpe de 1964 é visto por Florestan Fernandes como uma contrarrevolução na medida em que aprofunda as tendências anticivilizatórias, o conservadorismo e a antidemocracia no Brasil.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | Colaborador

Tradição, modernidade e inovação

Sergei Rachmaninoff (1873-1943) foi pianista, compositor e maestro russo. O conjunto de sua obra revela um estilo melancólico e nostálgico. Ele também inseriu o lirismo e a complexidade harmônica do Romantismo tardio europeu, especialmente do pianista e compositor polonês Fryderyk Franciszek Chopin (1810-1849), do compositor, pianista, maestro, professor e terciário franciscano húngaro Franz Liszt (1811-1886) e do compositor, pianista e maestro alemão do período médio-romântico Johannes Brahms (1833-1897). Os temas das composições de Rachmaninoff apresentam uma linguagem harmônica densa, melodias expansivas e uma expressividade intensa que conecta a música russa aos continentes.

Uma das marcas registradas do Romantismo russo é a força da melodia, muitas vezes inspirada pelo canto popular e pela natureza lírica da língua russa. As linhas melódicas de Rachmaninoff são largas, muitas vezes emotivas e carregadas de saudade e profunda espiritualidade, temas centrais para a cultura do seu país, os quais são encontrados nos concertos para piano nº 2 e nº 3, assim como em seus prelúdios e nas sinfonias. Ele consegue, assim, preservar a tradição melódica do seu nacionalismo, mas dentro de uma linguagem harmônica mais complexa e um domínio técnico de alta precisão.

O “Concerto para piano nº 2 em dó menor, op. 18”, é estruturado em três movimentos: *moderato*, *adagio sostenuto* e *allegro scherzando*. O primeiro movimento inicia com a introdução orquestral sombria, preparando a entrada do piano com um tema melódico expansivo e cheio de emoção. O segundo movimento é mais contemplativo e lírico, com uma melodia suave e envolvente no piano. O movimento final é uma explosão de energia, combinan-

do virtuosismo e brilhantismo, com temas que remetem aos movimentos anteriores, conferindo coesão à obra. Esse concerto é, frequentemente, interpretado em competições e recitais, sendo considerado um símbolo de superação pessoal.

O “Concerto nº 3 em ré menor, op. 30”, escrito em 1909, é reconhecido por sua extrema dificuldade técnica. Apesar dessa dificuldade, é admirado por seu equilíbrio entre virtuosismo e musicalidade. Pianistas dedicam anos para dominar essa obra, e sua execução é vista como uma demonstração suprema de habilidade técnica e interpretação emocional profunda.

Rachmaninoff ampliou as variações harmônicas e orquestrais do Romantismo russo. Suas obras apresentam uma densidade sonora, com uso de modulações, dissonâncias controladas e texturas orquestrais diversificadas, que criam ambientes sonoros dramáticos e emocionais. A forma como ele integra o piano e a orquestra nos concertos continua influenciando intérpretes por meio

Foto: Reprodução



Rachmaninoff: lirismo, complexidade harmônica com melancolia

da expressividade do instrumento, sem perder a intensidade dramática, característica do romantismo. Esse refinamento harmônico não rompe com a tradição, mas a atualiza, conectando a música russa a correntes mais amplas do Romantismo europeu e preparando novas técnicas para experimentações do século 20.

Outro aspecto da contribuição de Rachmaninoff é a dimensão espiritual presente em sua música. Essa característica está presente em peças como a “Vésperas, op. 37”, obra guiada por sua religiosidade e pela memória dos rituais da Igreja Ortodoxa que frequentava desde criança. Trata-se de uma obra coral sacra, considerada um dos patrimônios da música russa. Outro exemplo é o “Prelúdio em dó sustenido menor, Op. 3 nº 2”, obra curta e extremamente expressiva, que

usa frases longas e melódicas, contrastando com passagens virtuosísticas. No âmbito instrumental, o lirismo e a melancolia presentes nas melodias clamam por um senso de saudade e contemplação que remete à alma russa, característica fundamental do seu romantismo nacional. Ele manteve a tradição cultural do seu país em uma época marcada por rápidas mudanças culturais, musicais e pelas sangrentas revoluções, e contribuiu para levar a música russa ao mundo, ampliando o alcance do seu romantismo e inserindo-o no repertório clássico da música erudita.

Sinta-se convidado à audição do 524º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 15, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante a transmissão, analisarei as contribuições para a tradição, modernidade, inovação e romantismo do pianista e compositor russo Sergei Rachmaninoff (1873-1943).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O patinho feio

Não é fácil ser-se o presumível. Na busca “cega” do conhecimento, alguns “mortais” querem porque querem ser imortais (nem todos) – aqueles que morrem vivos, lançando-se às trevas e não “por acaso” se defrontam com Nosferatu. É cruel.

O patinho feio sabe que é feio, mas da sua boca só sai horrores. Quem tem talento, não se escabuja, não rasteja, ou seja, espera pelo nota do público. O que não pode é sair dizendo que é uma coisa sendo outra.

Segundo Cartesius, a versão latina do nome de René Descartes, comportamo-nos assim como um homem “que ardesse num desejo tão louco de descobrir um tesouro que percorresse sem parar todos os caminhos, procurando se, por acaso, algum viajante não teria perdido alguma coisa”. Faz sentido.

Quando a pessoa não consegue ser nada na vida e não conseguir é alma penada, (já nasce assim) porque a pessoa já nasce com talento, outras sem oceanos, o que poderia ser e nunca foi.

O “escritor” revoltado por que não conseguiu matar seu irmão, que era muito inteligente, não conseguiu matar sua mãe, porque queria ser órfão, um homem velho órfão, mas nunca vai saber que é ou o que se diz ser.

O patinho feio vai a público sem público com ações infames, até com o Casarão do Saber, onde ele é aceito, atira pedra na lua, joga bosta na Geni e isso, rigorosamente, indisciplinado e a coisa vai ficando por isso, fedendo.

Parece que não dar resposta é o certo, para que a criatura se possua mais, enlouqueça mais, quanto se rir de boca em boca, simulando as histórias mais terríveis. Nem a Santíssima Trindade escapa.

Sim, temos poetas, escritores sem a qualidade no número do conhecimento, não é um batalhão que carrega a bem-dizer, o bem escrever e sem precisar de admirar a si mesmo. Te dana!

Não fica bem o exibicionismo de uma pessoa já idosa, mesmo que ela seja perturbada, porque não existe a necessidade, gritando eu sou isso, eu sou aquilo. Não é.

Voltada para o deslumbre, cercado de muito estranhos, esculhamba com um e outro, sem educação e, toda vez que me encontra nos lugares, grita o meu nome bem alto. Desce daí criatura, que tu cai e do chão não passa.

Ninguém tem o direito de sentar a bunda numa cadeira e escrever asneiras contra as pessoas, num exercício marginal, tentando mexer na reputação de homens e mulheres.

De acordo com a compreensão de Descartes, qualquer verdade conhecida supõe ela mesma o método, necessariamente implícito em tudo o que é verdadeiro. Se não é, de tal modo que a palavra conota aqui tudo que lhe é estranho e mesmo oposto na representação usual de quem se acha o máximo. Não é bem assim, Otariano.

Sua conotação é língua morta. Neste caso, tais criaturas, lançadas às trevas, deixam-se sem razão se arrastar na luz dos candeeiros. Se houver luz...

Kapetadas

1 – Existe consciência social e existe inveja. Tem muita gente usando o primeiro para disfarçar o segundo.

2 – Sofomaniaco: quem demonstra uma confiança exagerada em seus próprios conhecimentos.

Foto: Reprodução



René Descartes retratado em filme de 1974, de Roberto Rossellini

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

65 anos da ACCP e CEPB

Um episódio importante para o cinema paraibano, neste ano de 2025, entre outros que vimos testemunhando nesses últimos tempos, há de ser a celebração dos 65 anos da Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba (ACCP). Em sendo dela associado, já a partir do início da década de 1960, à época presidida pelo jornalista e crítico de cinema Antônio Barreto Neto, hoje, sinto-me, igualmente, membro de outra entidade, a Academia Paraibana de Cinema. Esta, cujas origens remontam à própria ACCP e aos movimentos de cinemas dela originados.

O Cinema Educativo da Paraíba foi criado pelo governador José Américo de Almeida, em dezembro de 1955, mas só funcionando a partir do início dos anos 1960, no governo de Pedro Gondim. A Paraíba sempre teve uma tradição rica de cinema. Seja no incentivo à sua cultura, mediante os cineclubes, veja-se o esforço do escritor José Rafael de Menezes, pelo uso de espaços na imprensa escrita e falada, como na própria produção fílmica. E o Cinema Educativo da Paraíba veio para ampliar tudo isso, inclusive com sua função na socialização educativa junto às escolas estaduais, sobretudo na capital e na Grande João Pessoa. Tudo dirigido pelo nosso João Córdula, entre os anos 1950 e 1970, tendo ainda auxiliado muitos jovens cineastas a realizarem suas primeiras produções cinematográficas.

Todos esses fatos estão em nosso livro *Cinema & Revisionismo*, obra publicada em maio de 1982, pela Editora A União, dentro das celebrações dos 25 anos do Cinema Educativo da Paraíba. Efeméride que causaria, ainda, a realização de um outro evento, o curta-metragem *Cinema Inacabado*, que dirigi em bitola 16 mm e cores, justo, para homenagear o fotógrafo e cineasta João Córdula, diretor vitalício do CEPB. Córdula que, inclusive, é patrono cadeira 14 da Academia Paraibana de Cinema, hoje ocupada pelo atual presidente da APC, professor João de Lima.



Foto: Arquivo pessoal

Pedro Gondim: em seu mandato surgiu o Cinema Educativo da Paraíba

Durante a gestão do prof. Moacir Barbosa de Sousa, ele e o acadêmico Manoel Jaime Xavier promoveram uma revisão da ACCP. Uma longa entrevista foi gravada com Wilis Leal e transformada em audiovisual, com informações privilegiadas que servirão como material de consulta sobre o período da ACCP. O encontro entre os acadêmicos da APC sobre a Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba, no auditório da FCJA, teve também a minha participação e da ASProd, empresa paraibana de cinema e vídeo que gravou as imagens e ficou encarregada da finalização de um documentário de 30 minutos de duração, aproximadamente.

Sempre foi preocupação minha, ainda mais agora, o sério resgate histórico do cinema paraibano, em sua real essência e rica trajetória ancestral, muitas vezes esquecida pelos “internéticos”, também pelos

atuais *videomakers*. Mais ainda, aqueles que, saídos dos bancos acadêmicos não buscam saber, em profundidade, sobre as tradições e as raízes do cinema paraibano, ignorando (ou desdenhando) da nossa *movie art*.

Quanto à importância do Cinema Educativo da Paraíba, no passado, gostaria de finalizar este artigo com uma declaração do nosso saudoso amigo Barretinho (Antônio Barreto Neto), na apresentação do meu livro, quando afiança: “Há mais de oito anos militando na crítica e na realização cinematográfica, e adotando em ambos os *fronts* a mesma postura (digamos) política, Alex Santos tem a autoridade que lhe confere essa experiência para falar com desembaraço, quando escreveu *Cinema & Revisionismo* (...) e pela contribuição de João Córdula no Cinema Educativo”. – Mais “*coisas de cinema*”, em www.alex santos.com.br



APC: Inscrições encerradas

Com suas inscrições já encerradas, a Academia Paraibana de Cinema deve reunir sua diretoria nos próximos dias, para homologar o nome escolhido para a vaga deixada pelo jornalista e cineasta Carlos Aranha, da cadeira 37, cujo patrono é o historiador Geraldo Carvalho. O anúncio do novo membro da APC, conforme prevê as normas da entidade, acontecerá em dia e hora a serem anunciados, oportunamente, para que se apresente o eleito no seguinte endereço: Unidade da FCJA, Av. N. S. dos Navegantes, no bairro de Tambáú, em João Pessoa/PB.

LANÇAMENTO

Livro traz artigos de Orwell sobre literatura

Da Redação

Foi lançado neste mês o livro *Na Livraria com Orwell – Ensaios sobre Livros, Literatura e Escrita*, reunião de ensaios sobre livros escritos por George Orwell de 1936 a 1946. A publicação é da editora Lote 42. A coletânea reúne oito textos escritos de 1936 a 1946, entre os quais “Memórias de livraria”, “Livros e cigarros” e “Confissões de um crítico literário”, que revelam a visão de mundo de Orwell, autor de clássicos como *1984* e *A Revolução dos Bichos* (por vezes traduzido como *A Fazenda dos Animais*). O leitor conhecerá as influências e as opiniões de Orwell sobre o mercado literário, sua defesa sobre a clareza e a honestidade na escrita, sua paixão pelos livros e pelas livrarias.

Orwell desafia o senso comum acerca do custo do livro, contrapondo-o a outros gastos cotidianos da classe trabalhadora inglesa e celebra os “bons livros ruins” — obras desprezíveis que resistem à passagem do tempo. A tradução ao português, organização e posfácio da obra são de Gisele Eberspächer, doutoranda em estudos literários pela Universidade Federal do Paraná. Esta é a segunda edição da obra, que circulou sob demanda e em versão com capa artesanal pela Livraria Gráfica, em 2023. Agora, com impressão *offset* e nova capa, o livro terá circulação em livrarias físicas, *on-line* e em eventos culturais.



Foto: Reprodução

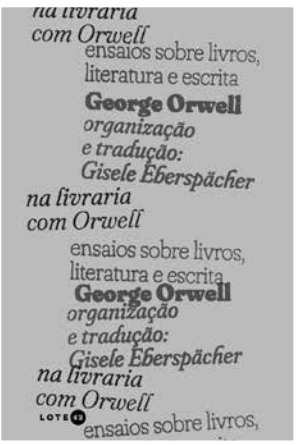


Foto: Divulgação/Lote 42

Edição traz textos de Orwell escritos entre 1936 e 1946

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Pensamentos provisórios

Alguns assuntos me atraem. Gostaria de escrever um pequeno tratado acerca da lágrima. Sua história, sua pedagogia, seus efeitos no interior das civilizações. Penso, muitas vezes, em me dedicar ao estudo dos adjetivos em certos autores. Clarice Lispector, Roberto Bolano e Philip Roth, por exemplo. Ando colecionando dados bibliográficos para um ensaio livre sobre as cenas eróticas da literatura bíblica. Quem sabe, um dia, não pesquise os fundamentos de uma ética vegetal. De uma filosofia dos reinos imaginários, de uma ciência dos acasos, de uma epistemologia do episódico. Sempre tive a preocupação de ampliar a escala cognitiva de nossos objetos formais de estudo e me atirar, sem temer qualquer risco, nem mesmo o do ridículo, nos abismos indezessáveis dos conhecimentos heterodoxos. Dos saberes que não passam pelo interesse nem pelos cuidados da academia. Se não ousamos na volúpia da incerteza, na blasfêmia da curiosidade, nos sortilégios da loucura, nunca sairemos da mesmice.



Sempre desconfiei de qualquer crença. Em mim, a dúvida, o tédio, o ceticismo se instalaram logo cedo, desde as primeiras leituras e desde que procurei estabelecer relações com o bicho humano, em suas insólitas e inclassificáveis tipologias. Desconfio, principalmente, dos profetas e dos mártires. Mais perto de nós, dos politicamente corretos. Desconfio dos ideólogos, dos doutrinadores, dos que se consideram eleitos. Dogmas, idolatrias, absolutos, fanatismos merecem a minha mais ardorosa desconfiança. Desconfio dos que se acham os donos do saber, dos que criam sistemas políticos, filosóficos, religiosos e se comprazem enquanto Prometeus iluminados e senhores da verdade. Também desconfio da verdade, sobretudo, quando a verdade se estreita na ilusão ou na fraude de axiomas insustentáveis. Desconfio dos silogismos da história, dos grandes marcos, das datas solenes, do espetáculo dos acontecimentos monumentais, dos heróis que tentam curar ou salvar a humanidade. Ativistas, filantropos, pedagogos, padres, pastores, psicólogos, professores, líderes sindicais ou gurus de qualquer seita. Enfim, todos aqueles que apostam na falácia da mudança ou da transformação, para sanear a humanidade de suas mazelas intrínsecas, estimulam e alimentam a minha velha desconfiança. De resto, discordo da palavra final.



Aqui, quem está absolutamente limpo? Existe alguém completamente puro? Uma criatura que não traga uma mácula dentro da alma? Alguma mancha que incomoda? Algum personagem que, por mais convencional que seja a narrativa, não se espoja, aqui e ali, na volúpia do erro, no pântano da culpa, no charco do remorso? Sou dos que vê, na pureza e na inocência, uma estúpida fantasia sem valor moral nem legitimidade ontológica. Todos somos vítimas e culpados. Não só devemos usar repelentes contra mosquitos e muriçocas. Mas também contra as mazelas mesquinhas que cultivamos no dia a dia e que nos modulam os passos na estranha coreografia que somos, na nossa sagrada imperfeição. Por que insistimos na fraude da pureza acadêmica, da pureza política, da pureza religiosa, da pureza sexual? Toda pureza é fascista. Em contraposição a impureza, nosso estado natural, parece propiciar as diferenças culturais, os saltos criativos, a cognição das substâncias imperceptíveis, o elemento vívido das manifestações artísticas. Portanto, sem o erro, sem a falha, sem a falta, sem o logro, sem o luto, a vida soçobra. Se penso, por exemplo, no poema, lembro-me da sujeira das palavras, da nódoa que escorre dos fonemas, dos reles resíduos que se preservam, nos versos, nas imagens, nas impurezas da vida. Afinal, o que se quer puro me assusta e horroriza.

Foto: Reprodução



Clarice Lispector: “um estudo dos adjetivos em certos autores”

Colunista colaborador

MÚSICA

Hardcore no São João

A banda Zepelim e o Sopro do Cão é atração inusitada em evento junino no Museu dos Três Pandeiros

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

O São João de Brincantes comemora os festejos juninos em sua primeira edição, no Museu de Arte Popular da Paraíba (Mapp), no Centro de Campina Grande, desde o dia 6 de junho. A programação é diversa, com quadrilhas, grupos de coco, trios pé de serra e até a banda de *hardcore* Zepelim e o Sopro do Cão, que sobe ao palco hoje, às 19h. As atividades do evento seguem até o dia 29 de junho, sempre às sextas-feiras, sábados e domingos, das 15h às 22h.

Esta é a terceira vez consecutiva que Zepelim e o Sopro do Cão encontra formas outras de integrar os festejos da cidade, ampliando as possibilidades de diálogo entre a

música alternativa e as tradições locais. “Como não temos espaço pro ‘alternativo’ na programação oficial do evento, a gente passou a produzir nossos próprios eventos juninos”, explica Babbu, vocalista do grupo.

Entre os eventos paralelos, incluem-se iniciativas como o Parque do Pogo em 2023 — realizado dentro de um bar no Parque do Povo, em Campina Grande —, e o São João Alternativo do Polo Baixinho do Pandeiro em 2024, que contou com diferentes expressões culturais, como coco, maracatu e a presença da banda pernambucana Devotos. Em 2025, a participação no São João de Brincantes representa mais um passo no compromisso do grupo com a ocupação de espaços cultu-

rais na cidade.

O repertório do show conta com os sons do disco autoral *Caranguejo de Açude*, lançado em 2024, conhecido do público alternativo da cidade, além de outras músicas, lançadas ou não, normalmente inseridas no *setlist*. “Nos shows de São João, a gente gosta de brincar um pouco, encaixar um arrasta-pé no *ska* e botar o povo pra pular e dançar quadrilha [risos]. Então o público pode esperar um repertório enérgico, com os clássicos da banda e um molhinho junino pra aquecer ainda mais a festa”, garante Babbu.

A relação entre o *hardcore*, estilo predominante da banda, e o São João é vista, inclusive, com naturalidade pelo músico: “Enxergo que, por

parte das bandas e do público, exista uma relação bastante harmoniosa entre o São João e a cena alternativa do Nordeste como um todo, não só com o rock ou *hardcore*”.

O cantor também reforça a importância de ocupar espaços locais, criticando a presença de artistas sem vínculo com a região em detrimento dos talentos locais. “Eu nasci aqui, vivo aqui, falo sobre coisas daqui com o sotaque daqui. Enquanto não há uma relação de respeito entre quem produz o evento e o público e bandas do alternativo, seguiremos sendo resistência e ocuparemos os poucos espaços que a gente consegue ter acesso”, ressalta,

apontando a necessidade de maior reconhecimento para as bandas da terra.

Atualmente, Zepelim e o Sopro do Cão vem encerrando a turnê de *Caranguejo de Açude*, que passou por diversas cidades do Nordeste, incluindo o Festival DoSol em Natal, em 2024. Sobre a apresentação em Campina Grande, a banda destaca a conexão especial que tem com o público local.

“A gente tá literalmente em casa, com amigos, familiares e um público que canta todas as músicas e pula do início ao fim. Com certeza vai ser mais uma apresentação memo-

rável em nossa cidade. Então, se tu nunca ‘fosse’ num show da Zepelim em Campina Grande, vem simhora, que aqui o negócio é diferente. E no São João é melhor ainda, fica aqui o convite”, conclui o vocalista.

O São João de Brincantes é realizado pela Associação de Juventudes, Cultura e Cidadania (Ajurcc), em parceria com o Comitê de Cultura da Paraíba.

ONDE:

■ MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/nº, Centro, Campina Grande).

Banda campinense desbrava espaços nos eventos da cidade

Foto: Natália D. Lorenzo/Divulgação



Em Cartaz Cinema

Programação de 12 a 18 de junho, nos cinemas de João Pessoa: Campina Grande, Patos, Guarabira, Remígio e São Bento.

* Até o fechamento desta edição, não havia divulgado sua programação: o Cine Vieira, em São Bento.

ESTREIAS

COMO TREINAR O SEU DRAGÃO (*How to Train Your Dragon*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Dean DeBlois. Elenco: Mason Thames, Nico Parker, Gerard Butler. Aventura/ infantil. Garoto de uma comunidade de vikings em guerra com dragões faz amizade com um dragão ferido. Refilmagem live action da animação de 2010. 2h05. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): dub.: 13h, 15h40, 18h20, 21h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h30, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 3D: dom.: 12h, 14h45, 17h30, 20h15; seg.: 14h40, 17h30, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 14h15, 17h, 19h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 9: dub.: 3D: 12h30, 15h15, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): dub.: 2D: 13h15, 18h45; 3D: 16h, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h, 16h45. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 15h. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h40, 17h, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h25, 17h50, 20h15. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h25, 17h50, 20h15. CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 16h. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 14h40, 17h, 19h30. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 15h. CINE GUEDES 3: dub.: 3D: 16h, 18h35; 2D: 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: dom.: 13h40, 16h10, 18h45, 21h20; seg.: 16h, 18h45, 21h20. CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 3D: dom.: 17h45; seg.: 18h05. **Remígio:** CINE RT: dub.: sab.: 14h, 18h20; ter.: 14h, 16h15.

JUNE E JOHN (*June and John*). França, 2025. Dir.: Luc Besson. Elenco: Matilda Price, Luke Stanton Eddy, Ryan Shoos. Romance/ suspense. Homem comum vive intenso romance com mulher enigmática e embarca em jornada imprevisível. 1h32. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qui.: 19h. leg.: 21h30. CENTERPLEX MAG 2: leg.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 21h15.

PRÉDIO VAZIO. Brasil, 2025. Dir.: Rodrigo Aragão. Elenco: Caio Macedo, Leonardo Magalhães, Gilda Nomacce. Terror. À procura da mãe, jovem chega a um prédio aparentemente vazio, mas habitado por almas torturadas. 1h20. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: sáb., 21/6: 17h; qui., 26/6: 20h30; dom., 29/6: 17h.

PRÉ-ESTREIA

EXTERMINIO – A EVOLUÇÃO (*28 Years Later*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Danny Boyle. Elenco: Jack O’Connell, Aaron Taylor-Johnson, Ralph Fiennes, Jodie Comer. Terror. Sobreviventes de uma infestação zumbi vivem isolados em uma ilha e um dos membros sai do santuário para descobrir os segredos do mundo que ficou para trás. 1h55. Classificação não informada.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: qua.: leg.: 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: qua.: dub.: 18h45, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: qua.: dub.: 18h, 20h30.

REAPRESENTAÇÃO

SAANEAMENTO BÁSICO. O FILME + ILHA DAS FLORES. EUA, 2007. Dir.: Jorge Furtado. Elenco: Fernanda Torres, Wagner Moura, Camila Pitanga, Lázaro Ramos, Bruno Garcia, Paulo José, Tonico Pereira, Janaina Kremer Motta, Lúcio Mauro Filho, Zéu Brito. Comédia. Moradores querem da prefeitura o conserto de uma fossa, mas recebem a verba para produzir um filme. Tentam, então, descobrir como fazer um para resolver junto o problema do saneamento. Exibição inclui o curta *Ilha das Flores* (1989). 1h52. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 15/6: 19h; sab., 21/6: 19h; qui., 26/6: 18h.

CONTINUAÇÃO

ABÁ E SUA BANDA. Brasil, 2025. Dir.: Humberto Avelar. Vozes: Filipe Bragança, Zezé Motta, Rafael Infante. Animação. o príncipe do Reino do Pomar precisa enfrentar um vilão para conseguir realizar o sonho de ser músico. 1h24. Livre.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 15/6, sáb., 21/6, e dom., 29/6: 15h.

AINDA NÃO É AMANHÃ. Brasil, 2025. Dir.: Milena Times. Elenco: Mayara Santos, Bárbara Vitória, Clau Barros. Drama. Jovem pobre é a primeira da família a conseguir ir para a universidade, mas uma gravidez não desejada ameaça seus planos. 1h16. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: qui., 19/6: 20h30; dom., 22/6: 17h; sáb., 28/6: 17h.

AS AVENTURAS DE UMA FRANCESA NA COREIA (*Yeohaengjaui Pilyo*). Coreia do Sul, 2024. Dir.: Hong Sang-Soo. Elenco: Isabelle Huppert, Lee Hye-Yeong. Drama. Francesa em crise em Seul e com hábitos peculiares passa a dar aulas de francês a duas jovens locais. 1h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: leg.: dom., 22/6: 15h; sab., 28/6: 19h.

BAILARINA – DO UNIVERSO DE JOHN WICK (*Ballerina*). EUA, 2025. Dir.: Len Wiseman. Elenco: Ana de Armas, Keanu Reeves, Ian McShane, Anjelica Huston, Gabriel Byrne, Catalina Sandino Moreno. Aventura/ policial. Assassina treinada procura vingança pela morte do pai. 2h05. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 17h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h45, 16h30, 22h; leg.: 19h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 19h15, 22h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 16h, 18h20, 20h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 18h20, 20h40. **Patos:** CINE GUEDES 1: dub.: dom.: 20h40; seg.: 18h30, 21h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 20h30; seg.: 21h. **Remígio:** CINE RT: dub.: 20h30.

HOMEM COM H. Brasil. 2025. Dir.: Es-mir Filho. Elenco: Jesuita Barbosa, Bruno Montaleone, Jullio Reis, Hermila Guedes. Drama. As diferentes fases da carreira do cantor Ney Matogrosso, desde a sua infância até a vida adulta, sempre desafiando padrões. 2h10. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: 20h30.

LILO & STITCH (*Lilo & Stitch*). EUA, 2025. Dir.: Dean Fleischer Camp. Elenco: Chris Sanders (voz), Maia Kealoha, Sydney Agudong, Zach Galifianakis, Courtney B. Vance, Tia Carrere, Jason Scott Lee. Infantil/ aventura/ comédia. Garota solitária faz amizade com alienígena destruidor que está em fuga. Refilmagem live action da animação de 2002. 1h48. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 14h, 16h30, 19h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 13h45, 16h20, 18h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h20, 16h50, 19h20. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: sex.: a ter.: 12h45, 15h15, 17h45, 20h15; qua.: 12h45, 15h15, 17h45. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h15, 15h45, 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: qui.: 13h, 15h30, 18h; qua.: 13h, 15h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 12h30, 15h, 17h30, 20h. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h, 17h10, 19h20. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 14h10, 16h15, 18h20, 20h25. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 14h10, 16h15, 18h20, 20h25. CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 15h30. **Patos:** CINE GUEDES 2: dub.: dom.: 14h40, 16h40, 18h50, 20h50; seg.: 16h40, 18h50, 20h50. CINE GUEDES 3: dom.: dub.: 14h. **Guarabira:** CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: 15h10. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 2D: 13h50, 18h30, 20h50; 3D: 16h15; seg.: 16h15; 2D: 18h30, 20h50. **Remígio:** CINE RT: dub.: sab.: a seg.: e qua.: 16h15; ter.: 18h30.

O MELHOR AMIGO. Brasil, 2025. Dir.: Allan Deberton. Elenco: Vinicius Teixeira, Leo Bahia, Claudia Ohana, Gretchen. Comédia/ musical. Dois amigos se reencontram na praia de Canoa Quebrada, reacendendo antigos desejos. 1h36. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 15/6: 17h; qui., 19/6: 18h30; sab., 28/6: 15h.

MISSÃO: IMPOSSÍVEL – O ACERTO FINAL (*Mission: Impossible – The Final Reckoning*). Reino Unido/ EUA, 2025. Dir.: Christopher McQuarrie. Elenco: Tom Cruise, Hayley Atwell, Ving Rhames, Simon Pegg, Esai Morales, Pom Klementieff, Henry Czerny, Angela Bassett, Cary Elwes. Aventura. Equipe de agentes parte para o confronto final contra uma inteligência artificial que ameaça o mundo. Oitavo da série que começou em 1996, baseada na série de TV de 1966. 2h49. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 13h45, 17h15, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: qui.: a ter.: 20h30. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h15. **Patos:** CINE GUEDES 1: dom.: dub.: 17h40.

PREMONIÇÃO 6 – LAÇOS DE SANGUE (*Final Destination – Bloodlines*). EUA, 2025. Dir.: Zach Lipovsky e Adam B. Stein. Elenco: April Telek, Tony Todd, Brec Bassinger. Terror. Atormentado por pesadelos, estudante retorna à sua cidade para encontrar a única pessoa que pode salvar sua família de um destino terrível. Sexto da série que começou em 2000. 1h50. 18 anos.

João Pessoa: CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 18h10. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h05.

TRILHA SONORA PARA UM GOLPE DE ESTADO (*Soundtrack to Coup d’Etat*). Bélgica/França/Holanda, 2024. Dir.: Johan Grimonprez. Documentário. Quando o Congo se liberta da Bélgica, uma trama internacional se arma para derrubar o novo governo, usando o jazz como parte da ação. 2h30. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGUÊ: dom., 22/6: 19h; dom., 29/6: 19h).

Música

HOJE

ARRAIÁ DO SESC. Shows de Luciene Melo e Amazon.

João Pessoa: SESC CENTRO DE CULTURA, ARTE E ESPORTE (R. Desembarga-

dor Souto Maior, 281, Centro). Domingo, 15/6, 14h. Ingressos: R\$ 20 + 1 kg de alimento não perecível (inteira) e R\$ 10 + 1 kg de alimento não perecível (meia), antecipados no local ou a plataforma Sympla.

MULHERES NA RODA DE SAMBA.

Show do grupo de samba.

João Pessoa: RECANTO DA CEVADA (R. Bancário Waldemar de M. Accioly, 53, Bancários). Domingo, 15/6, 17h. Entrada franca.

SÃO JOÃO DE BRINCANTES. Música e atrações juninas. Domingo (15/6): Feira Múltiplos Criativo (15h); Trio Pé de Serra + Mulheres Protagonistas (16h); Cia de Dança Raízes (18h); Banda Zepelim e o Sopro do Cão (19h); Instalação artística multiárea com apresentação do DJ Djeff e convidados (20h30).

Campina Grande: MUSEU DE ARTE POPULAR DA PARAÍBA (MUSEU DOS TRÊS PANDEIROS) (R. Dr. Severino Cruz, s/nº, Centro). Domingo, 15/6, 15h. Entrada franca.

SÃO JOÃO DE CAMPINA GRANDE.

Shows de gêneros variados. Domingo (15/6): Limão com Mel, Mastruz com Leite, Cavalo de Pau e Stella Alves.

Campina Grande: PARQUE DO POVO (R. Sebastião Donato, S/Nº, Centro). Quinta a domingo, até 6/7. Entrada franca.

SÃO JOÃO NA REDE. Show de forró. Domingo: Quadrilha junina Os Caipiras Abonecados, Nevinha dos 8 Baixos e Forró de Quebra Osso, Filipe Sousa e Roninho do Acordeon e Nonato Neto.

Salgadinho: DISTRITO DE SÃO JOSÉ DA BATALHA. Domingo, 15/6, 17h. Entrada franca.

TRIO PITANGUEIRA.

Show de jazz instrumental.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, 8, Varadouro). Domingo, 15/6, 18h. Ingressos: R\$ 10 (promocional), antecipados na plataforma Shogun.

Exposições

HELLE BESSA. Obras da artista visual na exposição *Impressões contra o Fim*.

João Pessoa: GALERIA LAVANDEIRA (Centro de Comunicação, Turismo e Artes, UFPB). Abertura quinta, 12/6, 17h. Visitação até 4 de julho. Entrada franca.

POLÍTICAS PÚBLICAS

Foco em quem representa o futuro

Pacto Paraibano pela Primeira Infância mobiliza diversos entes para reforçar assistência a crianças de até seis anos

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

A primeira infância, que abrange os primeiros seis anos de vida, é um momento fundamental para o desenvolvimento do indivíduo. Na Paraíba, há um esforço, cada vez maior, para garantir que as crianças dessa faixa etária tenham seus direitos respeitados e possam acessar condições que favoreçam um crescimento saudável.

De acordo com a psicopedagoga Izabel Nogueira, nos seis primeiros anos de vida, ocorre a definição física e cognitiva do cérebro, sendo essa fase considerada a de “formação comportamental fundamental de maturidade”. A falta de atenção, de estímulos e de cuidados adequados impactam negativamente as crianças e geram consequências que podem perdurar na vida adulta.

“Quando essa primeira infância não é bem cuidada, há um impacto para o resto da vida e esse impacto, às vezes, demora muito para ser corrigido ou para ser estimulado corretamente. Então, é crucial que a criança esteja sendo, de forma correta, bem estimulada e cuidada em todas as suas áreas da vida”, adverte.

Para garantir que esses desafios sejam cumpridos, o Tribunal de Contas da Paraíba (TCE-PB) lançou, em abril deste ano, o Pacto Paraibano pela Primeira Infância (PPPI), reunindo representantes dos Três Poderes, de universidades e de setores da sociedade. O Pacto prevê a criação de indicadores para monitorar o cumprimento de metas pelos municípios, a serem definidos

a partir nas ações em áreas de Saúde, Nutrição, Educação, Parentalidade e Segurança, além de planos de proteção à infância e criação de comitês intersetoriais.

O presidente do TCE-PB, Fábio Nogueira, ressalta que o Tribunal deve ter uma atuação “além do exame contábil de receitas e despesas institucionais”, indicando a priorização da primeira infância como um dever de todos, previsto na Constituição Federal e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), e com foco no compromisso de atores públicos e privados para garantir o desenvolvimento pleno das crianças.

“O cuidado com a primeira infância foi propósito que manifestei no meu discurso de posse. Fiz isso por estar consciente de que assumia a presidência de um organismo indutor das boas políticas públicas e de que não poderia me calar diante de um quadro que se agrava. Falo da violência física e emocional, do não acesso a cuidados básicos de saúde, nutrição e educação. Portanto, falo da ausência de oportunidades para o desenvolvimento infantil físico e mental”, pontua.

O PPPI estabelece seis princípios norteadores: prioridade absoluta aos direitos da criança — previstos na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); sustentabilidade social e econômica das políticas; intersetorialidade entre órgãos governamentais; redução das desigualdades; participação da sociedade; e transparência nos investimentos. A articulação do Pacto é liderada por instituições



Presidente do TCE-PB enfatiza que priorizar a primeira infância é dever previsto na Constituição

Fotos: Divulgação/TCE-PB

com atuação na fiscalização de políticas públicas e na defesa dos direitos infantojuvenis, com destaque para o TCE-PB, o Ministério Público da Paraíba (MPPB) e o Governo do Estado da Paraíba.

O vice-presidente do TCE-PB, André Carlo Torres Pontes, ressalta como medidas prioritárias aos municí-

pios que aderem ao PPPI o incentivo à criação de Comitês Municipais Intersetoriais e Planos Municipais para a Primeira Infância (PMPIs), “contemplando as políticas setoriais de educação, saúde, assistência social e proteção e lazer, integrando-as”.

Conforme o conselheiro, as ações previstas prezam

pelo monitoramento e pela garantia da continuidade dessas ações, sendo o acompanhamento realizado por meio de indicadores já utilizados neste tipo de política pública, como índices de número de consultas pré-natal; mortalidade infantil; crianças em creche e pré-escola, etc. Um dos principais desa-

fios, contudo, é o engajamento dos gestores municipais, para que as ações não fiquem restritas aos seus mandatos.

André Carlo Torres Pontes, que também é presidente da Comissão Interna da Primeira Infância no TCE-PB, pontua que a Corte também prioriza essa continuidade e “pretende criar um gabinete permanente da primeira infância, o qual não ficará adstrito a uma gestão específica”. Além disso, o Tribunal pretende lançar um selo de certificação, como forma de estimular o gestor a atingir o mais alto grau de compatibilidade com o Plano Municipal para a Primeira Infância.

“Trazendo a temática para a rotina dos trabalhos aqui desenvolvidos e depois de um cuidadoso processo de orientação e sensibilização, será possível cobrar, com reflexos na prestação de contas anual, a perfeita sintonia das ações gerenciais das comunas e os objetivos e metas traçados no Pacto, os quais retratam a política nacional”, explica.

Cursos pavimentam rota em direção a metas

O TCE-PB ofereceu cursos de capacitação para gestores e equipes municipais sobre planejamento, orçamento e gestão pública — voltados à elaboração do Plano Plurianual (PPA), da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e da Lei Orçamentária Anual (LOA) —, com 12 horas-aula, em cinco polos do estado.

Um novo curso, neste mês, capacitará equipes técnicas na elaboração de Planos Municipais para a Primeira Infância e na formação de Comitês Gestores Intersetoriais, com foco na participação social. No portal *on-line* dedicado à Primeira Infância, criado pelo TCE-PB, é possível visualizar outros três cursos oferecidos: Primeira Infância Primeiro no PPA; Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e Avaliação da Qualidade na Educação Infantil.

As metas do PPPI foram distribuídas em seis eixos: In-

tersetorialidade das Políticas Públicas; Educação e Cuidado na Primeira Infância; Assistência Social e Proteção Integral; Saúde e Qualidade de Vida; Segurança Alimentar e Boa Nutrição; e Cidadania na Primeira Infância.

Para o primeiro eixo, espera-se que, até o fim de 2025, todos os municípios paraibanos tenham aprovado seus Planos Municipais para a Primeira Infância — com duração de 10 anos — e implementado políticas intersetoriais, com monitoramento a cada dois anos.

No ramo da Educação, o foco é a implementação de programas de orientação familiar; a requalificação de creches e pré-escolas para atender aos parâmetros de qualidade da Educação Infantil; a formação de equipes pedagógicas; e o monitoramento da taxa de cobertura de vagas, sendo 50% em

creches e 100% na pré-escola para crianças de quatro a cinco anos.

Na Assistência Social, a medida visa integrar programas de combate à pobreza; monitorar a vulnerabilidade infantil; promover suporte técnico para adoção e guarda; fomentar o acolhimento familiar emergencial; ampliar a divulgação da rede de proteção e promover campanhas contra a violência familiar, com monitoramento da notificação de violência e ampliação dos canais de denúncia, sendo menos um canal disponível 24 horas/dia.

Para a área da Saúde, o Pacto inclui mapeamento e aprimoramento de programas materno-infantil, garantindo assistência integral à mulher e à criança (Rede Alyne); atendimento em saúde mental; cuidados odontológicos; testes do pezinho, orelinha e olhinho — alcançan-

do 100% das crianças até 2026 — e ampliação da cobertura vacinal — também até o próximo ano — para 95% do público de até cinco anos e 100% das crianças de até um ano.

O eixo Segurança Alimentar, entre outras medidas, assegura que, até o fim de 2025, o cardápio das refeições servidas nas instituições de ensino e saúde — como creches, pré-escolas, hospitais infantis e centros de atendimento e de reabilitação — não contenham alimentos ultraprocessados ou corantes artificiais, sendo produzida integralmente com alimentos saudáveis.

Por fim, no campo Cidadania, é previsto, até o fim de 2026, que as equipes municipais já tenham passado pela formação adequada sobre a importância da oferta de espaços lúdicos às crianças, considerando a convivência entre gerações e o brincar.



Orquestra infantil se apresentou no lançamento da iniciativa

Gestores enaltecem fortalecimento da rede de cuidados básicos

Até o fechamento desta edição de **A União**, na quinta-feira (12), 34 municípios já haviam aderido ao PPPI, a exemplo de Cajazeiras, Emas, Malta, Mãe d'Água, Passagem, Patos, São José do Bonfim, Olho d'Água, Serra Grande, São João de Lagoa Tapada, Bernadino Batista, Bonito de santa Fé, Poço Dantas, Poço de José de Moura, São João do Rio do Peixe, Triunfo, Pocinhos, Nova Palmeira.

Os municípios que aderem ao Pacto apresentam expectativas, principalmente, com relação à qualificação de seus profissionais no que diz respeito à intersetorialidade das ações, assim como na ampliação das medidas já existentes.

A prefeita de Cajazeiras,

Corrinha Delfino (PP), destaca que pretende fortalecer a rede de cuidado, capacitando seus profissionais, além

“

Entre os resultados esperados, destacamos a melhoria nos indicadores de aprendizagem

Anete Loureiro

de criar ambientes acolhedores que estimulem o desenvolvimento infantil. A estratégia inclui a integração de saúde, educação e assistência social para que “todos tenham acesso a uma infância segura, com escola de qualidade, atendimento de saúde eficiente e muito acolhimento”.

“Com a adesão, Cajazeiras espera ampliar ações já em andamento e implementar novas estratégias que envolvem a capacitação de profissionais, a melhoria da rede de proteção à infância, o fortalecimento da educação infantil e o acesso a serviços de qualidade”, diz a gestora.

Para a prefeita do município de Emas, Anete Loureiro (PSB), a adesão ao Pac-

to visa elevar a qualidade do atendimento a esse público, buscando apoio técnico em acompanhamento pedagógico, gestão de dados e formação de equipes para melhorar os indicado-

res de aprendizagem e o desenvolvimento infantil, além de fortalecer a rede de proteção à primeira infância.

“Entre os resultados esperados, destacamos a melhoria nos indicadores de

Saiba Mais

Confira as legislações federais relacionadas à primeira infância:

- Constituição Federal de 1988, promulgada em 5 de outubro de 1988 — É o pilar fundamental, estabelecendo, no artigo 227, o princípio da prioridade absoluta dos direitos da criança, do adolescente e do jovem;
- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sancionado em 13 de julho de 1990 — Detalha os direitos fundamentais de crianças e adolescentes, incluindo disposições específicas para a primeira infância, como direito à vida, saúde, educação infantil e convivência familiar;
- Lei nº 13.257/2016 (Marco Legal da Primeira Infância), sancionado em 8 de março de 2016 — Estabelece os princípios e as diretrizes para as políticas públicas voltadas a crianças de até seis anos, alterando o ECA e outras leis, como a extensão da licença-paternidade para empresas cidadãs;
- Decreto nº 12.083, de 27 de junho de 2024 — Elenca as diretrizes para a elaboração da Política Nacional Integrada para a Primeira Infância e institui o seu Comitê Gestor Intersetorial.

FALTA DE ACORDO

Novo Código Eleitoral enfrenta resistências

Texto traz questões como o voto impresso e as regras para candidaturas

Agência Senado

Com votação na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado Federal adiada para 9 de julho, o Projeto de Lei Complementar que atualiza o Código Eleitoral segue sem consenso entre os parlamentares. O PLP nº 112/2021 debate questões como o voto impresso, quarentena para agentes da lei poderem se candidatar a cargos eletivos e proibição de alguns tipos de manifestações na propaganda eleitoral e nas redes sociais. Os temas dominaram boa parte dos discursos críticos dos senadores em quase três horas de debate, na última quarta-feira (11).

O prazo final para apresentação de emendas segue até 2 de julho. Relator da matéria, o senador Marcelo Castro (MDB-PI) apresentou seu sexto relatório em reunião do dia 28 de maio. Desde então, mais 100 emendas foram apresentadas, somando um total de 349. Para o parlamentar, o projeto está mais do que “amadurecido, discutido, debatido” e sempre haverá de “aparecer um adendo”.

Diante da resistência dos senadores em votar a matéria, o presidente da CCJ, senador Otto Alencar (PSD-BA), sugeriu que um representante de cada partido deve reunir-se com o relator para que se chegue a um texto que possa ser votado pelo colegiado. “Esse é o tipo de matéria que não é urgente, que tem de colocar na sala e operar. Gostaria que cada partido indicasse um representante para conversar com o senador Marcelo Castro, para sair essa letra de lei enxuta e que pudesse dar uma segurança jurídica na questão



Marcelo Castro é o relator do projeto, que teve votação no Senado adiada para o dia 9 de julho

do Código Eleitoral. Essa é a proposta que eu faço”, enfatizou o presidente da CCJ.

Quarentena

O novo Código Eleitoral reúne 898 artigos que abarcam sete leis eleitorais e partidárias. Uma das questões mais atacadas pelos senadores foi a quarentena de dois anos para os chamados “agentes da lei”. De acordo com o texto em análise, juízes, membros do Ministério Público, policiais (federais, rodoviários federais, civis e militares), guardas municipais e membros das Forças Armadas deverão se afastar de seus cargos dois anos antes das eleições, se quiserem concorrer.

Inicialmente, a proposta da Câmara definia o prazo de quatro anos de quarentena — o tempo mínimo de desincompatibilização para o agente poder concorrer em eleições. Porém, a par-

tir do debate provocado por uma audiência pública em abril, o relator alterou seu parecer para reduzir o prazo a dois anos.

Mesmo com a redução desse período, muitos dos senadores da CCJ posicionaram-se contra o dispositivo. Ex-juiz federal, o senador Sergio Moro (União-PR) concordou que a matéria é, realmente, complexa e que “é natural haver diversas divergências”, mas criticou novamente a questão da quarentena.

“O relator acatou algumas emendas que nós propusemos, mas uma, em especial, que nos causa muita preocupação (e eu tenho sempre reiterado isso) é a questão da quarentena para policiais, juízes e promotores. Talvez o tempo do adiamento seja um tempo também para a gente buscar um acordo em relação a esses temas e vários outros aqui que

estão criando grande ansiedade em colegas senadores”, disse Moro. Os senadores Magno Malta (PL-ES) e Izalci Lucas (PL-DF) somaram-se ao contraponto à quarentena para carreiras de Estado.

Para o senador Alessandro Vieira (MDB-SE), discordar do texto não significa que não pode ser votado; porém, há questões que não podem passar, como a quarentena para essas carreiras de Estado. “O tempo vai permitir que o relator aprimore o texto, que o conjunto de senadores e senadoras absorva as informações com a profundidade que deve ter, porque será um texto naturalmente judicializado”.

Marcelo Castro reforçou mais uma vez que essas são carreiras de Estado incompatíveis com a política. “Ele não pode ser, a um só tempo, promotor e político. Ele apenas vai se afastar pelo período de dois anos”, enfatizou.

Senadores criticam “censura” nas redes sociais

A restrição a manifestações também recebeu muitas críticas por parte dos senadores. Rogério Marinho (PL-RN) afirmou que vários dispositivos do texto ampliam a responsabilização dos cidadãos e comunicadores por discursos considerados, potencialmente, interpretáveis como ilegítimos ou deslegitimadores. “Você está criminalizando a crítica, está restringindo o deba-

te público, está imputando penas às pessoas pela simples discordância”, avaliou.

Marinho disse ainda que o atual texto dá à Justiça Eleitoral a possibilidade de, na hora em que se fizerem modificações na lei, “estarmos impedidos de submeter a um referendo popular ou a um plebiscito”. O senador Marcio Bittar (União-AC) salientou que essas vedações farão com que as plataformas digitais,

para não serem multadas, comecem a retirar perfis. “Vão nos censurar oficialmente”, afirmou.

Na questão da propaganda eleitoral, o texto aponta que é permitida a propaganda eleitoral negativa acerca de candidatos e partidos, mas proibida a propaganda que contenha afirmação caluniosa, difamatória ou injuriosa, que promova discurso de ódio e incite a violência ou que veicule fatos

inverídicos para prejudicar a igualdade de condições entre candidatos.

Para o senador Jorge Seif (PL-SC), informações inverídicas, discurso de ódio e conteúdo negativo “são valores subjetivos”. “E nós sabemos, hoje, que o nosso Judiciário tem se posicionado politicamente muitas vezes. Eu fico submetido a uma ideologia, a um partidarismo de um magistrado”, opinou.

Texto amplia política de cotas para mulheres

O senador Esperidião Amin (PP-SC) disse que seu partido tem destaque na discussão sobre as regras de auditabilidade do voto. Ele lembrou que a Polícia Federal apresentou ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em 2018, 14 recomendações com relação à segurança das urnas. A última recomendação, segundo o senador, seria de que fossem “enviados todos os esforços para que possa existir o voto impresso para fins de auditoria”.

“Por mais confiáveis que sejam todas as pessoas en-

volvidas no processo do sistema eleitoral e por mais maduro que sejam os *softwares*, eles sempre possuirão possíveis vulnerabilidades e necessidade de aperfeiçoamento”, avaliou Amin.

Defesa

A senadora Eliziane Gama (PSD-MA) esclarece que o relatório do senador Marcelo Castro mostra “decisão, dedicação” e a constante oitiva dos parlamentares por parte do relator. “O destaque é o instrumento que a gente tem para retirar do texto o que não

concorda. Dizer que o relatório não está completo, não é verdade”, reforçou Eliziane, ao defender que se vote o principal da proposta, em que há acordo.

A senadora salientou a importância de o texto trazer a novidade das cotas de gênero, com a introdução, pelo relator, da regra da reserva de 20% das cadeiras (e não apenas das candidaturas) nas eleições proporcionais para mulheres. “São esses critérios que eu acho que a proposta vem apresentar, e, nesse sentido, inova de uma forma ex-

traordinária e necessária, ao olhar para as cotas de gênero no Brasil”, acrescentou.

Para a senadora Professora Dorinha Seabra (União-TO), é preciso enfrentar o tema, votando o projeto. “Esse texto não é o meu e não será o de cada um dos senadores, mas nós temos que enfrentá-lo. Nós temos obrigação de tratar, até para dizer ‘esses pontos nós vamos tirar desse texto’. Nós temos que respeitar o trabalho realizado pelo senador Marcelo Castro, os debates e discussões, o que foi feito na Câmara de igual forma”.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

A vida vem sem bula

O famoso médico Dráuzio Varella disse que de médico e louco todo mundo tem um pouco. Por isso, muita gente não resiste à tentação de receitar um remedinho. É remédio natural, um comprimidinho para dor ou azia, o medicamento que a vizinha tomou quando caiu de cama com gripe, ou aquele famoso que se não fizer bem, mal não faz.

Em Itabaiana, um rapaz foi trabalhar de atendente de farmácia, tomou gosto pelas bulas e comprimidos, vestiu uma roupa branca e passou a receitar para os matutos nos dias de feira. Essa figura é quase normal, a não ser por raros acessos de insanidade. Adora se passar por médico. O Conselho Regional de Medicina nunca incomodou nosso “médico”. Seus “colegas” de profissão levam na esportiva a estranha concorrência. Virou folclore.

De remédio e receita, me chega a frase genial do cronista Marcos Tavares, *in memoriam*: “A vida vem sem bula. Por isso, às vezes, a gente toma a dose errada”. Vendo o “doutor” auscultando seus pacientes na maior seriedade, as pessoas acostumadas com essa prática, penso na qualidade de vida do interior. As sociedades dos pequenos lugarejos não afastam seus loucos, não os excluem do trabalho, da escola e da convivência familiar. A loucura sempre fez e fará parte da vida humana, sendo uma propriedade desta. Os cidadãos do interior compreendem isso e sorriem condescendentes quando seus doidos passam apressados em busca de seus delírios.

A maior do “doutor” foi receitar chá de camomila na veia para um senhor que se queixava de insônia. O poeta Jessier Quirino conta que o matuto perguntou ao compadre: “Maracujá é bom pra dormir?”, no que o outro respondeu: “Eu prefiro uma rede”.

O “doutor” raizeiro, que não tem nada de louco, é outra figura folclórica do interior. Canseira, intirixa, tosse braba, difurço, sarna, sangue no fundo, doença do mundo e mordedura de cobra são algumas doenças tratadas pelo Doutor Raiz.

A maioria dos estudantes de medicina saem de famílias bem situadas. Recusam-se a trabalhar no interior quando se formam nas faculdades pagas com dinheiro público. Ninguém quer sair da capital para atender no posto médico da prefeitura nos lugares mais distantes. Queixam-se do isolamento afetivo da família, da baixa qualidade técnica dos equipamentos, falta de condições de trabalho e remuneração insuficiente.

Portanto, nada de perseguir os raizeiros, curiosos, parteiras e “médicos” malucos. Na minha terra tem um doutor “raiz” por nome Pedro Zé, raizeiro bom da peste, que fabrica a autêntica garrafada “Fortalecimento do ser humano”. É conhecida como Viagra do mato. Ele diz que morre e não revela a fórmula. “Se falar, perco o mistério e a clientela”, afirma Pedro Zé. Adianta que contém catuaba, marapuama, nó de cachorro, pau de resposta, jucá e outras raízes.

Criei uma personagem chamada Doutor Penico Branco para atuar no meu podcast de humor “Rádio Barata no Ar”, no qual ele ensina solução caseira para males do corpo e da alma: “Misture uma xícara de chá de fezes de morcego com uma de chá de raspa de chifre de boi manso. Ferva um litro de água e despeje a mistura no mesmo recipiente, mexendo bastante. Pingue cinco gotas de perfume de rosas, espere esfriar e passe o conteúdo para um penico onde tenha mijado uma donzela. Depois, jogue a mistura do pescoço para baixo e mentalize que as energias ruins estão saindo do seu corpo e entrando no couro daquele político que você odeia”.

VALE DO JAVARI

Terras indígenas seguem ameaçadas

Após três anos da morte de Bruno Pereira e Dom Phillips, moradores ainda precisam lidar com crime organizado

Letycia Bond
Agência Brasil

Três anos atrás, no dia 5 de junho de 2022, o indigenista Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips foram executados no município de Atalaia do Norte (AM), nas redondezas da Terra Indígena (TI) Vale do Javari, onde vive o maior número de indígenas em isolamento voluntário e de recente contato do mundo — são cerca de 6,3 mil pessoas, pertencentes a 26 povos e divididas em 64 aldeias. Na Justiça, esse capítulo ainda não foi encerrado e, no território, os desafios parecem ser os mesmos daquela época, mas intensificados.

Bruno Pereira já havia se tornado uma figura de confiança no círculo dos indígenas da região pela atuação em conjunto com a União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja). Foi ele que criou a Equipe de Vigilância da Univaja (EVU), responsável por identificar pontos de vulnerabilidade na região e pela capacitação de indígenas incumbidos de fazer a segurança. Já Dom Phillips estava em viagem com o propósito de escrever um livro, que foi finalizado por amigos do jornalista e lançado pela Companhia das Letras, em 31 de maio, com o título “Como salvar a Amazônia: uma Busca Mortal por Respostas”.

O advogado Eliésio Marubo, vinculado à Univaja, criticou a atuação do Governo Federal no Vale do Javari. Ele avalia que o nível de criminalidade na triangulação dos municípios amazonenses de Atalaia do Norte, Benjamin Constant e Tabatinga, em torno da TI Vale do Javari, piorou, atingindo um estágio, talvez, irreversível. Na região, está aglutinado um conjunto de fatores de difícil solução, como o crime organizado, a pesca e a caça ilegais. “Continua acontecendo invasão tal qual naquele momento pretérito, do Bruno e do Dom. O fortalecimento dos órgãos é importante. Se isso não acontecer, vai continuar chovendo no molhado, enxugando gelo”, afirmou.



Foto: Gary Calton/Divulgação

Bruno (E) e Dom (D) tornaram-se símbolo da luta pelos direitos dos povos originários

Em agosto de 2023, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) anunciou a constituição de uma mesa de trabalho conjunta para tentar garantir segurança de 11 pessoas associadas à Univaja. Hoje, apenas oito ainda estão no Programa de Proteção aos Defensores e Defensoras de Direitos Humanos, Comunicadores e Ambientalistas (PPDDH), conforme revela

Eliésio Marubo, sendo que duas delas desistiram por não ver efetividade na medida. O terceiro nome desligado é Paulo Marubo, que morreu de hepatite, em fevereiro do ano passado.

Para Eliésio, o adequado seria que o Governo Federal oferecesse escolta 24 horas às lideranças, já que o risco que correm é ininterrupto. Porém, isso não é previsto no programa de proteção a

qualquer pessoa, ficando restrito a autoridades governamentais. O advogado marubo classifica as providências tomadas pelo Executivo como “muito incipientes” e, portanto, incapazes de sanar questões urgentes, como é o caso do tráfico internacional de drogas. Segundo ele, enquanto, em uma margem de um dos rios da TI, há uma presença maior de forças de segurança, na outra, os tra-

tato com a Funai, o Ministério dos Povos Indígenas (MPI) e a Polícia Federal (PF), mas não recebeu resposta até o fechamento desta matéria. O Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) encaminhou nota, afirmando estar ciente dos perigos que correm as comunidades indígenas da TI Vale do Javari e que “renova o compromisso com a reparação e a não repetição da violência sofrida por defensores de direitos humanos, comunicadores e ambientalistas na região”.

Tríplice fronteira

Eliésio Marubo ressalta ainda que a TI Vale do Javari fica em uma tríplice fronteira, o que dificulta ainda mais a coibição dos crimes. “Em relação à proteção do território, estamos na mesma. ‘Foram 50 operações.’ Ok. Mas se esquecem de que, depois de uma operação, o crime é mais organizado e menos burocrático do que a burocracia estatal. No dia seguinte à queima de balsa de garimpo, tem outra no lugar”, alerta.

Outros problemas apontados por Marubo são o desfale nas equipes do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e as mãos atadas da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). Assim como o Ibama, a Funai tem lidado, há anos, com uma grave falta de pessoal, com servidores tendo que cobrir, sozinhos ou em minúsculas equipes, imensas TIs, algo que representantes da categoria já alertaram que não seria resolvido com o quantitativo de novos concursados aprovados até agora.

Respostas

A reportagem tentou con-

Na mensagem, o MDHC ressalta que sua assessoria internacional coordena a mesa que verifica se estão sendo cumpridas as medidas cautelares determinadas pela CIDH no caso, com apoio do Ministério das Relações Exteriores (MRE) e do MPI. A pasta informa que o plano de proteção abrange mais de 100 pessoas ligadas à Univaja, além da proteção individual de 27 lideranças. “Em 2024, o PPDDH destinou R\$ 1 milhão à Univaja para estruturação e execução das ações de proteção. Já neste ano, R\$ 500 mil adicionais estão em processo de liberação, com aprovação orçamentária concluída”, escreve o MDHC, que assegurou que todas as medidas são definidas após escuta dos líderes indígenas.

Plano elaborou dados para a proteção do território

Um dos legados de Bruno Pereira, construído com a Univaja, que não ficaria para a posteridade de modo abstrato, mas sim como mais uma ferramenta de proteção aos indígenas e indigenistas que trabalham na TI Vale do Javari, era o plano da Equipe de Vigilância da Univaja. Com a primeira expedição em agosto de 2021, terminada no mês seguinte, a EVU redigiu um relatório, intitulado “Expedição de Monitoramento e Vigilância da EVU na TI Vale do Javari: Rios Itaquai, Ituí e Quixito”, de 56 páginas, com 67 pontos de invasão mapeados e coordenadas de sistema de posicionamento global (GPS), que os desta-

caram com perfeita precisão, latitude e longitude. A partir disso, o indigenista e os companheiros da Univaja compreenderam melhor o que a situação demandava.

A CIDH informou, em abril deste ano, que recebeu o relatório da mesa de trabalho estruturada para acompanhar as interlocuções entre as lideranças e o Governo Federal e que o documento destaca a implementação do plano de proteção territorial. As ações de fiscalização no território, segundo a CIDH, foram intensificadas entre maio e agosto de 2024, com medidas planejadas até o fim de 2025. O órgão, vinculado à Organi-

zação dos Estados Americanos (OEA), salientou, ainda, as reclamações das lideranças para haver medidas mais concretas para proteger comunicadores.

Daniel Cangussu, coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental (FPE) Madeira-Purus, da Funai, afirma que um dos principais instrumentos que os defensores dessas comunidades têm são os estudos sobre elas. Ele defende, assim, que sejam preservados somente com certo nível de sigilo. “Ninguém tem dúvida de que as coordenadas geográficas precisam ser tratadas com o máximo de rigor e sigilo possíveis, porque a



Foto: Divulgação/SR/PF/AM

Coordenadas geográficas estão disponíveis em relatório

gente corre o risco de proibir informação e permitir que fiquem disponíveis, direta ou indiretamente, a pessoas vinculadas à banca da ‘da bala’, à evangélica. Mas acho que, por conta desse sigilo, a gente acabou fazendo

com que esse sigilo se transferisse para todas as informações. E, de algum modo, isso fragilizou a proteção dos grupos que a gente atua tanto para proteger”, avalia, reconhecendo que ele mesmo mudou de ideia.

Legado dos ativistas é celebrado em livro e em ações sociais

A obra deixada inacabada por Dom Phillips tem 10 capítulos, que versam do “caos pecuário” à possibilidade de financiamento, modelos de agrofloresta, biofarmácia e bioeconomia. A companheira de Dom, Alessandra Sampaio, tem participado de eventos de lançamento, Brasil afora. Um dos companheiros de luta de Dom e Bruno e coautor do livro recém-chegado às prateleiras é o líder Beto Marubo, que, em certo trecho, explica a decisão de povos originários se manterem distantes de não indígenas, devido a violências

que viveram ou testemunharam, entendidas pelos agressores como justificáveis por conta de seu modo de vida diferente.

“Quem são esses brancos? Eles são homens bons?’. E eu tive de lhe dizer: ‘Não, eles não são bons. Eles trazem o fim do mundo com eles’. O contato forçado foi, por quase quinhentos anos, a política do Brasil em relação aos povos indígenas. A sociedade brasileira viu povos inteiros desaparecerem até que, na geração anterior à minha, decidimos que já havíamos visto muitos indígenas morrerem”, discorre.

Um instituto foi criado para homenagear Dom Phillips e leva o nome dele. As valiosas contribuições de Bruno Pereira e sua companheira, a antropóloga Beatriz Matos, também têm encontrado um lugar em que recebem a devida atenção, o Observatório dos Povos Indígenas Isolados e de Recente Contato (OPI), que foi ao ar no aniversário do indigenista, em 2023. Na ocasião, a entidade anunciou uma plataforma de monitoramento desses povos, batizada de Mopi, palavra que, no idioma zo’é, significa “fa-

zer ferroar” e remete a um duplo sentido, o de oferecer medicina aos aliados e ve-

nenho aos inimigos. Beatriz Matos ocupa o cargo de diretora dos Povos Indígenas

Isolados e de Recente Contato do Ministério dos Povos Indígenas.

Recorde o caso

Bruno Pereira e Dom Phillips foram mortos em uma emboscada, em junho de 2022. Foram vistos pela última vez quando iam da comunidade São Rafael para a cidade de Atalaia do Norte, onde teriam um encontro com lideranças indígenas e de comunidades ribeirinhas. Seus corpos foram resgatados 10 dias depois. Eles foram enterrados em uma área de mata fechada, a cerca de 3 km da calha do Rio Itacoai. Identificados e detidos, Amarildo da Costa Oliveira, Oseney da Costa Oliveira e Jefferson da Silva Lima foram denunciados, em julho de 2022, por assassinar e ocultar os cadáveres das vítimas. Já Rubem Dario da Silva Villar, conhecido como Colômbia, foi denunciado pelo Ministério Público Federal (MPF) como mandante dos assassinatos de Bruno e Dom. O inquérito da PF ficou pronto dois anos e meio após o crime. Ao todo, nove pessoas foram indicadas. Em setembro de 2024, a 4ª Turma do Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF1) analisou um recurso da defesa dos acusados e decidiu manter o julgamento de Amarildo da Costa Oliveira e Jefferson da Silva Lima por júri popular. Porém, entendeu que não havia provas suficientes contra Oseney da Costa Oliveira no crime, algo que o MPF contesta.

NO NORDESTE

Editais somam mais de 600 vagas

Secult-PB, Uneal e Prefeitura de Bom Jardim estão com as inscrições abertas e oportunidades em diversas áreas

Priscila Perez
priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Tem fogueira, forró e muito concurso público com edital aberto no Nordeste. Neste São João, para quem quer aproveitar o clima junino e garantir um futuro mais estável, três processos seletivos merecem atenção. Entre um milho assado e outro, a dica é conferir os editais e começar a estudar. O primeiro deles é o da Secretaria de Cultura da Paraíba (Secult-PB), que entra na reta final de inscrições com vagas em áreas estratégicas. Já em Pernambuco, a Prefeitura de Bom Jardim está com 454 oportunidades em cargos variados, em setores como Saúde, Educação e Segurança. E a Universidade Estadual de Alagoas (Uneal) abriu 127 vagas para docentes do magistério superior em diversas áreas do conhecimento.

Últimos dias
Se você atua na cena cultural paraibana, o concurso da Secult-PB é para você. Entretanto, como falta pouco para encerrar o período de inscrições, o candidato precisa correr: o prazo termina no dia 23 de junho. Para participar, acesse o *site* do Instituto de Desenvolvimento Educacional, Cultural e Assistencial Nacional (Idecan) e siga as instruções. O valor cobrado é de R\$ 120. O edital oferece 33 vagas distribuídas em 17 funções, voltadas a quem atua com patrimônio, artes, gestão cultural e ciências humanas. Os cargos incluem áreas como História, Arqueologia, Biblioteconomia, Museologia, Paleontologia, Audiovisual, Literatura e Circo. Segundo o edital, a remuneração inicial é de R\$ 4,1 mil, sendo R\$ 3,5 mil de vencimento básico e R\$ 600 de auxílio-alimentação, a sele-

ção será composta por prova objetiva, marcada para 3 de agosto, e análise de títulos. A avaliação será aplicada em João Pessoa, Campina Grande, Patos e Sousa, com a possibilidade de incluir cidades vizinhas, conforme a demanda.



Pelo QR Code, acesse o edital da Secult-PB

Magistério
Em Alagoas, por sua vez, a Uneal está com 127 vagas efetivas, além de cadastro reserva, para professores do magistério superior, com atuação nos *campi* de Arapiraca, Santana do Ipanema,

Palmeira dos Índios, São Miguel dos Campos, União dos Palmares e Maceió. As oportunidades abrangem áreas como Administração, Direito, Letras, Matemática, Biologia, Educação, História e Zootecnia. De acordo com o edital, a remuneração inicial é de R\$ 8,6 mil por uma carga horária de 40 horas semanais, ou, ainda, regime de dedicação exclusiva. Os candidatos devem possuir, no mínimo, título de mestre na área escolhida. Para participar, os interessados têm até 3 de agosto para se inscreverem pelo *site* da própria universidade. A taxa cobrada é R\$ 250. Quanto à avaliação, serão aplicadas provas escrita –focada em conhecimentos específicos –, didática e de títulos, com a primeira fase prevista para 21 de setembro. O resultado definitivo deverá ser divulgado em 19 de dezembro.



Pelo QR Code, acesse o edital da Uneal

Bom Jardim
Já no Agreste pernambucano, a Prefeitura de Bom Jardim lançou edital com 454 vagas para profissionais de níveis fundamental, médio e superior, com salários que variam de R\$ 1,5 mil a R\$ 8 mil. As oportunidades estão distribuídas em áreas essenciais como Educação, Saúde, Segurança, Assistência Social, Transporte e Serviços Urbanos. Há vagas para professores, agentes de apoio ao desenvolvimento infantil, enfermeiros, médicos, psicólogos, guardas mu-

nicipais, técnicos agrícolas, entre outros cargos. As inscrições seguem abertas até o dia 3 de julho e devem ser realizadas, exclusivamente, pelo *site* da Facet Concursos. A taxa de participação varia de R\$ 85 e R\$ 115. Sobre o processo seletivo, todos os candidatos serão submetidos a uma prova objetiva, marcada para o dia 3 de agosto. E, dependendo do cargo, também poderá haver etapas adicionais, incluindo prova prática, avaliação de títulos ou teste de aptidão física.



Pelo QR Code, veja o edital da Prefeitura de Bom Jardim

Museólogo atua na organização e preservação da memória

Visitar um museu é sempre encantador: tem luzes direcionadas, ambientes interativos e vitrines recheadas de itens raros, tudo ao alcance dos olhos. Mas, enquanto o visitante observa quadros, objetos e documentos expostos com perfeição, um profissional trabalha nos bastidores para que tudo esteja no lugar certo e com as informações certas. É o museólogo quem documenta, cataloga, organiza, resgata e preserva a memória coletiva, com a missão de fazer do museu um espaço vivo — onde os rastros do tempo permanecem intactos.

Entretanto, nem sempre o museu está onde a gente imagina. Diferentemente do que o senso comum costuma sugerir, o trabalho desse profissional não se limita às salas imponentes de instituições tradicionais, como o Museu de Arte de São Paulo (Masp) ou o Centro Cultural São Francisco, em João Pessoa. Ele também atua em jardins botânicos, escolas, comunidades e até em plataformas digitais — desde que exista um patrimônio a ser preservado.

Quem fez esse apontamento foi a museóloga Maíra Dias, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e integrante da Rede de Educadores em Museus (REM), que defende uma visão viva da museologia, conectada com as pessoas, contrapondo o senso comum. “Pensam no museu como um lugar de coisa velha”, comenta Maíra.

Conexão com a arte

Para a especialista, o museólogo está onde houver acervo, contato com o público e trabalho de pesquisa. “Pode ser um museu comunitário, de território e até outros espaços que nem sempre são reconhe-



Em João Pessoa, o Centro Cultural São Francisco é um possível ambiente de trabalho para os profissionais da área interessados na proteção do patrimônio

cidos como museus, mas que, para o Conselho Internacional de Museus, também o são, como zoológicos, aquários e jardins botânicos”, exemplifica. Além disso, Maíra destaca a crescente presença de museólogos em ateliês e no mercado de arte, cuidando da conservação de obras e da elaboração de catálogos *raisonnés* — aqueles que reúnem toda a produção de um artista, com informações sistematizadas e muito específicas. Embora o museólogo seja o guardião da memória, isso não significa que a profissão receba o reconhecimento que merece. Para Maíra Dias, ainda existe um desconhecimento generalizado sobre a área, o que impacta diretamente na contratação desses pro-

fissionais. “Tem uma grande demanda de trabalho, mas um grande desconhecimento do que é a museologia. Então, é uma baixa demanda de contratação. A gente tem, hoje, menos de 10 profissionais atuando no estado inteiro”, afirma. Nesse sentido, o concurso da Secult-PB, que oferece cinco vagas para museólogos, representa um avanço importante ao ampliar as possibilidades de atuação.

Qualificação

Mas até a formação desses profissionais ainda é desafiadora por aqui, já que os cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em Museologia não estão disponíveis na Paraíba no momento. Ainda assim, quem escolhe a profissão

pode se especializar em diferentes áreas, como educação museal e comunicação, museografia e desenho de exposições, conservação preventiva, documentação e tecnologia museológica. Em todas elas, é preciso considerar o impacto da tecnologia no dia a dia desse profissional. “Hoje, a gente trabalha com plataformas digitais para a catalogação e organização da documentação museológica, o que possibilita a realização de curadorias digitais, produção de conteúdo para as redes sociais e alimentação desses repositórios”, explica Maíra. Mesmo assim, ela reforça um ponto essencial à profissão: “A tecnologia deve ser um auxílio à experiência, não um atrapalho”.

Além da atenção aos detalhes e do cuidado com os materiais, o museólogo precisa desenvolver habilidades que vão muito além da técnica. Precisão no trabalho com dados, sensibilidade e capacidade de se articular com a comunidade fazem parte do dia a dia. “A educação museal é um tipo de educação não formal. Você não está dentro de uma estrutura fechada de sala de aula, mas precisa estar em contato com a comunidade e conduzir os processos de gestão de forma participativa”, pontua a museóloga. E isso faz ainda mais sentido quando se entende que preservar a memória também é criar vínculos — com as pessoas, os territórios e, sobretudo, com o tempo.



Foto: Maíra Dias/Arquivo pessoal

Tem uma grande demanda de trabalho, mas um grande desconhecimento do que é a museologia

Selic Fixado em 7 de maio de 2025 14,75%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial +0,01% R\$ 5,543	Euro € Comercial -0,23% R\$ 6,401	Libra £ Esterlina -0,49% R\$ 7,513	Inflação IPCA do IBGE (em %) Abril/2025 0,43 Março/2025 0,56 Fevereiro/2025 1,31 Janeiro/2025 0,16 Dezembro/2024 0,52	Ibovespa -0,22% 137.494 pts
--	---	--	--	---	--	--

COMIDA MAIS BARATA

Ações sociais fortalecem segurança alimentar na PB

Projetos governamentais, MST e empresas privadas criam alternativas

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Produtos brasileiros, como soja, café, carnes e açúcar, costumam liderar as exportações mundiais. Mesmo assim, dentro do país, uma parcela da população ainda convive diariamente com a fome e a insegurança alimentar. Segundo dados mais recentes da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO-ONU), a insegurança alimentar severa atingiu, em 2023, 2,5 milhões de brasileiros.

Já a prevalência da subnutrição, indicador que determina a inserção de um país no Mapa da Fome ou não, atingiu 3,9% no triênio 2021-2023, o que representa cerca de 8,4 milhões de pessoas, e mantém o Brasil no Mapa. Na Paraíba, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2023, cerca de 1,53 milhão de pessoas estavam em insegurança alimentar, o que representa 37,4% da população. Ações e políticas públicas vêm buscando reduzir esses índices, além de iniciativas da sociedade civil que contribuem para fortalecer a segurança alimentar.

A Secretaria de Estado do Desenvolvimento Humano (Sedh-PB) o combate a insegurança alimentar com políticas públicas, como os Restaurantes Populares e o Programa de Aquisição de Alimentos com Distribuição Simultânea (PAA-CDS), ação do Governo Federal executada pela secretaria. Atualmente, o estado conta com 10 Restaurantes Populares em funcionamento, localizados nas cidades de João Pessoa, Santa Rita, Campina Grande, Guarabira, Monteiro, Patos, Pombal, São Bento, Sousa e Cajazeiras. Esses equipamentos oferecem, ao todo, 10.375 refeições diárias, ao valor de R\$ 1 cada uma, garantindo acesso à alimentação de qualidade a pessoas em situação de vulnerabilidade social. O investimento anual do Governo da Paraíba para man-



Fotos: Carol Marini/Rede CSA

Programas sociais, CSAs e agricultores familiares oferecem alimentos por preços mais em conta



ter esses espaços em funcionamento é de R\$ 22.824.510.

Quanto ao PAA-CDS, em 2024, ele contou com um investimento de aproximadamente R\$ 10.531.929,62, somando recursos do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome (MDS) e do Governo da Paraíba. O programa beneficiou diretamente 30 cooperativas e 1.574 agricultores familiares, dos quais 32 são indígenas, 1.100 mulheres (71,8%) e 474 homens (28,2%).

Ao todo, foram distribuídos 1.598.042,18 kg de alimentos a cerca de 162 mil pessoas em situação de insegurança alimentar, atendidas por 86 entidades socioassistenciais, em 60 municípios paraibanos. Uma dessas instituições, a Associação de Juventudes, Cultura e Cidadania (Ajurcc), mantém a Cozinha Comunitária Mauro Malesardi, localizada em São José da Mata, distrito de Campina Grande, e fornece à população local 200 refeições diariamente, de segunda a sexta-feira, ao preço de R\$ 2. Um dos moradores beneficiados, Alan, destaca a importância da Cozinha. “Pego sempre a comida aqui, ela atende toda população de

renda baixa, e a comida é de excelente qualidade”, afirma.

Movimentos sociais

Outras iniciativas da sociedade civil, como as que são desenvolvidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), também potencializam tanto a produção como o acesso a alimentos saudáveis e de qualidade. O integrante do MST, Gilmar Felipe Vicente, disse que o movimento começou a trabalhar com a ideia das cozinhas populares solidárias, que conta com a participação direta tanto do povo das periferias que organizam e fazem comida quanto do povo sem terra, que produz a comida de forma popular e manda para as cozinhas.

“Hoje, no estado, são quatro espaços como esse em funcionamento além das feiras de comercialização em municípios onde há assentamentos, que permitem aos agricultores familiares comercializar produtos diretamente para a população, que, por sua vez, também têm acesso a alimentos com menor preço, sem atravessadores, e com garantia de boa procedência e qualidade”, explicou Gilmar.

Porém, ele ressalta que, mesmo com iniciativas populares como essas realizadas pelo MST, para combater a fome e garantir a segurança alimentar efetiva para a população, é necessário que haja uma política mais estrutural que garanta a produção de alimentos. O agro-negócio produz muito visando à exportação, e a produção local fica a cargo da agricultura familiar e dos assentamentos, por isso também, segundo ele, a reforma agrária é um fator essencial para que se tenha a devida segurança alimentar no país.

Já por meio da rede Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA) Parahyba, é potencializada a comercialização

de alimentos produzidos por moradores do Quilombo do Bonfim, em Areia. O projeto começou com um agricultor e uma casa que recebia os alimentos; hoje, são quatro famílias produtoras e cerca de 100 atendidas em João Pessoa, além de outras em Cajazeiras.

Segundo a integrante da rede, Patrícia Ferreira, “a estimativa de renda mensal é de cerca de R\$ 2 mil a R\$ 2.500 por família. Os agricultores ganham por terem uma renda certa, já que nós pagamos mensalmente, antecipado, o que vamos receber durante todo o mês, e, como são eles que montam a cesta de cada semana, conseguem ter uma boa saída de produtos, não só aqueles que todo mundo sempre quer. E, para a gente que compra, ganhamos um alimento orgânico, sabemos de onde ele vem”, destaca. Ela ainda ressalta que a variedade de alimentos já fez com que conhecesse sabores novos.

Iniciativa privada

Também visando contribuir com a segurança alimentar, uma iniciativa do Assaí Atacadista oferece aos consumidores alimentos para montar uma refeição completa, ao preço de R\$ 10. É o programa Prato Cheio, uma ação em que é possível adquirir, de quinta-feira a domingo, um combo com alimentos essenciais, como: feijão, arroz ou macarrão, flocão, jerimum ou alface e pertences de frango (como miúdos ou ingredientes para canja). A composição dos itens pode variar semanalmente, conforme a disponibilidade, mas sempre mantendo o valor nutricional e o equilíbrio da refeição.

O diretor regional do Assaí, João Miguel Gouveia, destaca que a empresa tem como propósito contribuir para que a prosperidade seja uma realidade para todos.

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Mais imposto, menos investimento

O governo anunciou a intenção de tributar em 5% os rendimentos de investimentos que, até hoje, eram isentos de Imposto de Renda, como LCI, LCA, CRA, CRI e debêntures incentivadas. Em declaração à imprensa, o ministro da Fazenda afirmou que “essas medidas atingem os moradores de cobertura”, sugerindo que a proposta seria voltada, exclusivamente, para os super-ricos. No entanto, os dados revelam uma realidade bem diferente.

Esses produtos foram criados com um propósito claro: direcionar a poupança nacional para setores estratégicos da economia, como habitação, agropecuária e infraestrutura. São mecanismos de financiamento de longo prazo que barateiam o custo de capital, reduzem a dependência do Estado e estimulam o investimento produtivo. Em troca desse papel relevante, oferecem isenção fiscal como incentivo à participação dos investidores.

Segundo dados levantados pelo Poder360, existem, hoje, cerca de 6,48 milhões de contas vinculadas a esses produtos. Destas, mais de 4,1 milhões correspondem ao perfil tradicional. São investidores que, muitas vezes, veem nesses títulos uma forma de alocar seus recursos com segurança e rentabilidade superior, assumindo os riscos atrelados a cada tipo de aplicação financeira. Por outro lado, apenas 2,5% das contas pertencem ao segmento *private*, com saldos acima de R\$ 5 milhões.

Quando observamos o volume financeiro total, que soma R\$ 1.233,42 bilhões, é verdade que há concentração. Cerca de 39% desse valor, o equivalente a R\$ 485 bilhões, está nas mãos dos investidores *private*. Mas também é verdade que os investidores tradicionais detêm R\$ 361,2 bilhões, quase um terço de todo o valor investido. Produtos como LCI e LCA concentram a

maior parte de suas contas entre investidores de menor porte. É evidente, portanto, que a medida não atinge apenas os mais ricos, como tenta sugerir o discurso oficial.

Dito isso, vejo essa proposta com preocupação. Trata-se de uma medida que gera distorções significativas. Primeiro, porque desincentiva a alocação de recursos justamente nos setores produtivos que mais precisam de financiamento. Ao reduzir a atratividade desses instrumentos, o capital tende a migrar para outras aplicações, que podem não contribuir para o desenvolvimento econômico de forma tão direta.

Segundo, porque fere a previsibilidade e a segurança jurídica. Muitos desses investidores tomaram decisões com base nas regras vigentes. Alterá-las, no meio do caminho, fragiliza a confiança no mercado financeiro. E estamos falando de um princípio fundamental para qualquer país que deseje atrair capital e promover crescimento sustentável.

Terceiro, e talvez mais importante, porque escancara a preferência do governo por realizar ajustes sempre pelo lado da receita. Em vez de cortar gastos ineficientes, recorre-se ao aumento de impostos. É a solução mais fácil, e também a mais injusta, porque recai, mais uma vez, sobre quem poupa, investe e movimenta a economia real.

No fim das contas, a medida não é estrutural nem justa. Penaliza o investidor de classe média, desincentiva o financiamento de longo prazo e enfraquece a economia. E pior: alimenta um ciclo em que o Estado avança progressivamente sobre o capital privado, enquanto posterga as reformas de verdade, aquelas que deveriam começar dentro dele mesmo.

Foto: Divulgação/Assaí Atacadista



Empresa oferece itens para montar refeições por R\$ 10

NA PARAÍBA

São João movimentou R\$ 750 milhões

Micro e pequenos empreendedores da região já tiveram acesso a mais de R\$ 40 milhões em financiamentos neste ano

Os festejos juninos representam um dos períodos que mais movimentam a economia em todo o Brasil: de acordo com pesquisa da Confederação Nacional do Comércio (CNC), o São João deve gerar uma arrecadação de R\$ 7,4 bilhões no mês de junho, com base no crescimento de consumo sazonal dos brasileiros. Na Paraíba, conforme dados repassados pelas prefeituras, a movimentação deve superar os R\$ 750 milhões.

O impacto econômico é resultante do turismo, do fomento a atividades culturais e da prestação de serviços temporários de pequeno porte, como a comercialização de alimentos e trajes típicos. Esses pequenos negócios juninos são representados principalmente por micro e pequenos empreendedores (MPEs).

De acordo com José Carlos Almeida, Consultor de Negócios da Central Sicredi Nordeste, os pequenos empreendimentos são fundamentais para a movimentação econômica do período, mas melhores condições de negócios — como acesso facilitado ao crédito e juros mais acessíveis — ainda são necessárias para impulsionar a atividade dos MPEs. Somente na Paraíba, o Sicredi, instituição financeira cooperativa que atua em todo o país, destinou um total de R\$ 40,3 milhões para micro e pequenos empreendedores neste ano.

“Os MPEs representam cerca de 99% das empresas do país, contribuem com cerca de 30% do PIB e são responsáveis por cerca de 55% dos empregos formais no Brasil. Daí a importância desse empreendedor ter acesso a soluções financeiras para moni-



Foto: Cacio Murilo/Mur

Pequenos empreendimentos são fundamentais para a movimentação econômica do período, e melhores condições de crédito ajudam a impulsionar as atividades

tar seu negócio”, explica José Carlos. “Eles impulsionam o crescimento econômico e promovem o desenvolvimento regional, ganhando especial relevância nos meses de festas populares de grande alcance, como o São João”, acrescenta o consultor.

Segundo Almeida, o acesso a serviços financeiros para além de linhas de crédito é fundamental para o fomento a micro e pequenos empreendedores.

“Esse tipo de empreendedor precisa de soluções que lhe garantam segurança, como cartão de crédito PJ, linhas de financiamento, capital de giro, crédito rotativo e antecipação de recebíveis”, diz o especialista. “No Sicredi, oferecemos, além de tudo isso, uma plataforma chamada Organizador PJ que automatiza e centraliza processos, integrando dados para facilitar a conciliação financeira e proporcionando a gestão do fluxo de caixa”.

Turistas também agitam a economia durante o festejo

Não são apenas os empreendedores que podem recorrer a soluções financeiras para viabilizar seus planos durante o São João — 44% dos brasileiros pretendem viajar a turismo durante o período, segundo pesquisa do Terra Insights. Soluções como

financiamentos, empréstimos e seguros, se usados com sabedoria, podem ajudar os turistas a planejar sua viagem com segurança.

“Para quem planeja viajar, o seguro-viagem, por exemplo, é uma ferramenta interessante”,

diz José Almeida. No Sicredi, dispomos de uma série de produtos que se adaptam às necessidades de cada pessoa — o mais importante é buscar uma instituição financeira de confiança para receber as orientações necessárias”, conclui.

BOLETIM SUSEP

Setor supervisionado arrecada R\$ 140,7 bilhões até abril de 2025

Agência Gov

A Superintendência de Seguros Privados (Susep) divulgou, em seu *site*, a nova edição do Boletim Susep, com dados consolidados do setor supervisionado até abril de 2025. No acumulado dos quatro primeiros meses do ano, o setor arrecadou R\$ 140,72 bilhões, o que representa um crescimento nominal de 1,42% frente ao mesmo período de 2024.

Os segmentos de seguros de danos e seguros de pessoas (excluindo VGBL) arrecadaram, juntos, R\$ 70,48 bilhões em receitas no período, correspondendo a um crescimento nominal de 8,97% e real de 3,71% na comparação com o primeiro trimestre do ano anterior.

No segmento de seguros de danos, o seguro-automóvel — responsável por 41% da arrecadação de danos — somou R\$ 19,21 bilhões até abril de 2025, valor 6,16% superior ao resultado do mesmo período de 2024 em termos nominais e 1,05% em termos reais.

Já nos seguros de pessoas, sem incluir o VGBL, o montante arrecadado foi de R\$ 24,61 bilhões, representan-



Foto: Divulgação/Susep

Os seguros de automóvel somaram R\$ 19,21 bilhões até abril

do um crescimento nominal de 8,99% e, em termos reais, uma evolução de 3,72%. Neste segmento, o seguro de vida destacou-se no primeiro quadrimestre de 2025, com crescimento nominal de 9,92% e, em termos reais, de 4,61%.

Os produtos de acumulação, por sua vez, registraram contribuições de R\$ 59,23 bilhões no acumulado até abril, o que representa uma redução nominal de 7,69% e real de 12,11% em comparação com o mesmo período do ano anterior.

No caso dos títulos de capitalização, a arrecadação foi de R\$ 11,01 bilhões neste quadrimestre, com crescimento nominal de 11,16% e real de 5,78%, na comparação com o ano passado.

O Boletim também informa que as indenizações, res-

gates, benefícios e sorteios totalizaram R\$ 88,46 bilhões no acumulado do ano até abril — um aumento nominal de 15,55% em relação ao mesmo período do ano passado.

Já as provisões técnicas — montantes que as empresas supervisionadas devem manter para garantir o cumprimento de seus compromissos futuros — totalizaram R\$ 1,9 trilhão em abril de 2025, o equivalente a 15,82% do Produto Interno Bruto (PIB). O Boletim apresenta, ainda, gráfico com a evolução do estoque de provisões técnicas nos últimos cinco anos, permitindo uma análise comparativa consistente ao longo do tempo. Em abril de 2021, por exemplo, o volume de provisões era de R\$ 1,2 trilhão, o que evidencia o crescimento do setor nesse período.

ICVA

Vendas para o Dia dos Namorados crescem 4,9% na comparação anual

Isabela Mendes
Agência Estado

As vendas para o Dia dos Namorados, apuradas no período de 6 a 12 de junho, subiram 4,9% na comparação anual, conforme o Índice Cielo do Varejo Ampliado (ICVA). O varejo presencial cresceu 4,6%, enquanto o *e-commerce* aumentou o faturamento em 7,1%.

O segmento com o maior crescimento registrado no período foi o de supermercados e hipermercados, com alta de 8,4%. Em seguida, os destaques são drogarias e farmácias (+7,4%), vestuário e artigos esportivos (+6,3%), turismo e transporte (+5,2%), óticas e joalherias (+4,1%), varejo alimentício especializado (+2,2%) e cosméticos e higiene pessoal (+1,1%). Já o setor de alimentação — bares e restaurantes — registrou queda de 1,4%.

Segundo Carlos Alves, vice-presidente de Tecnologia e Negócios da Cielo, o crescimento relevante no segmento de supermercados e a queda em res-

taurantes podem sinalizar que os casais preferiram comemorar a data com refeições em casa.

“Além disso, o *e-commerce* mais uma vez apresentou resultado superior ao comércio presencial, situação também registrada em 2024. Essa tendência provavelmente é influenciada pela mudança no hábito dos consumidores, que cada vez mais desejam conveniência, entrega rápida e promoções personalizadas”, destaca o executivo. Os dois principais setores que puxaram o desempenho do canal digital foram vestuário e artigos esportivos e drogarias e farmácias.

Por região

Considerando o varejo presencial, a região que registrou o maior crescimento foi o Norte (+5,8%). Na sequência, surgem Sudeste (+4,8%), Sul (+4,7%), Nordeste (+3,9%) e Centro-Oeste (+3,4%).

Todas as unidades federativas mostraram crescimento. No entanto, a maior variação foi do Amazonas, com 7,3%. Em seguida, as

principais altas foram Paraná (+5,8%), São Paulo (+5,2%), Ceará (+5,1%), Santa Catarina (+4,7%) e Rio de Janeiro (+4,2%).

O ICVA acompanha mensalmente a evolução do varejo nacional, de acordo com as vendas realizadas em 18 setores mapeados pela Cielo, desde pequenos lojistas a grandes varejistas. O peso de cada setor no resultado geral do indicador é definido pelo seu desempenho no mês. O índice foi desenvolvido pela área de Business Analytics da Cielo com o objetivo de oferecer mensalmente um panorama do comércio varejista do país.

■ Os dois principais setores que puxaram o desempenho do canal digital foram vestuário e artigos esportivos e drogarias e farmácias

RADIOTELESCÓPIO BINGO

PB amplia conexões com a China

Brasileiros participaram da Cerimônia de Expedição das estruturas metálicas que compõem o equipamento

Ascom Secties

As conexões entre a Paraíba, universidades no Brasil e instituições da China tornam-se mais resistentes. Na última semana, representando o Governo do Estado, o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), Claudio Furtado, acompanhado de uma comitiva de representantes do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e acadêmicos, esteve em missão oficial internacional, marcada por uma série de ações estratégicas voltadas ao fortalecimento da cooperação científica e tecnológica entre o Estado e o país asiático.

Entre as atividades da agenda, os brasileiros participaram da Cerimônia de Expedição das estruturas metálicas que compõem o Radiotelescópio Bingo, um grande projeto astronômico de cooperação internacional Brasil-China. O evento marcou o envio dos últimos contêineres do radiotelescópio ao Brasil.

“Esse é um momento histórico, tanto para o Projeto Bingo quanto para a parceria entre a Paraíba e a China. Ver a antena concluída e pronta para ser enviada ao Brasil mostra o quanto a ciência avança quando trabalhamos juntos. É uma conquista que reforça o papel da Paraíba como protagonista na inovação científica, cada vez mais conectada com o mundo”, destacou Claudio Furtado.

O pronunciamento do secretário da Secties foi feito durante a Cerimônia de Expedição

das estruturas metálicas do Radiotelescópio, na cidade de Shijiazhuang, na China, na segunda-feira (9). O encontro aconteceu na sede do 54º Instituto de Pesquisa da CETC (China Electronics Technology Group Corporation), instituição parceira do projeto e responsável pela fabricação da estrutura.

“Ver essas estruturas prontas e a caminho da Paraíba é a prova concreta de que o projeto está se tornando realidade. O Bingo começa, de fato, a ganhar forma no nosso solo, e isso é resultado direto de uma colaboração internacional que tem dado certo”, afirmou o secretário Cláudio Furtado.

“É uma conquista que reforça o papel da Paraíba como protagonista na inovação científica, cada vez mais conectada com o mundo

Claudio Furtado

Vídeo institucional mostrou potencialidades do estado

Após a cerimônia na sede do 54º Instituto de Pesquisa da CETC, o secretário Claudio Furtado foi recebido por autoridades da Província de Hebei, momento em que apresentou as potencialidades da Paraíba nas áreas de Ciência e Tecnologia.

Na ocasião, o secretário en-

fatizou os projetos de formação, fomento e articulação já desenvolvidos na Paraíba. Entre eles o Complexo Científico do Sertão, que inclui o radiotelescópio Bingo, a Cidade da Astronomia, o Museu de Arqueologia da Paraíba e a requalificação do Vale dos Dinossauros em Sousa. E

também o Programa Paraíba sem Fronteiras, que visa incentivar a mobilidade internacional de estudantes, pesquisadores e empreendedores, e atrair investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Foi exibido um vídeo institucional destacando as oportunidades e os avanços

do estado.

“Estamos construindo pontes sólidas entre instituições paraibanas e internacionais. Nosso objetivo é ampliar a formação qualificada, atrair centros de pesquisa e fomentar a inovação como vetor de transformação social e econômica no estado

da Paraíba”, completou Furtado.

A missão oficial incluiu participação na 2ª Conferência do Cinturão e Rota sobre Intercâmbio de Ciência e Tecnologia, na cidade de Chengdu, na qual foi assinado um memorando de cooperação entre a UFCG, UFPB, USP e a CETC 54, fortalecendo o compromisso com uma nova geração de pesquisas em radioastronomia e computação quântica. O ato representou a formalização da parceria com os chineses para a criação de laboratórios de tecnologias quânticas na Paraíba, resultado direto da cooperação com o governo chinês.

Bingo será o maior da América Latina

O Projeto Bingo se consolida como o maior radiotelescópio da América Latina. Ele está em construção no município de Aguiar, no interior da Paraíba, uma região de clima semiárido, na Caa-tinga. É o único radiotelescópio do mundo focado em pesquisa sobre energia escura. É usado, especificamente, para observar o gás primordial amplamente distribuído no universo — o hidrogênio neutro. Assim, deverá ser possível compreender melhor a estrutura e a evolução do universo e ajudar os humanos a desvendar o mistério da estrutura do universo e da energia escura.

É o único radiotelescópio do mundo focado em pesquisa sobre energia escura



Fotos: Divulgação/Secties

Toda esta estrutura metálica da antena, em construção na cidade de Shijiazhuang, será trazida de navio para a cidade de Aguiar, Sertão paraibano



Secretário Claudio Furtado foi recebido por autoridades da Província de Hebei e lá apresentou as potencialidades paraibanas

EM VIGOR

Lei agiliza combate a incêndios e outros desastres climáticos

Em casos de calamidade ou emergência, doações e empréstimos aos estados seguirão regras excepcionais

Agência Câmara



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

O beneficiado pelo processo mais rápido deve ter aprovado um plano de prevenção e combate a incêndios

Em um momento em que eventos climáticos extremos impõem desafios crescentes ao país, ganha força uma nova legislação que busca tornar menos penoso o caminho entre a tragédia e a reconstrução. Sancionada com vetos por Geraldo Alckmin — no momento em que esteve no exercício da Presidência — a Lei nº 15.143/25 tenta romper a barreira da burocracia, facilitando o envio de recursos a municípios afetados. Além disso, transforma em política permanente o Fundo de Apoio à Infraestrutura para Recuperação e Adaptação a Eventos Climáticos Extremos (Firece).

A norma se originou do Projeto de Lei nº 3469/24, do deputado José Guimarães (PT-CE), que agrega o conteúdo de cinco medidas provisórias (MPs) — MP nº 1.240/24, MP nº 1.239/24, MP nº 1.259/24, MP nº 1.276/24 e MP nº 1.278/24.

Medidas excepcionais

Em caso de estado de calamidade pública ou de situação de emergência declarada pelo Poder Executivo federal, poderá haver medidas excepcionais para empréstimos ou doações feitas à União ou aos estados para combate às queimadas. O Governo Federal poderá estabelecer regras para os repasses e a fiscalização dos valores.

A norma dispensa, por exemplo, instituições financeiras públicas ou privadas (como bancos) da obrigação de estar em situação regular no recolhimento de impostos e obrigações trabalhistas e previdenciárias para poder oferecer recursos ao Poder Público, reembolsáveis ou não. Irregularidades com o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) só serão desconsideradas se anteriores a maio de 2024.

Convênios

O texto também permite transferências do Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA) aos estados e municípios sem a necessidade de

acordos prévios (como convênios), desde que seja para atender regiões com emergência ambiental declarada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA). O convênio é um documento que cria regras para o repasse de valores da União aos entes federados ou organizações não governamentais (ONGs), exigindo plano de trabalho, prazos e outras formalidades.

Para isso, o ente a ser beneficiado pelo procedimento mais rápido deve ter aprovado um plano de prevenção e combate a incêndios. O dinheiro repassado poderá financiar projetos de prevenção, preparação e combate a incêndios florestais, inclusive de apoio à fauna atingida ou potencialmente atingida.

Mudanças no FNMA

A dispensa de convênios também valerá para projetos de proteção e manejo populacional de cães e gatos em municípios que tenham aderido ao Programa Nacional de Proteção e Manejo Populacional Ético de Cães e Gatos (ProPatinhas), implementado pelo Governo Federal. A fiscalização caberá aos órgãos de controle locais, além dos órgãos federais.

Para isso, a nova norma altera a lei que criou o FNMA (Lei nº 7.797/89) para acrescentar, entre suas finalidades

prioritárias: o aproveitamento econômico racional e sustentável da flora e fauna nativas; a recuperação de áreas degradadas por acidentes ou desastres ambientais; e a prevenção, a preparação e o combate a incêndios florestais.

Até então, o FNMA priorizava apenas unidades de conservação ambiental, pesquisa e desenvolvimento tecnológico, educação ambiental, manejo florestal, controle ambiental e desenvolvimento institucional.

Veto

Alckmin vetou trecho que isentaria de tributos federais (IRPJ, CSLL e PIS/Cofins) o Fundo Rio Doce, criado em 2025 para indenizar os danos causados, em 2015, pelo rompimento da barragem do Fundão, na cidade de Mariana (MG). O fundo, que é privado e gerido pelo BNDES, é fruto de acordo homologado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e assinado pelas empresas Samarco, Vale, BHP Billiton e diversos órgãos públicos, como a Advocacia-Geral da União (AGU).

Segundo Alckmin, a nova isenção diminuiria a arrecadação federal sem apresentar medida de compensação ou estimativa de impacto orçamentário e financeiro, como exige a Lei de Responsabilidade Fiscal.



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Norma reduz para três meses o intervalo mínimo para a recontração de brigadistas



Foto: Bruno Peres/Agência Brasil

Fundo de apoio já financiou obras no Rio Grande do Sul, após enchentes em 2024

Comitê definirá critérios de aplicação do recurso

A lei ainda torna definitivo o Fundo de Apoio à Infraestrutura para Recuperação e Adaptação a Eventos Climáticos Extremos, gerido pela Caixa Econômica Federal e que funcionava com base em medida provisória. O fundo já recebeu R\$ 6,5 bilhões para financiar obras (como diques, canais, sistemas de proteção e drenagem) no Rio Grande do Sul, atingido por enchentes em 2024.

Um comitê gestor definirá critérios e planos de

aplicação do dinheiro, tanto para os recursos aportados para socorrer o Rio Grande do Sul quanto para outros que vierem a ser colocados no fundo, em razão de outras situações de calamidade no país. A verba poderá ser usada ainda para apoiar empreendimentos de infraestrutura relacionados à mitigação e à adaptação às mudanças climáticas.

O Firece oferece recursos, por exemplo, na forma de financiamentos ou transferências que não precisam

ser devolvidas. União, estados e municípios podem contribuir para abastecer o fundo que, por ser privado, tem patrimônio separado do orçamento público.

Tripulação estrangeira

Passa a ser permanente a dispensa de acordo internacional para a contratação de tripulação de outros países para trabalhar em aviões no Brasil, no caso de combate a incêndios ou atuação em situação de emergência.

Para isso, o texto altera o Código Brasileiro de Aeronáutica (CBA). A medida provisória que previa a facilidade já perdeu a vigência e foi originalmente editada para ajudar no combate aos incêndios no Pantanal, quando o Governo Federal constatou a insuficiência de aeronaves especializadas de grande porte no país.

Brigadistas

Além disso, a lei retoma a diminuição do intervalo

mínimo para recontração de brigadistas no combate a incêndios: o prazo, que era de dois anos, é reduzido para três meses. A medida já vigorou de julho a novembro de 2024, época em que, durante alta de incêndios florestais, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Instituto Chico Mendes estavam impedidos de recontração cerca de 600 brigadistas por causa da regra anterior.

Jogadores do Palmeiras, em treinamento físico, dentro dos preparativos para a estreia no torneio contra o Porto neste domingo

Foto: Cesar Greco/Palmeiras



MUNDIAL DE CLUBES

Dia de estreias de brasileiros

Palmeiras joga contra o Porto, às 19h, enquanto o Botafogo mede forças contra o Seattle Sounders, às 23h

Da Redação

O segundo dia do Mundial de Clubes marca as estreias de Palmeiras e Botafogo, duas das equipes brasileiras que representam o país no torneio. O Alviverde enfrenta o Porto, de Portugal, às 19h, em Nova Jersey (EUA). Já o Alvinegro joga contra o Seattle Sounders, dos Estados Unidos, às 23h, em Seattle (EUA).

Hoje, ainda acontecem mais duas partidas: Bayern de Munique, da Alemanha, e Auckland City, da Nova Zelândia, às 13h; e Paris Saint-Germain, da França, e Atlético de Madrid, da Espanha, às 13h. Todas as quatro partidas serão transmitidas pelo Sportv e CazéTV. A Globo transmite os dois jogos dos brasileiros.

A nova edição do Mundial de Clubes reúne as 32 melhores equipes do planeta, que

buscam o primeiro título global de campeão do certame. Até 13 de julho serão 63 partidas, disputadas em 12 estádios e 11 cidades-sede, nos Estados Unidos: Atlanta, Charlotte, Cincinnati, Los Angeles, Miami, Nashville, Nova York/Nova Jersey, Orlando, Filadélfia, Seattle e Washington DC.

Palmeiras

Ao contrário dos outros clubes brasileiros que participarão do torneio, o Palmeiras não contratou novos jogadores na janela de transferências extra e foi para os Estados Unidos com o mesmo elenco que já vinha sendo dirigido por Abel Ferreira. A principal atração do Alviverde no Mundial será a despedida de Estêvão. O jovem astro, de 18 anos, está vendido para o Chelsea, da Inglaterra, e completará a transferência logo após a competição.

Além da jovem promessa palmeirense, o torcedor aposta no trabalho de Abel Ferreira para ir mais longe no torneio. Cumprindo, atualmente, sua sexta temporada à frente da agremiação e contrariando a tendência de jornadas curtas dominante no futebol brasileiro, o treinador português desembarca no Mundial de Clubes como o quarto técnico há mais tempo no mesmo time entre aqueles envolvidos na competição.

O técnico relacionou 29 jogadores para o torneio. Viajaram para os Estados Unidos os goleiros Weverton, Marcelo Lomba e Mateus; os zagueiros Gustavo Gómez, Murilo, Bruno Fuchs, Micael, Naves e Benedetti; os laterais Gaiy, Marcos Rocha, Mayke, Piquerez e Vanderlan; os meio-campistas Aníbal Moreno, Emiliano Martínez, Lucas Evangelista, Richard Ríos, Raphael Veiga,

Mauricio, Allan e Felipe Anderson; e os atacantes Estêvão, Facundo Torres, Paulinho, Flaco López, Luighi, Thalys e Vitor Roque.

Depois da estreia hoje, contra o Porto, no Estádio MetLife, em Nova York/Nova Jersey, o Palmeiras volta a campo, pela segunda rodada, no mesmo estádio, na quinta-feira (19), quando enfrenta o Al Ahly, do Egito. Os comandados de Abel encerram a participação na primeira fase contra o Inter Miami, dos Estados Unidos, no dia 23 de junho (segunda-feira), no Estádio Hard Rock, em Miami. Os jogos são válidos pelo Grupo A.

Botafogo

Clube brasileiro com mais contratações feitas para o Mundial, o Alvinegro relacionou 31 jogadores para o torneio. O técnico Renato Paiva poderá contar, inclusive, com cinco reforços recém-chegados. As caras novas são os atacantes Arthur Cabral e Joaquín Correa, o meia

Álvaro Montoro, o zagueiro Kaio Pantaleão e o goleiro Cristhian Lloor.

A lista dos atletas que jogarão pelo Botafogo tem os goleiros John, Léo Linck, Raul e Cristhian Lloor; os defensores Alexander Barbosa, Alex Telles, Bastos, Cuiabano, David Ricardo, Jair Cunha, Kaio Fernando, Marçal, Mateo Ponte e Vitiinho; os meio-campistas Allan, Danilo Barbosa, Gregore, Marlon Freitas, Newton, Savarino e Álvaro Montoro; e os atacantes Artur, Igor Jesus, Kayke, Mastriani, Matheus Martins, Nathan Fernandes, Santiago Rodriguez, Rwan Cruz, Arthur Cabral e Joaquín Correa.

Após a estreia contra o Seattle Sounders, na noite de hoje, o Botafogo ainda jogará mais duas partidas, ambas no Estádio Rose Bowl, em Pasadena. A primeira será um duelo de campeões continentais contra o Paris Saint-Germain, na quinta-feira (19). A segunda é contra o Atlético de Madrid, na segunda-feira

(23). Todas as partidas envolvem equipes do Grupo B.

Flamengo

O Rubro-Negro estreia amanhã, no Mundial de Clubes. Às 22h, o time carioca enfrenta o Espérance, da Tunísia, na Filadélfia. Com o reforço do meio-campista Jorginho, ex-seleção italiana e Arsenal, da Inglaterra, Filipe Luís relacionou 35 jogadores para a competição. O número é a quantidade máxima de atletas permitidos no torneio. Será possível relacionar 26 por partida.

Com 27 atletas brasileiros no plantel, o Flamengo é o time com mais atletas do país. Depois da estreia, na sequência da competição, o clube continua na Filadélfia. Na mesma cidade da primeira partida, a equipe carioca enfrenta o Chelsea na sexta-feira (20). O rubro-negro encerra a sua participação no Grupo D contra o Los Angeles FC, dos Estados Unidos, em Orlando, na terça-feira (24)



Foto: Vitor Silva/Botafogo

Jogadores do Botafogo, em treinamento coletivo, visando o jogo de estreia no Mundial

Curiosidades

■ De longe, a nacionalidade brasileira será a mais presente na competição: são 142 atletas do Brasil. Em seguida, no ranking de maiores nacionalidades de todo o torneio, vêm os argentinos (104), espanhóis (54), portugueses (49), norte-americanos (42), mexicanos (40), franceses (37), alemães (36), italianos (36), marroquinos (31) e sul-africanos (31).

■ O goleiro Fábio, do Fluminense, com 44 anos, é o jogador mais velho do tor-

neio. Em seguida, vêm seu companheiro de equipe e zagueiro, Thiago Silva (40 anos); o goleiro Denis Onyango (40), do Mamelodi Sundowns, da África do Sul; e o meio-campista Luka Modric (39), do Real Madrid, da Espanha.

■ Os três treinadores mais jovens do torneio têm 39 anos de idade. O mais novo de todos é Vincent Kompany, do Bayern de Munique, nascido em 10 de abril de 1986. O segundo é Filipe Luís, do Flamengo, nascido em

9 de agosto de 1985. O terceiro é Martin Anselmi, do Porto, nascido em 11 de julho de 1985.

■ Com 2,01 metros de altura, Gustavo Ramalho, do Fluminense, é o jogador mais alto do torneio. Ele é seguido por outros dois goleiros: Gianluigi Donnarumma, do PSG (2,00 m), e Mike Penders, do Chelsea (2,00 m). O jogador de linha mais alto é o atacante sueco Jonah Kusi-Asare, do Bayern, com 1,98 metro e apenas 17 anos.

TREINOS E DIVERSÃO

Alcaraz tem obsessão por títulos

Tenista espanhol, número 2 do mundo, fala em documentário sobre tornar-se o maior tenista do mundo

Felipe Rosa Mendes
Agência Estado

Aos 22 anos, Carlos Alcaraz já detém feitos e marcas relevantes no mundo do tênis. No quesito precocidade, supera estatísticas do chamado Big 3, composto por Roger Federer, Rafael Nadal e Novak Djokovic. Por isso, vem se acostumando a ser considerado o futuro “maior tenista de todos os tempos”, uma aposta, claro, de longo prazo. A complicada tarefa de atender tal nível de expectativa parece não abalar o jovem espanhol, bicampeão de Roland Garros no último domingo (8). “Gostaria de estar no mesmo nível do Big 3 no que diz respeito a títulos. Isso faz parte da minha luta para ser o melhor tenista da história”, afirma o espanhol, mais de uma vez, ao longo da série documental “Carlos Alcaraz: do meu jeito”, lançada pela Netflix, em abril. O título da obra é um recado direto do atleta, que busca o topo, mas de um jeito diferente dos seus antecessores.

O empenho do espanhol nesta busca pôde ser atestado em sua segunda final em Roland Garros. Alcaraz chegou a estar perdendo por 2 sets a 0 antes de iniciar uma forte reação, culminando na épica vitória sobre o italiano Jannik Sinner, número 1 do mundo, por 3 a 2, em 5h29min — foi a final mais longa da história do Grand Slam francês.

Alcaraz chegou ao quinto título de Grand Slam em cinco finais, um aproveitamento de 100%. Tornou-se o tenista mais jovem a alcançar tal aproveitamento

em decisões deste nível e o segundo no geral, atrás apenas de Federer, vencedor de suas sete primeiras finais de Major.

No total, no entanto, Alcaraz ainda tem um longo caminho pela frente para alcançar os maiores campeões de Grand Slam. Novak Djokovic é o recordista entre os homens, com 24. Nadal soma 22 e Federer, 20. O jovem espanhol, portanto, está a 20 troféus de Slam de fazer história.

“

Em 2023, eu já estava mentalmente exausto. Eram 24 horas por dia, sete dias por semana, 100% dedicado ao tênis

Carlos Alcaraz

Dedicação

Conhecido pelos sorrisos abundantes e pelo jeito brincalhão, Alcaraz revelou em seu documentário biográfico que seu maior medo é transformar o tênis numa “obrigação”. Sua rotina, portanto, precisa envolver momentos de diversão longe das quadras, o que nem sempre agrada sua equipe.

Em 2023, Alcaraz ge-rou contrariedade em seu



Fotos: Reprodução/Instagram

Carlos Alcaraz chegou ao quinto título de Grand Slam em cinco finais, um aproveitamento de 100%, e é o mais jovem a alcançar o feito

técnico, o também espanhol Juan Carlos Ferrero, e em seu empresário, Albert Molina, ao decidir se divertir por uns dias, em Ibiza, às vésperas do início da temporada de grama.

“Em 2023, eu já estava mentalmente exausto. Eram 24 horas por dia, sete dias por semana, 100% dedicado ao tênis e, em Roland Garros, perdi para o Djokovic nas semifinais. E tinha um amigo que estava de férias naquela época e ia para Ibiza...”, conta o tenista, no documentário. “Eu sabia que tinha que falar com Albert primeiro. ‘M****, Albert, não sei como te dizer isso, cara. Eu tenho que ir, mesmo que seja por dois ou três dias para Ibiza’”.

do, levantou o primeiro dos seus dois troféus no Grand Slam britânico, semanas depois.

A mesma estratégia foi adotada no ano seguinte, com um motivo especial: ele havia acabado de ser campeão de Roland Garros pela primeira vez. Os dias de curtidão em Ibiza, contudo, não deram os mesmos resultados. Alcaraz foi eliminado na segunda rodada em Queen’s, o que ligou o alerta em sua equipe. Ao menos até o espanhol repetir a dose em Wimbledon, sendo bicampeão e afastando as preocupações com seu estilo incomum de vida para um tenista.

Vitamina “N”

Mesmo durante o Grand Slam francês, Alcaraz manteve o equilíbrio entre trabalho e diversão. Com dois dias sem jogos, antes da semifinal contra o italiano Lorenzo Musetti, ele decidiu treinar somente na quarta-feira. Na quinta-feira, teve um dia de turista: foi visitar, pela segunda vez, o Palácio de Versailles. Ele conhecera o local durante a Olimpíada de Paris-2024, mas avaliou que a visita havia sido rápida demais.

De acordo com o jornal espanhol Marca, Alcaraz buscava, nas palavras do seu fisioterapeuta, Juanjo Moreno, a chamada “vitamina N”, de natureza. Estar longe das quadras e perto da natureza, mesmo que por apenas um dia, seria o suficiente para manter o tênis com status de “diversão” para o tenista número dois do mundo.

Dessa forma, Alcaraz diz seguir conselho precioso dado por Roger Federer. “Perguntei-lhe o que fazia para manter a motivação durante tantos anos no circuito e ele respondeu-me que é preciso tornar a vida mais agradável e encontrar formas de desfrutar de cada torneio em que participamos. Encontrar amigos, descobrir coisas para fazer, ir ao cinema, encontrar sempre atividades que nos tragam felicidade, onde quer que estejamos”.

Férias

Espanhol decepcionou os fãs no Masters 1000 de Miami ao perder para o quase aposentado David Goffin e surpreendeu a sua equipe ao esquecer o tênis e buscar o aconchego da família

A decisão preocupou até sua família, com quem o atleta mora até hoje, na cidade de Murcia. Imaginavam que Alcaraz havia perdido tempo precioso em sua preparação para Wimbledon. Mas, surpreendendo a todos, ele foi campeão em Queen’s, em sua primeira competição após Ibiza. Embala-

Férias após derrota

A estratégia já foi colocada à prova nesta temporada. Alcaraz decepcionou os fãs no Masters 1000 de Miami, em março, ao ser eliminado logo na estreia para o quase aposentado David Goffin. Para surpresa de sua equipe, decidiu sair de férias com familiares e amigos. Curtiu seu descanso nas praias mexicanas, com direito a fotos nas redes sociais. Como resposta, ouviu críticas no estilo “você não se dedica o suficiente ao esporte”.

Em sua volta ao circuito, assombrou o mundo do tênis ao vencer 22 das 23 partidas que disputou. Levantou dois troféus de Masters 1000, em Monte-carlo e Roma. E foi bicampeão em Roland Garros.



Tenista ainda tem um longo caminho pela frente para alcançar os maiores campeões

SELEÇÃO NA COPA 2026

Ancelotti terá um ano para os ajustes

Técnico terá mais tempo para observações e será presença marcante nos EUA, durante o Mundial de Clubes

O Brasil está na Copa do Mundo de 2026. E agora? Com a vitória por 1 a 0 sobre o Paraguai, na última terça-feira (10), a Seleção Brasileira carimbou seu passaporte para o torneio no Canadá, Estados Unidos e México. Essa é a melhor notícia possível para o técnico Carlo Ancelotti, que terá menos de um ano — começa no dia 11 de junho de 2026 — para preparar o time para a busca pela sexta estrela.

Por isso, a Fifa traz seis pontos que podem ajudar Carletto e a Seleção nessa corrida pelo hexacampeonato mundial.

A primeira convocação de Carlo Ancelotti na Seleção Brasileira não foi feita com o tempo que os técnicos costumam ter para montar as suas listas. Após uma longa temporada com o Real Madrid, o treinador chegou ao Brasil na véspera de sua apresentação.

Ou seja: ainda que Ancelotti tenha feito a lição de casa e observado o máximo de jogadores que pôde, ele não teve o tempo ideal para elaborar a lista.

Depois de anunciar a convocação, por exemplo, ele chegou a ir a jogos de Botafogo, Corinthians e Flamengo para acompanhar alguns convocados e possíveis jogadores para o futuro. Esse trabalho é parte fundamental da observação do treinador e não foi possível para ele antes da primeira lista. Ele poderá fazer uma análise muito mais profunda daqui em diante.

“Primeiro, as férias, porque não lembro a última vez que tive um dia de férias. Depois, estarei no Mundial de Clubes da Fifa. Há uma lista ampla de jogadores, quase 70, em todo o mundo, no Brasil, na Europa, na Arábia... teremos tempo para avaliar cada um deles”, destacou Ancelotti em entrevista coletiva.

O protagonista Vini Jr.

É impossível falar do crescimento de Vinicius Jr. nos últimos anos sem citar o papel do técnico Carlo Ancelotti. Técnico dele no Real Madrid

Foto: Rafael Ribeiro/CBF



O italiano Carlos Ancelotti tem o apoio do torcedor brasileiro, mas terá muito trabalho para deixar o selecionado competitivo em busca do hexa

nos últimos três anos, o treinador entende como poucos como o brasileiro gosta de jogar — e parece ter feito disso uma prioridade em seu trabalho na Seleção.

Nos dois primeiros jogos, Vinicius vestiu a camisa 10 e recebeu votos de confiança de Carletto em entrevistas coletivas. O atacante, que vinha sendo criticado por alguns torce-

dores pela falta de gols com o Brasil, marcou o seu segundo gol nas Eliminatórias, o primeiro da “Era Ancelotti”.

“As qualidades aparecem muito bem, tanto aqui quanto no Real Madrid. Ele gosta muito da Seleção, hoje jogou muito bem. Ele conseguirá [ser protagonista] sem problemas”.

Quem será o camisa 9?

Richarlison contra o Equador, Matheus Cunha contra o Paraguai. Carlo Ancelotti testou dois titulares diferentes no comando de seu ataque, mas nenhum deles marcou. É verdade que Cunha, recém-contratado pelo Manchester United, mostrou raça e conseguiu a assistência para o gol de Vinicius Júnior, mas a posição parece completamente aberta para a disputa no time titular.

Além deles, há outros concorrentes, como Endrick, Igor Jesus e Pedro, recentemente convocados para a Seleção. Há a possibilidade, também, de Ancelotti escalar o ataque tendo apenas Vini Jr. e Rodrygo como homens mais avançados, um modelo que ele já utilizou em seu tempo no Real Madrid.

Onde entra Neymar?

Camisa 10 da Seleção Brasileira nas últimas três Copas do Mundo da Fifa, Neymar não entra em campo pelo Brasil desde outubro de 2023, quan-

do se machucou na derrota por 2 a 0 para o Uruguai. Ainda assim, o nome do craque sempre está ligado ao Brasil, que certamente gostaria de contar com seu talento em 2026.

A questão é que Neymar não tem conseguido ter uma grande sequência de jogos desde seu retorno ao Santos, o que pode fazer com que o time seja desenvolvido sem a presença dele. Como, quando e onde Neymar pode entrar nessa história? Essas questões só podem ser respondidas por Ancelotti. E ele já deu algumas pistas antes do jogo contra o Paraguai.

“Neymar veio hoje ao hotel e o abraçamos. Ele é muito próximo dos jogadores da Seleção. Neymar pode jogar em qualquer posição do campo. Se formos imaginar o jogo hoje, ele poderia ser da mesma posição que o Cunha. Nessa posição ele poderia ser muito, muito perigoso”, comentou.

Os erros do passado

Desde o título na Copa do Mundo de 2002, o Brasil tem tido o mesmo fantasma em todas as suas participações: a Europa. Nas cinco edições, a Seleção foi eliminada diante do primeiro adversário do Velho Continente que enfrentou no mata-mata. Em jogos eliminatórios de Copa, o Brasil não vence um adversário

européu desde a final contra a Alemanha, em 2002.

É claro que nenhum jogo é igual, e cada eliminação tem a sua peculiaridade, mas é um denominador comum que preocupa qualquer torcedor brasileiro mais atento e que, certamente, será trabalhado por Ancelotti. O lado positivo nessa história é que, se há alguém que conhece como poucos o futebol europeu e seus jogadores, é justamente Carlo Ancelotti, que conquistou a Liga dos Campeões da Uefa cinco vezes como treinador.

“A voz de Deus”

Um famoso ditado brasileiro costuma dizer que “a voz do povo é a voz de Deus”. Na Seleção Brasileira, costuma ser assim. Ter o apoio dos torcedores é metade do caminho para qualquer técnico, e Carlo Ancelotti tem sentido esse calor desde o dia em que chegou. A recepção no aeroporto do Rio de Janeiro deu o tom de uma relação que começou promissora entre ele e os brasileiros. O mosaico em homenagem ao seu aniversário, antes do jogo contra o Paraguai, reforçou essa relação. Daqui até a Copa do Mundo, Ancelotti terá pouco tempo para garantir que o apoio do povo brasileiro esteja ao seu lado.

Foto: Rafael Ribeiro/CBF



Matheus Cunha e Vini Jr. comemoram o gol que deu a classificação para a Copa 2026

SÉRIE D

Sousa tem novo desafio, em Recife

Time paraibano precisa vencer o Santa Cruz-PE hoje, no Arruda, para continuar com chances de classificação

Danrley Pascoal
danrleyp.e@gmail.com

O Sousa enfrenta, hoje, às 17h, o Santa Cruz-PE, no Arruda, em Recife (PE). O confronto é válido pela nona rodada do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro Série D. O Dino chega para a partida com os ânimos renovados depois da primeira vitória sob o comando de Tardelly Abranches, diante do América-RN, por 1 a 0. Já o clube coral busca manter a invencibilidade em casa.

Agora, com sete pontos, o Alviverde tem cinco a menos que o quarto colocado, Ferroviário, que tem 12 pontos. Mesmo com uma campanha ruim longe do Marizão, o Sousa precisa vencer o Santa para aumentar as chances de classificação ao mata-mata.

No entanto, a equipe do Sertão ainda não somou pontos como visitante, tendo quatro derrotas, para Santa Cruz-RN, Treze, Horizonte e América-RN. Outro ponto negativo da campanha é o fato do time ter marcado apenas um gol nesses confrontos. O desempenho geral nas oito rodadas realizadas contabiliza duas vitórias, um empate e cinco derrotas.

Na partida do primeiro turno, a Cobra Coral venceu com gol marcado por Geovany, dentro do Marizão. Aquele jogo foi o único em que o Sousa não somou pontos em casa. A história ainda registra mais dois jogos en-



Foto: Ágatha Luelma/Sousa

No jogo disputado no Marizão, pelo primeiro turno do Brasileiro da Série D, o time pernambucano levou a melhor e venceu o Sousa por 1 a 0

tre os clubes, com uma vitória para cada um. Esses enfrentamentos também foram pela Quarta Divisão.

O adversário

O Santa Cruz-PE recebe o Dino em busca da recuperação na Série D. A equipe perdeu a invencibilidade na competição depois de ser derrotado pelo Ferroviário, no Presidente Vargas, em Fortaleza. Até a rodada passada,

o time pernambucano fazia uma campanha de seis vitórias e um empate. O Tricolor é o líder do Grupo A3, com 19 pontos.

Na partida de hoje, o clube coral tenta manter outra invencibilidade, como mandante, na Quarta Divisão de 2025, ainda não perdeu, pelo contrário, venceu os três jogos que realizou em casa. Nesses confrontos, contra Horizonte, América-RN e Ferroviário, o

Santa Cruz levou 83.166 torcedores ao Arruda. Contra o Dino, há expectativa é de ultrapassar a marca de 100 mil torcedores presentes em toda a competição. Será necessário o comparecimento de 16.834 pessoas nesta tarde.

Arbitragem

O árbitro principal do confronto é Josué Reis de Jesus Júnior (CBF-BA). Ele terá como assistentes José Daniel Tor-

res de Araújo (CBF-PE) e Elaise Juliana Santana Ferreira (CBF-PE). O quarto árbitro é Hugo Soares Dias Santana Figueiredo (CBF-PE).

Treze

O Galo só joga pela nona rodada na próxima quinta-feira (19), quando enfrenta o Santa Cruz-RN, no Amigão, às 15h. A partida marcará a estreia do técnico William De Mattia no comando

do time alvinegro. Ele será o terceiro treinador da agremiação de Campina Grande na competição. Antes, estiveram Felipe Surian e Marcelo Vilar. O técnico tem a missão de levar o Galo de volta para a zona de classificação ao mata-mata e também de melhorar o sistema ofensivo do time, que só marcou três gols em oito jogos, sendo o pior ataque da chave, tendo passado em branco em cinco partidas.

BRASILEIRÃO

Competição só volta a ter jogos a partir do dia 13 de julho

O domingo não tem futebol pelo Brasileirão. A última rodada, a de número 12, aconteceu na quinta-feira (12), sem a presença de Botafogo, Flamengo, Fluminense e Palmeiras, que estão nos Estados Unidos para a disputa do Mundial de Clubes. Bragantino e Cruzeiro, que podiam tomar a liderança do Flamengo, não tiveram sucesso. O time paulista perdeu em casa por 3 a 0 para o Bahia, enquanto o mineiro empatou sem gols com o Vitória, em Salvador. O Cruzeiro chegou ao mesmo número de pontos do Rubro-Negro carioca, mas perdeu nos critérios técnicos, mesmo com um jogo a mais. Quem se deu mal foi o Fortaleza, que entrou na zona de rebaixamento ao perder de 3 a 2 para o Santos, no Castelão. Outro que caiu para o Z4 foi o Internacional, após perder para o Atlético Mineiro por 2 a 0, na Arena MRV. Os outros dois clubes na parte de baixo da tabela são Juventude e Sport.

A surpresa da rodada acabou sendo o Vasco da Gama, do técnico Fernando Diniz, que conseguiu vencer o São Paulo, no MorumBis, por 3 a 1 e subiu para a 13ª posição. O Brasileirão só volta a ter jogos a partir do dia 13 de julho, conforme a programação estabelecida pela CBF. Com o Flamengo na liderança, o Cruzeiro aparece em segundo lugar, o Bragantino em terceiro e o Palmeiras na quarta posição.

O Cruzeiro jogou no Barradão, contra o Vitória, mas só empatou, sem gols, pela 12ª rodada

Classificação

Clubes	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Flamengo	24	11	7	3	1	24	4	20
2º Cruzeiro	24	12	7	3	2	17	8	9
3º Bragantino	23	12	7	2	3	14	11	3
4º Palmeiras	22	11	7	1	3	12	8	4
5º Bahia	21	12	6	3	3	14	11	3
6º Fluminense	20	11	6	2	3	15	12	3
7º Atlético-MG	20	12	5	5	2	13	10	3
8º Botafogo	18	11	5	3	3	14	7	7
9º Mirassol	17	11	4	5	2	17	12	5
10º Corinthians	16	12	4	4	4	13	15	-2
11º Grêmio	16	12	4	4	4	12	15	-3
12º Ceará	15	11	4	3	4	13	11	2
13º Vasco	13	12	4	1	7	14	16	-2
14º São Paulo	12	12	2	6	4	10	14	-4
15º Santos	11	12	3	2	7	11	14	-3
16º Vitória	11	12	2	5	5	10	14	-4
17º Internacional	11	12	2	5	5	12	18	-6
18º Fortaleza	10	12	2	4	6	12	18	-6
19º Juventude	8	11	2	2	7	8	24	-16
20º Sport	3	11	0	3	8	5	18	-13

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Há descobertas que reorganizam o tempo. Um fragmento de osso, um traço de gravura rupestre e uma urna funerária enterrada há séculos ajudam a delimitar o antes e o depois da existência humana. Na arqueologia paraibana, o professor Juvandi de Souza Santos representa esse mesmo divisor de tempos: há um tempo anterior ao seu trabalho e há o tempo que ele ajudou a revelar.

Em mais de três décadas de atuação, suas pesquisas trouxeram à tona civilizações esquecidas, redefiniram a ocupação indígena no estado e colocaram a Paraíba no mapa das grandes descobertas arqueológicas do país. Uma riqueza que ele ajudou a descobrir, preservar e revelar ao mundo. Durante esse percurso, foi influenciado e se encantou pelo maior nome de sua especialidade: Niéde Guidon.

“Na verdade, Niéde é uma referência para o mundo inteiro. Uma pessoa formidável. O mundo perdeu uma grande cientista, uma grande arqueóloga — e nós perdemos uma grande mulher. E tinha um certo medo dela. Brava mesmo, como a gente diz por aqui. Mas uma figura extraordinária”, lembra, aos sorrisos, o professor sobre a arqueóloga paulista, morta no início do mês, aos 92 anos.

Guardadas as devidas proporções, e em termos de dedicação a uma área geográfica, a Serra da Capivara, no Piauí, estava para Guidon assim como o Cariri, o Catolé do Rocha e o Seridó da Paraíba estão para Juvandi Santos. “E o Sertão... o Sertão é fora do comum. Uma riqueza paleontológica enorme, além da presença tupi. A Paraíba é fantástica”, afirma o professor.

Essa é uma história que começou em 1981. O pai de Juvandi, um vendedor de pilhas, levou o adolescente, com cerca de 14 anos, para visitar o Parque dos Dinossauros, em Sousa. Um passeio que aguçou, definitivamente, a curiosidade do jovem que, aos 22 anos, já estava formado em História e com a ideia de fazer Arqueologia ou algum curso na área de paleontologia.

Das riquezas

Uma das principais contribuições de Juvandi para revelar o porquê de a Paraíba ser fantástica está descrita em seu livro de número 41, que mudou completamente a compreensão da ocupação indígena no estado. Até recentemente, acreditava-se que, na chamada sertania paraibana, os tupis habitavam basicamente o litoral e suas proximidades. Já no interior, a ideia era que só houvesse os cariris e os tarairiús.

“Mas a nossa pesquisa mostrou evidências arqueológicas claras também da presença tupi e aratu no interior. Para se ter uma ideia da importância disso, hoje, já são 21 sítios tupis identificados no interior da Paraíba, todos com farto material arqueológico — urnas funerárias, tigelas, adornos corporais e materiais líticos, — e mais seis sítios aratus também com bastante material, inclusive urnas funerárias e ossadas humanas”, descreve ele.

Ele cita tudo isso com uma empolgação similar à da que provavelmente tinha quando visitou o Vale dos Dinossauros. E não é para menos. Os sítios tupis e aratus no interior mudaram completamente a história da ocupação indígena na Paraíba. Mas o professor também desenvolveu outras duas grandes pesquisas.

Uma foi na Área de Proteção Ambiental (APA) das Onças, no município de São João do Tigre, uma unidade de conservação do estado com 300 mil hectares, superada apenas pelo Parque Nacional da Serra do Teixeira. Há cerca de quatro anos, o interesse de Juvandi Santos mirou a a região polarizada pela cidade de Catolé do Rocha.

“Encontramos uma quantidade impressionante de sítios arqueológicos com gravuras rupestres. Ali o forte são as gravuras — pinturas são pouquíssimas. Mas a qualidade e a quantidade são realmente notáveis. A Paraíba tem uma riqueza arqueológica, paleontológica e espeleológica fora do comum”.

A qualidade diferenciada das gravuras rupestres está diretamente ligada ao suporte rochoso sobre a qual foram feitas. Segundo o professor, existem três técnicas básicas utilizadas na confecção dessas gravuras: o picoteamento, o riscamento e o que ele chama de “meia cana” — técnica essa observada no sítio arqueológico da Pedra do Ingá.

No Seridó, as gravuras revelam uma diversidade maior, com a ocorrência das três técnicas, o que indica a presença, possivelmente, de diferentes fases ou grupos culturais. Além disso, o Seridó destaca-se não apenas pela quantidade de sítios arqueológicos, mas também pela complexidade deles. Esse território era, inclusive, o local de habitação de um dos grupos indígenas mais fascinantes da história do Nordeste: os tarairiús.

CIÊNCIA

Juvandi Santos, o divisor de tempos

Confira um panorama da arqueologia paraibana pela perspectiva de um dos maiores profissionais do estado na área, que foi influenciado pela Niéde Guidon



Juvandi (à dir.) e o historiador Thomas Bruno (à esq.) num dos encontros com Guidon (no centro), uma das mais importantes arqueólogas brasileiras, morta no último dia 4, aos 92 anos

Extintos ainda no século 17, os tarairiús foram aliados dos holandeses durante a ocupação do Brasil e, por isso, duramente perseguidos pelos portugueses. Um traço marcante dessa etnia era o endocanibalismo — prática ritual em que os mortos eram consumidos pelos vivos —, o que explica a ausência de cemitérios tarairiús, ao contrário do que ocorre com outros povos.

É tudo isso que faz Juvandi não ter dúvidas em exaltar a riqueza encontrada na Paraíba. “E nem estou falando dos sítios paleontológicos, como os da bacia sedimentar do Rio do Peixe, na região de Sousa. Aquilo é formidável. Está entre as principais ocorrências de icnofósseis e dinossauros do planeta Terra. Nem é só do Brasil — é do planeta Terra”.

Guidon e aposentadoria

Juvandi Santos conheceu Niéde Guidon em 2006, quando foi ao Piauí para ter aulas com a pesquisadora, durante a parte técnica de seu mestrado. Esse contatou se repetir algumas vezes. Por dois anos, durante o doutorado, Juvandi enviava os materiais de pesquisa para sua maior referência na profissão. “Era uma pessoa altamente receptiva. Se você aparecesse por lá,

mesmo como turista, e ela estivesse presente, recebia todo mundo com a maior tranquilidade”.

As conversas eram sempre acadêmicas. “Ela sempre elogiava muito a Paraíba, destacava a riqueza arqueológica do nosso estado. Umas duas vezes, inclusive, nos parabenizou pelas pesquisas que vínhamos desenvolvendo na região”.

Dois aspectos principais ajudam a entender a admiração por sua mestra. “O primeiro era o conhecimento que ela tinha. Era impressionante. Tive excelentes professores durante o doutorado em Porto Alegre e, para entender, por exemplo, a cadeia operatória de material lítico, a gente levava um semestre inteiro. Niéde, em uma tarde, deu uma aula de 45 minutos sobre esse tema que foi simplesmente extraordinária. Uma didática fora do comum”.

Já o segundo ponto destacado por Juvandi era a responsabilidade de Guidon. Mesmo morando e trabalhando na França, ela fazia questão de ir ao Piauí uma ou duas vezes por ano. “Ela transformou o Sertão do Piauí no que é hoje. Estamos falando de um dos parques mais importantes do mundo. A Serra da Capivara é Patrimônio da Humanidade. Isso diz tudo”.

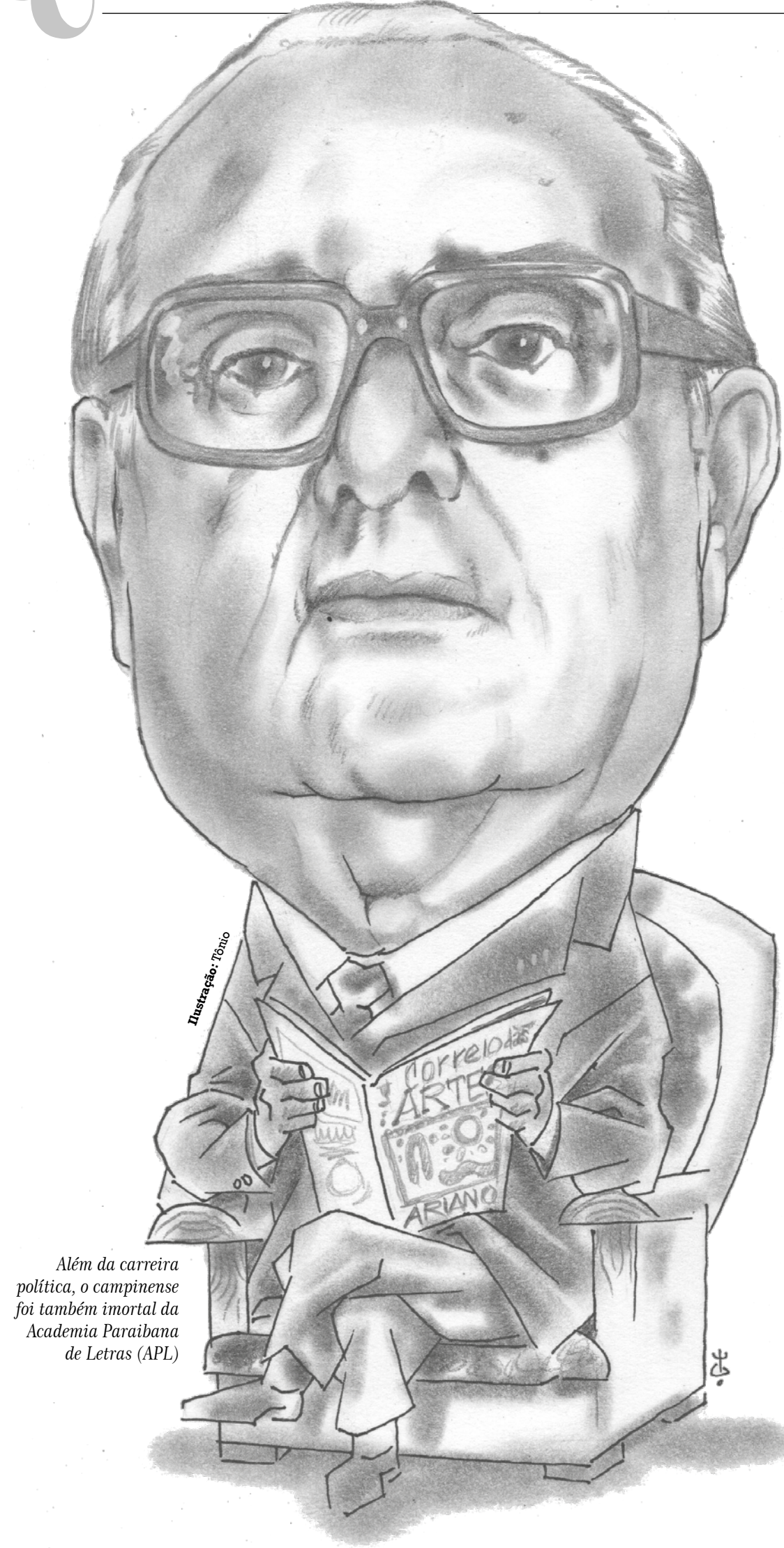
Hoje, Juvandi Santos acumula muitas funções, um corpo debilitado e um sonho de aposentar-se e desbravar o mundo — sem obrigações profissionais. Ele ainda coordena o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), que ele mesmo fundou. É professor da pós-graduação em Medicina Translacional, no Ceará. Também atua na UEPB como professor e coordenador da pós em História Local.

Santos acaba de criar a pós-graduação em Paleontologia e Conservação do Patrimônio, que funcionará em Sousa. Participa de diversos projetos em arqueologia, paleontologia e espeleologia. É curador e diretor do Museu de História Natural, além de coordenar a Reserva Técnica do laboratório. Também coordena o Grupo Paraíba de Espeleologia — o único especializado no estudo de cavernas no estado.

Com sérios problemas de circulação e ácido úrico, ele espera largar sua profissão em mais quatro anos. “Hoje, tenho orientandos no doutorado da Universidade Federal do Ceará que, tenho certeza, muitos devem voltar à Paraíba e continuar as pesquisas. Tem também ex-alunos da UEPB, principalmente do Seridó, que se envolveram, profundamente, com a preservação dos sítios arqueológicos e paleontológicos da região”.

A segurança para reorganizar seu próprio tempo e delimitar o antes e o depois de sua existência reside nas novas gerações. “Se eu não me aposentar, essa nova geração que estamos formando não vai ter oportunidade. E a meninada está com um gás fora do comum. Tem gente com 25, 26 anos já doutorada, com novas metodologias e novas tecnologias. Eles dominam Informática, Química e Física — ciências essenciais para a arqueologia”.

A trajetória de Juvandi Santos é, por si só, uma linha do tempo. Há um tempo anterior ao seu trabalho e há o tempo de jovens cientistas que ele e Guidon ajudaram a revelar. “Então, acho que, quando chega o tempo de se aposentar, é hora de sair de cena e dar espaço. Quero aproveitar, viajar pela Argentina, por Portugal... quem sabe fazer parte do Caminho de Santiago, se eu melhorar dos pés. A ideia é essa”, finaliza.



Além da carreira política, o campinense foi também imortal da Academia Paraibana de Letras (APL)

Joel Cavaleanti
cavaleanti.joel@gmail.com

Talvez não seja exagero afirmar que poucos, ou nenhum habitante do complexo habitacional Aluizio Campos saiba, de fato, quem foi o homem que deu nome ao conjunto, inaugurado no ano de 2019. As mais de quatro mil moradias abrigam, em Campina Grande, uma pragmática e resiliente população mais numerosa que 180 cidades na Paraíba.

Todos os dias, esse povo, em casas tão semelhantes, segue logo cedo para a sua rotina de muito de trabalho, lazer e estudo sem nunca tropeçar num rastro qualquer de memória que lembre o político, administrador de empresa, advogado e pecuarista campinense. Provavelmente, eles possam argumentar, com razão, que tenham coisas mais importantes a fazer.

“A margem de legado de Aluizio foi realmente pequena, porque coisas mais fortes ocorreram, personagens mais fortes apareceram — como é o caso de Celso Furtado e o embate indireto entre eles”, afirma o biógrafo do campinense Aluizio Afonso Campos (1914–2002), o historiador Josemir Camilo Melo. “Ele não é muito conhecido nem nos meios políticos. Apenas os velhos caciques, que se candidavam a cada dois anos, é que puderam conviver com ele. Porque, na época da eleição, ele vinha. Como ele era um homem rico, os partidos precisavam dele”, apontou o escritor.

A comparação que o pesquisador e membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) faz com Celso Furtado não é em vão. Aluizio Campos foi consultor jurídico e membro do conselho deliberativo da Superintendência do Desenvolvimento do Nor-

deste (Sudene). Ele havia sido convidado para organizar as bases da entidade com um grupo de intelectuais, pensadores, cientistas, engenheiros, tecnólogos, mas o tempo arrastava-se e o trabalho não se concluía.

Foi quando o presidente Juscelino Kubitschek convidou para a missão o economista paraibano Celso Furtado (1920–2004), que viria a se tornar o primeiro superintendente do órgão. “Aluizio tinha uma visão bem diferente da de Celso Furtado, então isso causou um certo racha”, remonta o historiador. Seja com um nome à sombra de Furtado ou lembrado mais hoje pelo conjunto habitacional onde não se sabe quem ele foi, Aluizio Afonso Campos tem uma trajetória notável, que corresponde bem com um certo contexto de seu tempo.

Aluizio Afonso Campos nasceu no dia 8 de dezembro de 1914, na Fazenda Ligeiro, em Campina Grande. Filho único do casal Afonso Rodrigues de Souza Campos e dona Porfíria Montenegro Campos, estudou em João Pessoa, no Lyceu Paraibano, e formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais, na Faculdade de Direito do Recife, em Pernambuco. Especializou-se na Universidade de Lafayette, nos Estados Unidos, e na Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro.

O paraibano teria herdado do pai o carisma, a abstração, a inteligência e a vocação política, área à qual se dedicou muito cedo. Elegeu-se deputado à Constituinte Estadual, cumprindo um mandato de 1934 a 1937, e outro de 1950 a 1954. Mais tarde, em 1989, elegeu-se deputado federal, pela Paraíba, sendo reconduzido à Câmara, nas eleições de 1986, como Constituinte Nacional, encerrando o seu mandato em 1990, quando se afastou da política.

angelicallucio@gmail.com

Angélica Lúcio

Piso nacional para os jornalistas promove dignidade da categoria

De uma ponta a outra do Brasil, passando pelo Planalto Central, há uma diferença grande no salário pago aos jornalistas. Tal disparidade salarial acentua a urgência e a necessidade de um piso nacional para a categoria. Um levantamento feito pelo Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), a pedido da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), mostra que a remuneração média nacional da categoria é de R\$ 8.607,84.

Ainda que esse valor médio seja a face mais visível, ele mascara uma realidade cruel: a de milhares de jornalistas em todo o país cuja remuneração, em muitos casos, não atinge sequer um quarto desse montante. Na verdade, a média nacional (obtida da soma de todos os salários declarados pelas empresas e dividido pelo número de vínculos formais) não mostra as moedas que separam jornalistas da região Norte ou Nordeste daqueles que trabalham no Centro-Oeste.

No Distrito Federal, por exemplo, profissionais têm remuneração média de R\$ 19.371,00; já no Pará e no Piauí, os salários médios chegam a 4.488,23 e a R\$ 4.403,78, respectivamente. Tais remunerações têm como base o levantamento do Dieese, que também aponta a Bahia com o salário médio mais baixo do Brasil: de apenas R\$ 3.731,02.

Há poucas semanas, porém, tivemos uma boa notícia sobre esse tema: a representação do Projeto de Lei (PL) nº 2.209/2025, que propõe um piso salarial nacional de R\$ 6.982,00 para



Deputado federal Daniel Almeida (PCdoB-BA) reapresentou o Projeto de Lei nº 2.209/2025, que propõe piso salarial nacional de R\$ 6.982,00 para os jornalistas

jornalistas. O PL, reapresentado na Câmara Federal pelo deputado federal Daniel Almeida (PC do B-BA), leva em consideração uma jornada de 30 horas semanais.

A iniciativa parlamentar atende a um pedido da Fenaj e representa um marco na luta pela valorização da categoria. Mais: resgata

um debate que se arrasta desde 2011 (quando foi, inicialmente, proposto pelo ex-deputado federal André Moura, de Sergipe) e que, agora, ganha nova força e urgência.

Atualmente, outras profissões já têm piso salarial aprovado no Congresso Nacional, como professores do magistério público

da Educação Básica e enfermeiros. A Lei nº 11.738, que instituiu o Piso Salarial Profissional Nacional para os profissionais do magistério público da Educação Básica, por exemplo, foi sancionada em julho de 2008. Já o piso nacional da Enfermagem foi instituído pela Lei nº 14.434, de agosto de 2022.

Em matéria publicado no portal da Fenaj, o deputado federal Daniel Almeida justificou a reapresentação do projeto, argumentando que “o jornalismo é um pilar de nossa democracia e exige que os profissionais responsáveis por esse ofício tenham um salário digno e compatível com a importância de sua função social”.

Na mesma notícia, a presidente da Fenaj, Samira de Castro, afirma que o Piso Salarial nacional está entre as pautas prioritárias dos jornalistas brasileiros. Ela avalia que a reapresentação do projeto, na Câmara dos Deputados, recoloca o tema em debate, para trazer mais dignidade à remuneração da categoria, “que hoje enfrenta o arrocho e a precarização das relações no mercado de comunicação”.

A instituição de um piso salarial não é apenas uma questão de justiça social. A valorização do jornalismo vai além de interesses corporativos, visto que também significa um investimento na qualidade da informação e, consequentemente, no fortalecimento da democracia. É que fique bem claro: piso nacional não significa teto; é apenas o começo da luta por mais dignidade.

Aluizio Afonso Campos

Paraibano é um dos redatores da Carta Magna

Como constituinte, Aluizio ficou responsável para redigir o preâmbulo da Carta Magna, embora a versão final não tenha sido totalmente a sua. “Mas ele ficou celebrizado aqui, na Paraíba, pelos políticos como redator da Carta Magna”, lembra o biógrafo. “Ele não tinha realmente uma ideologia política, ele era da velha escola formada em Direito pela Universidade do Recife. Aluizio Campos tinha uma visão mais prática de utilizar o Direito em função de uma visão, digamos, do desenvolvimento norte-americano”.

Essa característica da ausência de um prisma ideológico claro fica evidente pelas passagens que teve pelos partidos aos quais se filiou. Após a Ditadura Civil-Militar de 1964, Aluizio Campos filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de apoio ao regime. No ano seguinte, ele foi o candidato arenista ao Senado, sendo derrotado por Rui Carneiro, do MDB. Em 1974, ele seria novamente escolhido para concorrer a uma vaga no Senado, voltando a ser derrotado por Rui Carneiro.

Com o processo de abertura política, filiou-se ao PP, liderado por Tancredo Neves, e, em seguida, ao MDB, tornando-se deputado federal, em 1983, pela legenda. No final daquele ano, o deputado Dante de Oliveira apresentou um projeto de emenda constitucional restabelecendo eleições diretas para a presidência da República. Apesar do voto favorável do deputado Aluizio Campos, a emenda não obteve quórum necessário à sua aprovação.

Suas principais contribuições como parlamentar incluem o voto a favor da proteção ao emprego contra demissão sem justa causa, do mandato de segurança coletivo, do voto aos 16 anos, da proibição do comércio de sangue, do mandato de cinco anos para José Sar-

ney e da criação de um fundo para a reforma agrária. Votou contra a pena de morte, o aborto, a pluralidade sindical, o presidencialismo, a estatização do sistema financeiro, a legalização do jogo do bicho e a desapropriação da propriedade produtiva.

Olho (de vidro) aberto

Políticos de todas as vertentes queriam oferecer uma chapa para Aluizio Campos e o motivo não era de-

desse um depoimento por escrito de que ele estava cassado da Sudene por ser de esquerda.

“Isso nunca aconteceu e na Sudene ele foi se apagando”, completa o historiador. Mas foi esse trabalho para a Sudene, BNDES e Banco do Nordeste que capitalizaram a influência política de Aluizio Campos. “Ele se aproveitou de tudo isso, criando uma empresa que ajudava os empresários, os investidores campinenses e paraibanos em geral, a tirar proveito da Sudene, de forma que ele se tornou um guia para o setor industrial de Campina Grande”, acrescenta o biógrafo.

Aluizio Campos teria ainda, segundo Josemir Camilo, negociado a doação de parte das terras da Fazenda Ligeiro, onde hoje se localiza o distrito industrial de Campina Grande, para que a propriedade do político pudesse ser abastecida com serviços de água e energia. Foi justamente nessa fazenda

que um ato de violência marcaria sua vida de forma trágica. Durante uma contenda com um parente, que era também gerente da propriedade, Aluizio Campos levou um tiro no rosto.

Atingido, perdeu um dos olhos e passou a usar uma prótese de vidro — hoje mantida como peça de museu na casa da Fazenda Ligeiro. “Criou-se um folclore de que Aluizio dormia durante reuniões com o olho de vidro aberto, enganando os interlocutores”, conta o historiador.

Proteção

A memória de Aluizio Campos é resguardada pela Fundação da Universidade Regional do Nordeste (Furne), que foi incorporada pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O romantismo popular e o popularesco na MPB — II

Talvez não seja somente a extensão territorial do nosso país, mas, certamente, também a nossa diversificação cultural, que nos tenha proporcionado rotular certo estilo de música popular, chamando-o de brega. Assim, teríamos a música popularesca inclusa nesse aspecto, mesmo levando em consideração intérpretes e criadores muito apreciados pelos audiófilos e discófilos.

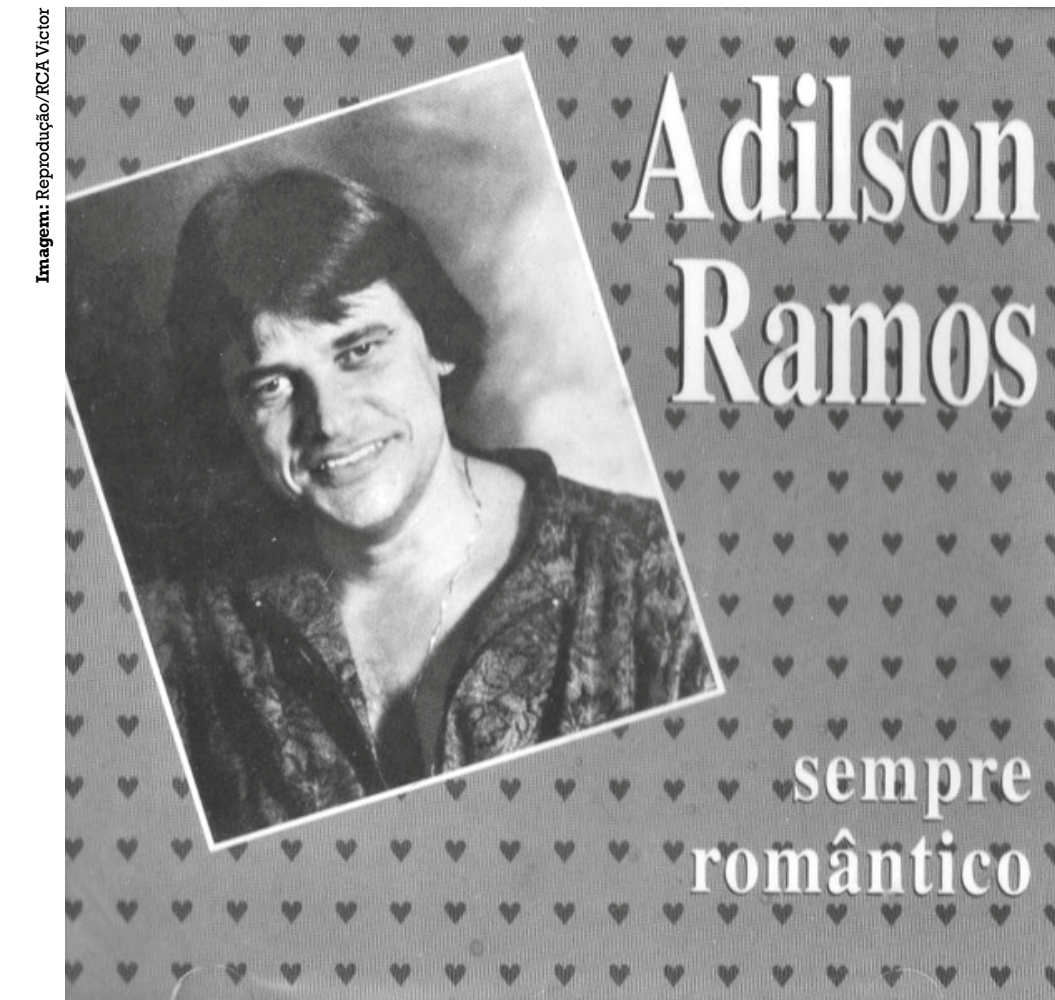
Mesmo fazendo parte do universo musical que circundou o movimento da Jovem Guarda, o cantor e compositor carioca Adilson Ramos de Aitaide (Rio de Janeiro, 1945), ainda hoje é rotulado de popularesco (leia-se “brega”), que alcançou, e ainda alcança, enorme sucesso entre os antigos jovem-guardistas.

Já aos nove anos, mostrando-se interessado em música, ganhou do pai uma sanfona de quatro baixos, depois substituída por um acordeão maior. Pode-se dizer que o futuro começou para ele quando, aos 12 anos, ingressou numa escola de música, passando a apresentar-se no programa televisivo Clube do Guri (TV Tupi-RJ).

Mesmo iniciando na vida artística antes do advento da Jovem Guarda, Adilson já se inspirava no rock’n’roll e nas baladas de Paul Anka e de Neil Sedaka, porém buscava cantar em dois estilos que dominavam o ambiente musical: Cauby Peixoto e Orlando Dias.

Após a gravação do seu primeiro vinil — Olga, em 1960 —, quando ainda fazia parte

do grupo Os Cometas, em 1963, lançou o seu primeiro grande sucesso, que viria a ser uma espécie de cartão de visita — “Sonhar contigo” (parceria com Amelindo Leandro): “Sonhar contigo / por toda vida / Sonhar contigo / meu amor / Minha querida”.



Capa de “Sempre romântico”, uma das inúmeras coletâneas do carioca Adilson Ramos

Nas décadas de 1960 e 1970, lançou diversos álbuns e CDs. Muitas das músicas com as quais ele fez sucesso e popularizou-as foram gravadas por intérpretes de renome, como Agnaldo Timóteo, Tânia Alves, Altemar Dutra, Reginaldo Rossi, Lulu Santos, Roupas Nova e até Bienvenido Granda, entre outros.

Em 1985, quando já residia em Recife, Pernambuco, para onde se mudara, em 1982, emplacou a sua versão do hit de Stevie Wonder, “I Just Call to Say I Love You” (“Só liguei porque te amo”) que, inclusive, também foi gravada por Gilberto Gil.

Do seu currículo constam, até o momento, cerca 16 de LPs, 20 CDs e dois DVDs.

Em 2015, comemorando 55 anos de vida artística, gravou um DVD retrospectivo de sua carreira, em espetáculo que aconteceu no Teatro Boa Vista, em Recife, e que, transmitido pela Rede Globo Nordeste, valeu-lhe como uma justa homenagem.

Atualmente, mesmo atuando em shows pelo Brasil, Adilson Ramos ainda reside na capital pernambucana, onde diversificou as suas atividades nos setores industrial e comercial, no ramo da panificação (com a Padaria Boa Viagem).

Da playlist do artista, além dos já citados sucessos, constam as versões para “O Relógio” (“El Reloj”, de Roberto Cantoral), “Tão somente uma vez” (“Solamente una vez”, de Agustín Lara) e ainda “Tudo e Nada”, “Recordações”, “Duas Flores”, “Amor Verdadeiro”, “Até que amanheça”...

ESTUDO

IA é capaz de antecipar as respostas humanas

Simulações realistas de diversos públicos permitem análises em uma larga escala

Crisley Santana
Agência Estado

A inteligência artificial (IA) generativa já começa a redefinir os métodos tradicionais de pesquisa e análise de comportamento humano, apontam estudos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisar o comportamento de consumidores, eleitores ou especialistas sem realizar entrevistas, por exemplo, já é uma realidade segundo a professora e pesquisadora do Instituto de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (Coppesad), Paula Chimenti. Segundo ela, essa transformação é possível graças aos dados sintéticos, uma inovação baseada em modelos de inteligência artificial generativa.

A professora, que coordena o Centro de Estudos em Estratégia e Inovação do Coppesad, lidera pesquisas que demonstram como os *Large Language Models* (LLMs) podem gerar simulações realistas de diversos públicos, permitindo análises em larga escala com agilidade e baixo orçamento. “É como entrevistar milhares de pessoas em tempo real, sem o custo e a complexidade das pesquisas tradicionais. Isso abre novas possibilidades para negócios, políticas públicas e inovação”, afirma Paula Chimenti, em nota.

Entre as principais aplicações dos dados sintéticos, destacam-se o teste de produtos, serviços e campanhas publicitárias



Foto: Arquivo pessoal/Facebook

Professora da UFRJ, Paula Chimenti é coordenadora do Centro de Estudos em Estratégia e Inovação do Coppesad

com consumidores simulados; simulação de audiências específicas para avaliar pilotos de séries, roteiros e elencos; apoio a tomadas de decisão estratégicas em governos e instituições financeiras; transformação de dados qualitativos em quantitativos, integrando diferentes abordagens de pesquisa e a redução de riscos em decisões de negócio, com impacto direto em “valuations” empresariais.

“Com essa tecnologia, empresas podem criar réplicas digitais altamente confiáveis de seus públicos. Isso torna previsível o que antes era incerto: a rea-

ção do consumidor”, afirma Paula Chimenti.

A professora da UFRJ destaca ainda que a tecnologia permite também

avaliar a infraestrutura de inovação de um país ou simular o julgamento moral de uma população diante de dilemas sociais — tudo com algoritmos que replicam comportamentos humanos.

Entretanto, a pesquisadora sinaliza que o uso de dados sintéticos não substitui o contato real com o consumidor. Segundo ela, a tecnologia funciona como um filtro inicial poderoso, capaz de testar hipóteses, economizar recursos e acelerar decisões antes da validação no mundo real.

“No contexto atual, em que os dados gerados são desestruturados, essa inovação também permite transformar entrevistas e conversas em dados estruturados para análise quantitativa — superando limitações históricas entre métodos qualitativos e quantitativos”, esclarece Paula, acrescentando que os dados sintéticos representam uma vantagem competitiva real, permitindo decisões mais rápidas, baratas e assertivas.

Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: 24 horas (2) = dia + curso de água natural (2) = rio. Solução: anotações pessoais (4) = diário.

Charada de hoje: Na cidade da Colômbia (2), cometi o mesmo pecado (2) que o imperador romano (4).



Ilustração: Bruno Chioffi

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)



Eita!!!!

Curiosidades sobre bandeiras de países

No seriado norte-americano *The Big Bang Theory*, um dos protagonistas é tão fascinado por bandeiras que produz um canal caseiro na internet sobre o tema. Entre formas peculiares ou imagens diferentes na frente e no verso, eis a seguir alguns detalhes das bandeiras mais curiosas ao redor do mundo.

Formato único

O Nepal destaca-se por ser o único país do mundo com uma bandeira não retangular ou quadrada (foto acima). Os seus dois triângulos empilhados simbolizam os majestosos Himalaias e as duas religiões dominantes da nação: o hinduísmo e o budismo. Essa forma distinta torna-a uma das bandeiras mais facilmente reconhecíveis em todo o mundo.

Bandeiras quadradas

A maioria das bandeiras nacionais são retangulares, mas a da Suíça e a da Cidade do Vaticano quebram a norma com desenhos perfeitamente quadrados.

Os dois lados

A bandeira do Paraguai é única por ter desenhos diferentes na frente e no verso. A frente apresenta o brasão nacional, enquanto o verso exibe o selo do Tesouro do país, uma característica rara entre as bandeiras nacionais.

Mais antiga

A bandeira dinamarquesa, conhecida como Dannebrog, detém o título de emblema nacional mais antigo do mundo a ser utilizado continuamente. As suas origens remontam a 1219, o que faz dela um símbolo histórico, que resiste ao teste do tempo há mais de 800 anos.

Com indicador de guerra

A bandeira das Filipinas tem um sinal de guerra incorporado: em tempo de paz, a faixa azul é exibida no topo, mas se a nação estiver em guerra, a bandeira é invertida, colocando a faixa vermelha no topo como um aviso.

Totalmente verde

Entre 1977 e 2011, a Líbia teve a bandeira nacional mais simples da história: um campo verde liso, sem símbolos ou marcas. Era a única do mundo constituída por apenas uma cor, representando a ideologia política do antigo líder, Muammar Gaddafi.

Em constante mudança

A bandeira dos Estados Unidos evoluiu 27 vezes desde a sua criação, em 1777. Cada versão acrescentou estrelas para representar novos estados, o atual desenho com 50 estrelas, inalterado desde que o Havai aderiu à união, em 1960.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – balão de interrogação; 2 – chifre do diabo; 3 – nariz; 4 – banco; 5 – colúmbio do médico; 6 – caixa; 7 – gaveta; 8 – quadro; 9 – rabo do diabo.